

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

AS RELAÇÕES ENTRE HOMICÍDIO E A SEGREGAÇÃO URBANA: ESTUDO DO
BAIRRO DE JARDIM CARAPINA, SERRA, ES

BONIFACIO RANGEL VILELA FILHO

VILA VELHA
MARÇO/2017

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

**AS RELAÇÕES ENTRE HOMICÍDIO E A SEGREGAÇÃO URBANA: ESTUDO DO
BAIRRO DE JARDIM CARAPINA, SERRA, ES**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como requisito do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, para obtenção do grau de Mestre Profissional em Segurança Pública.

BONIFACIO RANGEL VILELA FILHO

VILA VELHA
MARÇO/2017

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

V695r Vilela Filho, Bonifacio Rangel.
As relações entre homicídio e a segregação urbana: estudo do bairro de jardim carapina, Serra, ES / Bonifacio Rangel Vilela Filho. – 2017.
114 f.: il.

Orientadora: Michelly Ramos de Angelo.
Dissertação (mestrado em Segurança Pública) -
Universidade Vila Velha, 2017.
Inclui bibliografias.

1. Segurança pública. 2. Violência. 3. Homicídio
I. Angelo, Michelly Ramos. II. Universidade Vila Velha.
III. Título.

CDD 363.3

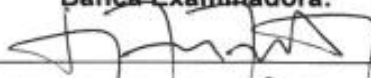
BONIFACIO RANGEL VILELA FILHO

**AS RELAÇÕES ENTRE HOMICÍDIO E A SEGREGAÇÃO URBANA:
ESTUDO DO BAIRRO DE JARDIM CARAPINA, SERRA, ES**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, para obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública.

Aprovado em 21 de março de 2017.

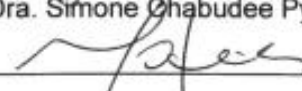
Banca Examinadora:



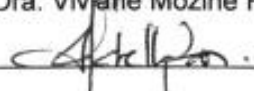
Prof. Dr. Vitor Amorim de Ângelo (UUV)



Profa. Dra. Simone Chabudee Pylro (UUV)



Profa. Dra. Viviane Mozine Rodrigues (UUV)



Profa. Dra. Michelly Ramos de Angelo (UUV)
Orientadora

Dedico esta pesquisa ao bom Deus, à minha família,
aos meus amigos e aos companheiros da Polícia
Militar do Espírito Santo.

AGRADECIMENTOS

À Deus nos conceder a vida e permitir o desenvolvimento de minhas atividades com saúde e alegria.

À minha mãe Isabel, que é minha inspiração de vida, seus exemplos ajudaram a forjar meu caráter e a tomada de minhas decisões. Sempre apoiando, seja em qual fosse a atividade, dentre elas, a realização deste mestrado.

À minha noiva Patrícia, minha companheira, sempre presente e incentivando em todos momentos, ajudando com dicas e correções textuais. Pela paciência e compreensão nas minhas ausências.

À minha família, pois cada um de sua forma e momento contribuiu para que eu cumprisse mais essa etapa da minha vida, minha amada irmã Naiara, os meus sogros, Marcial e Marli, meus cunhados, Rafael e Rafael (rs), minhas tias e primos.

À orientadora Michelly De Angelo pela franqueza e incentivo, demonstrando sempre muito cuidado acadêmico e pessoal, pela sinceridade em dizer o que eu precisava ouvir; também, pelas palavras de incentivo que me encorajaram a concluir esta etapa.

Às alunas bolsistas de Iniciação Científica da UVV, Pesquisa Institucional “Insegurança nas Cidades”, Gabriela Siqueira Silva, Paloma Martins Matos e Ellen Souza Dias Andrade, pela ajuda na produção de mapas e visitas de campo no bairro Jardim Carapina, que tornaram possível a pesquisa.

Aos professores do Mestrado Profissional em segurança Pública, mas em especial a professora Viviane Mozzini sempre demonstrou boa vontade em ajudar, opinando, corrigindo e indicando materiais muito úteis. Aos professores Danilo e Henrique que com suas aulas sempre interessantes, contribuíram para o crescimento acadêmico e profissional. À turma do mestrado 2015/01, que caminhou junto comigo, auxiliando em minhas limitações.

Aos colaboradores da SESP/GEAC que de forma prestativa tanto contribuíram com fornecimento de mapas, índices e estatísticas para pesquisa. Sem a colaboração certamente a pesquisa perderia muito em qualidade.

Aos amigos Peterson e Gustavo, pela parceria incondicional, pelo apoio, pelos papos, caminhadas, disponibilidade em ler e ouvir as apresentações decorrentes da pesquisa, pelas contribuições para a produção do trabalho e tantas outras coisas.

À toda turma de Aspirantes 2012 da PMES e PMMG, que sem saber muito atenuavam meu cansaço dos estudos com as brincadeiras no nosso grupo, especialmente aos amigos Bridi, Almeida, Izaias, Sandro, Sidney Junior, Pontes e Tristão.

Aos irmãos da Polícia Militar; ao meu comandante Ten Cel Rodrigo Bulhões e aos membros da equipe "Alfa". Ao Cap Vander, pelos conselhos oportunos e por sempre se preocupar. Em especial, aos irmãos que fiz no Regimento de Polícia Montada; ao Ten Cel Assis e Maj Chisté, pelo incentivo e reconhecimento, sempre com uma visão no futuro; Aos demais oficiais e praça, mas especialmente, Capitão Carlo Marx, Sgt Bandeira, Cabo Alves Marques e Soldado Lamborghinni, pelo considerável apoio, estímulo e conselhos.

RESUMO

VILELA FILHO, Bonifacio Rangel, M.Sc, Universidade Vila Velha – ES, Março de 2017. **As Relações entre Homicídio e a Segregação Urbana: Estudo do Bairro de Jardim Carapina, Serra, ES.** Orientadora: Michelly Ramos de Angelo.

Esta pesquisa busca compreender a relação entre os altos índices de violência e a superposição de carências em determinados contextos urbanos. Especificamente utiliza como recorte metodológico o bairro Jardim Carapina, no município de Serra (ES), que apresentou os mais altos índices de homicídios na Região Metropolitana da Grande Vitória nos anos de 2013 e 2014, e é caracterizado como um bairro de formação espontânea. Dessa forma, a estratégia metodológica utilizada é o estudo de caso do bairro Jardim Carapina, tendo como unidades de análise os homicídios cometidos e as carências relacionadas aos aspectos urbanos e habitacionais do bairro. Tem-se como hipótese de pesquisa que a superposição de carências, tais como a baixa qualidade de infraestrutura, a baixa qualidade das habitações, a baixa renda, a baixa escolaridade, dentre outras concentrações relacionadas à baixa qualidade de vida da população, interferem na dinâmica criminal do bairro Jardim Carapina, em Serra, Espírito Santo, reforçando, ainda mais, um quadro de exclusão sócio espacial e a vulnerabilidade à violência. Para verificação da hipótese de pesquisa foram utilizadas as seguintes estratégias e fontes de informações: leitura e análise de bibliografia sobre o tema (livros, artigos, teses e dissertações), levantamento de dados acerca do município de Serra e do bairro Jardim Carapina e seu processo de evolução urbana, elaboração de mapas com informações sobre a infraestrutura disponível no bairro, pesquisa de campo com levantamento de informações a partir de observação sistemática utilizando uma grade de observação de campo para abordagem metodológica de locais informais, leitura e cruzamento de mapas de homicídio e de infraestrutura do bairro.

Palavras chaves: Espaço Urbano; Desigualdades, Violência; Homicídio; Serra.

ABSTRACT

VILELA FILHO, Bonifacio Rangel, M.Sc, University of Vila Velha – ES, March 2017.
The Relations Between Homicide and Urban Segregation: Study of the Jardim Carapina Neighborhood, Serra, ES. Advisor: Michelly Ramos de Angelo.

This research seeks to understand the relationship between high levels of violence and the overlapping of needs in certain urban contexts. Specifically, it uses as a methodological cut the Jardim Carapina neighborhood in the municipality of Serra (ES), which presented the highest homicide rates in the Greater Vitória Metropolitan Region in 2013 and 2014, and is characterized as a neighborhood of spontaneous formation. In this way, the methodological strategy used is the study of the Jardim Carapina neighborhood case, having as units of analysis the homicides committed and the deficiencies related to the urban and housing aspects of the neighborhood. The hypothesis of the research is that the overlapping of deficiencies, such as the low quality of infrastructure, low quality of housing, low income, low education, among other concentrations related to the poor quality of population life, interfere in the criminal dynamics in the neighborhood of Jardim Carapina, in Serra, Espírito Santo, reinforcing a frame of social and spacial exclusion and violence vulnerability. To verify the research hypothesis, the following strategies and sources of information were used: reading and analysis of literature on the subject (books, articles, theses and dissertations), data collection about the municipality of Serra and Jardim Carapina neighborhood and its process of urban evolution, elaboration of maps with information about the infrastructure available in the neighborhood, field research with survey of information from systematic observation using a grid of field observation for methodological approach of informal places, reading and crossing maps of homicide and Infrastructure of the neighborhood.

Keywords: Urban Space; Inequalities, Violence; Murder; Serra.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Incidência de Crimes de Homicídio no Município de Serra no ano de 2013.....	27
Figura 2 - Mapa de Incidência de Crimes de Homicídios no Município de Serra no ano de 2014.	28
Figura 3 – Mapa de Concentração de Homicídios no bairro Jardim Carapina – Serra – Período: 2013 e 2014.	30
Figura 4 – Mapa de Concentração de Tráfico de Entorpecente no município de Serra – Período: 2014.	36
Figura 5 – Mapa de Concentração de Porte Ilegal de Armas de Serra em 2014.....	38
Figura 6 - Região Metropolitana da Grande Vitória.	46
Figura 7 – Divisão Distrital de Serra.....	48
Figura 8 - Núcleos Urbanos de Serra na década de 1970.....	52
Figura 9 - Dinâmica Urbana de 2010 de Serra.....	54
Figura 10 - Trecho de planta elaborada pela Cohab/ES, ilustrando os conjuntos habitacionais ao sul do distrito de Carapina.....	62
Figura 11 - Mapa de proximidade do Bairro Jardim Carapina do ano 2016.....	63
Figura 12 - Fotos Aéreas de Jardim Carapina dos anos 1978, 1998, 2005 e 2012.....	64
Figura 13 - Concentração Populacional no município de Serra.....	65
Figura 14 - Mapa de Morfologia Urbana de Jardim Carapina.....	66
Figura 15 - Mapa de GeoMorfologia.....	67
Figura 16 - Mapa de Zonas Especiais de Interesse Social.....	68
Figura 17 – Mapa de Jardim Carapina com Destaque para o Percorso Realizado para Pesquisa.....	70
Figura 18 – Fotografia de Jardim Carapina - Habitações Coletivas e sem Padrões.....	72
Figura 19 – Fotografia de Jardim Carapina – Vias Principais do Bairro.....	72
Figura 20 – Fotografia de Jardim Carapina – Campinho de Futebol.....	74
Figura 21 - Fotografia de Jardim Carapina - Algumas Igrejas do Bairro.....	75
Figura 22 - Fotografia de Jardim Carapina – Curso de Água.....	77
Figura 23 - Fotografia de Jardim Carapina - Escadarias de Jardim Carapina....	77

Figura 24 - Fotografia de Jardim Carapina – Via e Curso de Água Canalizada..	79
Figura 25 - Fotografia de Jardim Carapina – Foramas de “Engajamento” da população.....	80
Figura 26 - Fotografia de Jardim Carapina – Comércio Informal.....	81
Figura 27 – Fotografia de jardim Carapina – Escola e Posto de Saúde.....	82
Figura 28 – Fotografia de Jardim Carapina – Fiação de Rede Elétrica Desordenada.....	83
Figura 29 - Fotografia de Jardim Carapina–Torres de Alta Tensão Próximas as Habitações.....	84
Figura 30 - Fotografia de Jardim Carapina.....	86
Figura 31 - Mapa Síntese de Jardim Carapina.....	91
Gráfico 1 - Homicídios por 100 mil habitantes no Brasil, Espírito Santo, RMGV e Serra, no período de 1990 a 2010.....	23
Gráfico 2 - Evolução do IDHM – Serra –ES.....	25
Gráfico 3 - Evolução da população rural e urbana no Brasil (1950-2000).....	44
Gráfico 4 - Gráfico de migração em % da população do Espírito Santo do meio Urbano e Rural.....	50
Gráfico 5 - Crescimento populacional do município da Serra de 1960 ao ano de 2010.....	53
Gráfico 6 – Participação dos homicídios por região.....	56
Quadro 1 - Número Absoluto e Relativo por 100 mil Habitantes de Homicídio Ocorridos em 2013 e 2014	12
Quadro 2 - Parte da grade de observação de campo para abordagem metodológica de locais informais (adaptado de Caterine Reginensi, 2015).....	17
Quadro 3 – Crimes Letais Intencionais em números absolutos na RMGV nos anos de 2013 e 2014.....	26
Quadro 4 - Homicídios por bairro no município de Serra em 2013 e 2014, selecionados os 14 com mais homicídio.....	31
Quadro 5 – Homicídios nos Bairros Vila Nova de Colares e Jardim Carapina.	32
Quadro 6 - Homicídios em Jardim Carapina por Cor da Pele.....	39
Quadro 7 - Homicídios em Jardim Carapina por Sexo.....	39
Quadro 8 - Homicídios em Jardim Carapina por Idade.....	41
Quadro 9 - Homicídios no Município de Serra de 2006 até 2014.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RMGV - Região Metropolitana da Grande Vitória

ES - Espírito Santo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UVV - Universidade Vila Velha

SESP - Secretária de Segurança Pública e Defesa Social do Espírito Santo

IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves

CVRD - Companhia Vale do Rio Doce

OMS - Organização Mundial da Saúde

APP - Área de Preservação Permanente

GEAC - Gerência de Estatística e Análise Criminal

PMES - Polícia Militar do Espírito Santo

PCES - Polícia Civil do Espírito Santo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A VIOLÊNCIA LETAL	21
1.1 Contextualização da Violência Letal	21
1.1.1 Caracterização da violência letal em Jardim Carapina	32
1.1.2 O Homicídio de Jovens em Jardim Carapina	40
2 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS.....	43
2.1 O Processo de Industrialização e Expansão Urbana do município de Serra (ES)	43
2.2 Criminalidade e Violência Urbana	57
3 O BAIRRO JARDIM CARAPINA.....	60
3.1 Formação Social, Econômica, Ambiental e Espacial do Bairro Jardim Carapina, Serra-ES	60
3.2 Grade de Observação de Campo para Abordagem Metodológica de Locais Informais e Fotografias	69
3.2.2 Critérios Urbanísticos Levantados.....	73
3.2.3 Critérios Sócio-Antropológicos Levantados.....	79
3.2.4 Critérios Sociopolíticos	82
3.2.5 Critérios Transversais.....	84
3.3 As Relações Entre Violência Urbana e as Vulnerabilidades em Jardim Carapina	87
3.4 A polícia em Jardim Carapina.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	102
ANEXO I – GRADE DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO DE LOCAIS INFORMAIS.....	108

INTRODUÇÃO

Pesquisas recentes que buscam compreender a associação entre espaço urbano e criminalidade têm destacado que lugares de maior desigualdade socioeconômica e de carências na infraestrutura e nos serviços urbanos podem potencializar a ocorrência da criminalidade violenta, especialmente os homicídios (HUGHES, 2004; RAMAO e WADI, 2010; SOUZA, 2010), existindo, dessa forma, uma íntima associação entre questões de segregação socioespacial e expansão da violência. Tal relação pode ser melhor desvelada pelo estudo do percurso histórico de ampliação da desigualdade social, que apresenta características diversas de acordo com as especificidades territoriais e urbanas.

Pesquisas no Brasil, algumas delas utilizando a estratégia de estudo de caso, tem analisado a espacialização das ocorrências criminais com dados agregados por distritos ou bairros, que permitem relacionar o número de ocorrências às variáveis socioeconômicas (CAMPOS, 2007; SANTOS e RAMIREZ, 2009; RAMÃO e WADI, 2010; LOBO e GUIMARÃES, 2013; CHAGAS, SILVA e SILVA, 2014).

No Brasil, ocorre uma grande concentração de crimes violentos nas grandes regiões metropolitanas. As regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro, que são as duas maiores metrópoles do Brasil, concentram 40% dos homicídios, embora tenham somente 18% da população brasileira (IBGE, 2004; DATASUS, 2007). E, ainda, cerca de 20% das mortes violentas acontecem em menos de 2% da área geográfica dos centros urbanos (CRISP, 2000).

O estado do Espírito Santo (ES) se destaca negativamente quando o assunto é homicídio. O estado teve a maior taxa de violência letal por cem mil habitantes da região Sudeste do país, e registrou a oitava maior taxa do Brasil nos anos de 2013 e 2014. O número absoluto de homicídios no estado, em 2013, foi de 1.564 e, em 2014, foi de 1.529, mas vale ressaltar que apenas algumas poucas cidades da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV)¹ concentraram a maior parte deste número (BRASIL, 2016).

¹ A RMGV foi constituída por meio das Leis Complementares Estaduais Nº 58/95, 159/99 e 204/01. Atualmente é composta pelos municípios de Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha, Vitória, Fundão e Guarapari, sendo que os cinco primeiros formam a Aglomeração da Grande Vitória, que se caracteriza como uma típica conurbação. Institui a Região Metropolitana da Grande Vitória.

Na RMGV, compreendida pelas cidades de Vitória, Vila Velha, Viana, Cariacica, Guarapari, Fundão e Serra (ESPÍRITO SANTO, 2005), foram registrados, no ano de 2013, 983 casos de homicídio e, em 2014, foram 993.

O município de Serra mesmo quando comparado com outros municípios da RMGV apresenta taxas muito elevadas: no ano de 2013 ocorreram 350 homicídios e em 2014 foram 349, número que fez com que Serra concentrasse aproximadamente 35% dos homicídios registrados na RMGV somando os anos de 2013 e 2014, conforme informações levantadas junto à Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (2015) e Atlas da Violência 2016 (2016).

Quadro 1 - Número Absoluto e Relativo por 100 mil Habitantes de Homicídio Ocorridos em 2013 e 2014

	HOMICÍDIOS EM NÚMERO ABSOLUTO/NÚMERO RELATIVO POR 100 MIL HABITANTES	
	2013	2014
BRASIL	57.396 / 28,3	59.627 / 29,1
ESPÍRITO SANTO	1564 / 40,7	1529 / 39,4
RMGV	983 / 52,17	993 / 52,72
SERRA	350 / 73,46	349 / 72,4

Fonte: SESP; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Dentro do município de Serra, um dos bairros que chama atenção quanto ao alto número de homicídios é o de Jardim Carapina, objeto de estudo desta pesquisa. O bairro tem destaque por ser um dos que possui os maiores índices de homicídio. Encontra-se inserido em uma das cidades mais violentas do país, Serra, e dentro de um país que é destaque negativo mundial com relação à quantidade de mortes violentas.

Conforme já ressaltado, as altas taxas de violência e criminalidade são fenômenos que estão diretamente relacionados ao desenvolvimento e às condições socioeconômicas e espaciais das cidades. Embora não seja o objetivo geral dessa

pesquisa, uma vez que está delimitada a compreensão do espaço urbano e a sua relação com a criminalidade, deve-se considerar no estudo sobre o fenômeno violência, outras variáveis de origem e natureza diversas, mas, especialmente, econômico-sociais, tais como a disseminação das armas letais e os valores ligados à banalização da vida; a valorização imediatista do consumo para alcançar o "respeito" social; e a extrema pauperização que contribui para o aumento das agressões e crimes contra a pessoa e o patrimônio, por exemplo (HUGHES, 2004).

A partir do levantamento da bibliografia sobre o fenômeno que relaciona espaço urbano e criminalidade, e de pesquisas que apontam que há uma estreita relação entre superposição de vulnerabilidades sociais e criminalidade violenta, e da prévia leitura da realidade do bairro de Jardim Carapina, onde se verifica tal relação, destaca-se a seguinte **questão principal de pesquisa**: em que medida fatores relacionados a desigualdades socioeconômicas, de infraestrutura e serviços urbanos podem estar relacionados à alta incidência de homicídios no bairro de Jardim Carapina?

Coadunando, possivelmente, com os estudos já realizados sobre o tema em outras localidades do país, temos como **hipótese** para a pergunta principal da pesquisa que: a “superposição de carências”, tais como a baixa qualidade de infraestrutura, a baixa qualidade das habitações, a baixa renda, a baixa escolaridade, dentre outras concentrações relacionadas a baixa qualidade de vida da população, interferem na dinâmica criminal do bairro Jardim Carapina, em Serra, Espírito Santo, reforçando, ainda mais, um quadro de exclusão sócio espacial.

O **objetivo** da pesquisa é analisar a relação entre os homicídios cometidos no bairro Jardim Carapina do município de Serra (ES) durante os anos de 2013-14 e a sua relação com o processo de ocupação da área bem como com as características socioeconômicas do local, dando ênfase aos aspectos urbanos e habitacionais.

Para responder a pergunta levantada e confirmar/confrontar a hipótese inicial de pesquisa, tem-se como **objetivo geral**: compreender os homicídios cometidos no bairro Jardim Carapina do município de Serra (ES) durante os anos de 2013-14 e a

sua relação com o processo de ocupação da área bem como com as características socioeconômicas do local, dando ênfase aos aspectos urbanos e habitacionais.

Os **objetivos específicos**, que cooperam para o objetivo geral, são:

- Identificar e espacializar os homicídios em Jardim Carapina e as possíveis causas desse fenômeno;
- Compreender como se deu o processo de formação e crescimento do bairro Jardim Carapina;
- Identificar variáveis tais como índice de desenvolvimento humano, infraestrutura, perfil populacional, número e tipos de equipamentos públicos;
- Analisar a dinâmica da criminalidade do bairro, considerando as características social, econômicas, ambiental e espacial.

O interesse pela temática surge da inquietação do pesquisador com relação ao bairro estudado, após dois anos, 2013 e 2014, atuando diretamente no referido local como agente de segurança pública e identificando que as ações policiais pouco contribuíram, apesar de muito esforço, para melhorar as condições e qualidade de vida da população daquele bairro. O recorte de tempo utilizado foram os anos de 2013 e 2014, pois se fosse utilizado apenas alguns meses ou um ano, os dados poderiam não apresentar a realidade do bairro e um período maior poderia inviabilizar a pesquisa, cabe ressaltar, também, que os dados nacionais mais atuais no final do ano de 2016, são os dados do ano de 2014.

A **estratégia geral da pesquisa** é o estudo de caso do bairro Jardim Carapina, tendo como unidades de análise os homicídios cometidos e as carências relacionadas aos aspectos urbanos e habitacionais do bairro de Jardim Carapina, na Serra, uma vez que, conforme destacado, traz a possibilidade de evidenciar a hipótese desta pesquisa, que relaciona áreas vulneráveis do espaço urbano – onde há ocupação informal, a infraestrutura é insuficiente, e vive-se no limite de áreas fragilizadas – aos altos índices de criminalidade. A estratégia de estudo de caso é recomendada quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos dentro de um contexto da vida real (YIN, 2001).

Dentre as justificativas para a pesquisa, além da anteriormente apresentada, que diz respeito ao alto índice de homicídios do bairro, tem que ser considerado, de forma mais geral e também importante, o fato de a Segurança Pública ser uma necessidade das mais básicas da sociedade brasileira. O dispositivo constitucional prevê:

Art. 144 – A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos: [...]. (BRASIL, 1998)

A segurança pública é dever do estado, mas compromisso, direito e responsabilidade de todos. Portanto, são necessárias informações confiáveis e atualizadas para que o assunto seja tratado com responsabilidade e de forma integrada. Outra justificativa para esta pesquisa é a necessidade da construção de uma confrontação entre os dados estatísticos com os indicadores sociais, econômicos e espaciais.

Para o estudo proposto, foram utilizadas as seguintes estratégias metodológicas e informações: leitura e análise de bibliografia sobre o tema (livros, artigos, teses e dissertações), levantamento de dados e documentos acerca do município da Serra e do bairro Jardim Carapina e seu processo de evolução urbana, elaboração de mapas com informações sobre a infraestrutura disponível no bairro, leitura e cruzamento de mapas de homicídio e de infraestrutura do bairro.

Para atingir os objetivos apresentados, foram utilizados os seguintes **procedimentos técnicos**:

Etapa 1: Revisão da literatura - análise da relevância científica – caracterização do objeto de estudo e coleta de dados a partir a partir de documentos.

- a) Levantamento da bibliografia fundamental (em artigos, teses, dissertações e livros) sobre a relação entre a organização do espaço urbano e criminalidade em base de dados, biblioteca da Universidade Vila Velha

(UVV), e para elaboração de conceitos precisos associados ao estudo, tais como criminalidade violenta, segregação sócio espacial.

- b) Pesquisa bibliográfica e levantamento de dados sobre evolução urbana na região de Serra e do recorte estudado, bem como da legislação urbanística existente, que será realizada em base de dados, nas bibliotecas da UVV e na Prefeitura Municipal da Serra.
- c) Levantamentos bibliográfico e documental que diz respeito aos índices da região, especialmente entre os anos de 2013-14, tais como: taxas de homicídio, densidade e aumento demográfico, índice de desenvolvimento humano, crescimento do bairro, perfil populacional e número e tipos de equipamentos públicos. Os índices foram buscados junto a Secretária de Segurança Pública e Defesa Social do Espírito Santo (SESP), IBGE, Prefeitura Municipal de Serra e Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN).
- d) Levantamento e análise de mapas da RMGV, de homicídios no Espírito Santo e Serra, com o objetivo de compreender como o crime se concentra nos diversos espaços. Os mapas foram elaborados e obtidos juntos à SESP/GEAC, IBGE, IJSN, prefeitura de Serra e trabalhos acadêmicos. Os mapas da SESP/GEAC tiveram contribuição direta, em sua elaboração, do pesquisador que foi ao local de confecção deles diversas vezes durante a pesquisa para apoiar e contribuir. Foram utilizadas, principalmente, a informações referentes aos anos de 2013-14.

Etapa 2: Coleta de dados em visita de campo

Com o objetivo de melhor caracterizar a área de estudo, foram realizadas visitas de campo² para compreensão dos aspectos urbanos, habitacionais, sociais, econômicos, ambientais da área. Foram levantadas informações em campo que juntamente com as levantadas na Etapa 1, subsidiaram as análises realizadas. Para entender o local foram coletados ou elaborados os seguintes mapas:

² Uma das visitas foi realizada com equipe de pesquisa vinculada ao projeto desenvolvido na pesquisa “Insegurança nas Cidades”, 2016, realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Segurança Pública.

- a) Mapa de Proximidade: Definindo a localização do bairro em relação aos pontos de referência próximos.
- b) Mapa de Morfologia Urbana.
- c) Mapa de Geomorfologia.
- d) Mapa de Zonas Especiais de Interesse Social.
- e) Mapa de Homicídios por Região de Serra em 2013 e 2014.
- f) Mapa de Homicídio de Jardim Carapina 2013 e 2014.
- g) Mapa Concentração de Tráfico de Entorpecente em Serra em 2014.
- h) Mapa Concentração de porte ilegal de arma de fogo em Serra em 2014.

Dentre os **instrumentos de coleta de dados**, além de mapa da área e quadro contendo as categorias mencionadas nos mapas temáticos (Etapa 2), foi utilizada a “Grade de Observação de Campo para Abordagem Metodológica de Locais Informais”, que foi construída e cedida pela pesquisadora Catherine Reginensi³, sendo adaptada de acordo com o contexto estudado. A grade facilita mapear os diversos riscos aos quais as populações da área estão expostas e os atores sociais presentes na área de estudo (Quadro 2 e Anexo I).

Quadro 2 - Parte da grade de observação de campo para abordagem metodológica de locais informais (adaptado de Catherine Reginensi, 2015).

Critérios e Indicadores

Critério Arquitetônico	Indicadores associados: Tipo de habitação; Tipo de materiais utilizados; Arquitetura / identidade, habitação e Custo de construção;
Critério Urbanístico	Redes de infraestruturas e dos fluxos; Caminhos, passagens;

³ Catherine Reginensi é socióloga, pesquisadora é professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Durante agosto de 2015 ministrou um minicurso sobre método de observação de campo intitulado “Métodos de pesquisa qualitativa: a observação”, no qual apresentou e exercitou a grade em campo. Esta grade será adaptada ao caso de estudo deste projeto e será utilizada como estratégia de observação de campo nesta pesquisa.

Critério Socio-Antropológico	Estatutos, ocupação e apropriação do espaço; Atividades econômicas desenvolvidas e rendas;
Critério sócio-político	Presença de serviço público no local: escolas, centro de saúde, instalações de proximidade;
Critério transversal: Tráfico de drogas e violência; meio ambiente;	
Indicadores associados: solos, transportes, escadarias e vielas, saneamento, lixo, meio ambiente na cidade (perto do rio, manguezal, trilhas) zona de inundação, riscos ligados tráfico de drogas, tráfego urbano (rua, avenidas, rodovias, ônibus, carros,...)	

Fonte: (adaptado de Caterine Reginensi, 2015).

Os critérios da grade utilizados geram indicadores e outras categorias, tais como composição e organização das habitações, características do terreno, forma de ocupação de espaços urbanos e espaço de uso público e tipos de negócios observados no local e apropriação dos espaços e lugares públicos e como se dá a dinâmica da relação entre o bairro e espaços contidos nele que serão apresentados no capítulo “O BAIRRO JARDIM CARAPINA”.

Após coleta de dados na área de estudo, os mapas foram elaborados em programas computacionais, tais como Autocad e ArcGis, que permitiram a sobreposição de algumas informações. Nos mapas foram destacados, também, de forma geral, áreas de preservação e tipo de ambiente, verificando se o bairro está inserido em área ambientalmente frágil.

Para a etapa de coleta de dados e elaboração dos mapas, a pesquisa contou com a colaboração de alunos de Iniciação Científica da UVV, da área de arquitetura e urbanismo.

Etapa 3: Cruzamento dos mapas e interpretação dos dados

Para a análise espacial de dados pontuais, foram utilizados dois procedimentos:

- a) Análise de *mapas de cor* que evidenciam a maior ou menor incidência de homicídio entre os anos de 2013-14. Os mapas de calor da criminalidade podem ser compreendidos como determinados locais ou agrupamento de

delitos que apresentam certa frequência de ocorrência que pode, por sua vez, perdurar por diferentes períodos de tempo (SHERMAN, 1995; WEISBURD e TELEP, 2014). No caso, as locações dos homicídios foram identificados por pontos localizados no mapa.

- b) Elaboração do *Mapa Síntese* a partir do cruzamento dos mapas elaborados na Etapa 2, com o objetivo de obter uma mais ampla visão da área de estudo. Dessa forma, as principais informações que dizem respeito à baixa qualidade de infraestrutura, habitacional e ambiental, serão apresentadas em um único mapa, que por sua vez trará informações das áreas de ocorrência de homicídio.

Etapa 4: Análise dos dados e construção da explicação

A análise foi desenvolvida por meio do cruzamento dos mapas e da interpretação cartográfica, de dados criminais, informações sociais, econômicas e dados referentes à distribuição espacial de equipamentos e serviços, que proporcionaram a compreensão das estruturas, processos, formas e funções da área de estudo.

A união das diferentes vertentes balizadoras da pesquisa possibilitou a correlação das teorias estudadas, documentos analisados com os dados verificados e produzidos.

O estudo possibilitou o preenchimento da lacuna de conhecimento, pois não há nenhuma análise no sentido de comparação entre a estrutura do espaço social com os índices criminais no bairro Jardim Carapina, além de verificar se a dinâmica da área estudada se aproxima dos estudos de caso realizados em outras instituições do país, contribuindo para a produção do conhecimento sobre o tema.

1.3 Estrutura do Trabalho

A presente pesquisa está elaborada em três capítulos. O primeiro deles busca apresentar a definição e a caracterização do homicídio, partindo do campo macro, o Brasil, até o micro, o bairro Jardim Carapina. Por meio de gráficos, mapas de calor e

quadros de comparações busca-se espacializar, caracterizar e identificar a violência letal no município e, principalmente, no bairro.

O segundo capítulo aborda de forma mais detalhada o processo de desenvolvimento industrial e crescimento urbano no estado do Espírito Santo e cidade de Serra. As temáticas sobre erradicação dos cafezais, dos projetos industriais, crescimento urbano (populacional) acentuado, serão aqui abordados. Busca-se apontar e analisar as principais consequências que esse processo de urbanização trouxe, relacionando o tema com as questões da criminalidade e violência urbana.

Já o terceiro capítulo tem sua centralidade referenciada no bairro Jardim Carapina, bem como sua formação, social, política e econômica e nas suas peculiaridades, apresentando indicadores de desigualdade socioespaciais para análise, dentre os quais, renda, equipamentos urbanos, taxas de violência, índice de desenvolvimento, vulnerabilidades dentre outros oriundos da base de dados de diversos órgãos (IBGE, IJSN, SESP, GEAC IPEA, Secretarias municipais e outros).

1 A VIOLÊNCIA LETAL

Neste capítulo será trabalhada a definição e a caracterização do homicídio, sendo realizada uma contextualização da situação do Brasil em relação ao mundo, do Espírito Santo em relação aos demais estados, da RMGV em relação ao estado, do município de Serra em relação aos demais municípios, por fim, e de forma mais específica, do bairro Jardim Carapina em relação aos demais bairros de Serra.

Por meio de informações do GEAC, IBGE e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública foram produzidos e apresentados mapas, tabelas e gráficos que facilitam a compreensão da situação pela qual passa a região estudada e, assim, identificar e espacializar os homicídios na cidade de Serra e em Jardim Carapina e as possíveis causas desse fenômeno.

1.1 Contextualização da Violência Letal

De acordo com o relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), em 2012, o Brasil ficou na 11^o posição como país com maior taxa de homicídios do mundo. De acordo com a agência da Organização das Nações Unidas, a taxa de homicídios no Brasil se aproxima de casos como o da África do Sul e da Colômbia (ONU, 2014).

A OMS ainda destaca que a taxa aceitável de homicídios é de 10 para cada 100 mil habitantes. No ano de 2014, o Brasil atingiu uma marca recorde de homicídios, pois segundo os registros, ocorreram no país o total de 59.627 homicídios, uma média de 29,1 para cada grupo de 100 mil habitantes, o que representa uma alta de 21,9% em comparação aos 48.909 registrados em 2003. Foi também a maior taxa já registrada na história do país, e representa uma alta de 10% em comparação à média de 26,5 registrada em 2004 (BRASIL, 2016).

Para compreender as definições da estatística, é importante caracterizar o termo homicídio. No campo jurídico, para o Código Penal Brasileiro, o homicídio é abordado nos artigos 121 a 128 e está incluído nos crimes contra a pessoa e no capítulo dos crimes contra a vida. Alguns dos tipos abordados são: homicídio

simples (com pena de 6 a 20 anos), homicídio qualificado (pena de 12 a 30 anos) e homicídio culposo (detenção de 1 a 3 anos).

Considerando os demais conceitos e definições, com o objetivo de padronizar as estatísticas produzidas pelas Unidades Federativas do país, no ano 2006, a Secretária Nacional de Segurança Pública⁴ (SENASP) criou a sigla CVLI, que significa Crimes Violentos Letais Intencionais, com a finalidade de agregar os crimes de maior relevância social - pois além do homicídio doloso outros crimes também devem ser contabilizados nas estatísticas referentes a mortes. Portanto, fazem parte dos CVLI homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte, “na forma dolosa”, e o roubo seguido de morte (latrocínio). O estado do Espírito Santo, assim como grande parte das Unidades Federativas do Brasil, adota os critérios da SENASP para definir o homicídio, porém, alguns outros estados não adotam estes critérios, fato que traz inconsistências quando são feitas comparações entre diferentes estados, pois a metodologia diferente é capaz de alterar a fidelidade dos números e taxas que são apresentados.

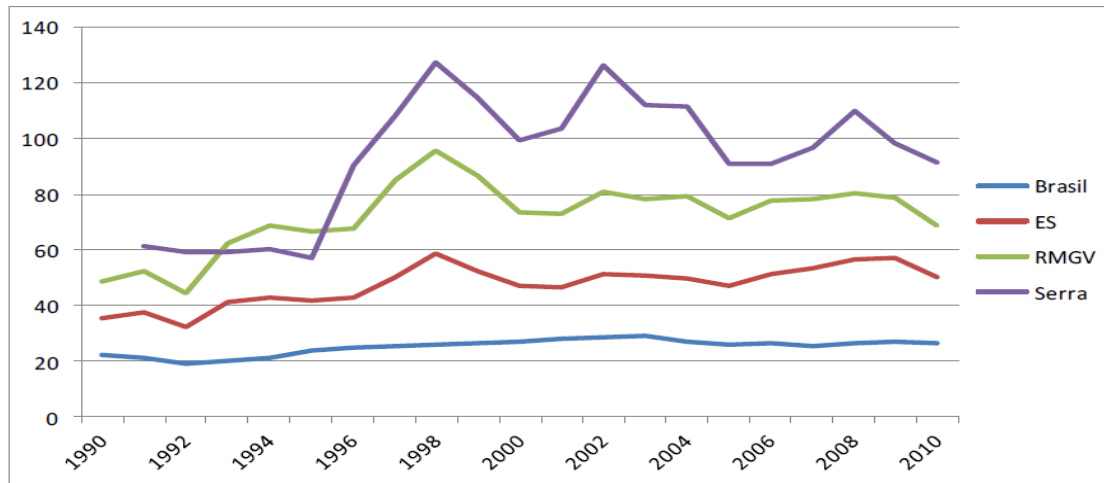
O Brasil apresenta altas taxas de Crimes Violentos Letais Intencionais, porém, o Espírito Santo, a RMGV e, principalmente, o município de Serra conseguem superar esses altos índices do país.

No Gráfico 4 é feita a comparação entre as taxas de homicídios para cada 100 mil habitantes no Brasil, Espírito Santo, RMGV e Serra de 1990 à 2010. Observa-se que, de fato, os índices no município de Serra são muito elevados, principalmente nos picos dos anos de 1998 e 2003. Esses elevados números colaboraram negativamente para o aumento das taxas na RMGV e no estado do Espírito Santo. O estado tem situação crítica, uma vez que, pelo menos nos últimos 25 anos se manteve acima dos 40 homicídios por 100 mil habitantes, sendo, desta forma, um dos estados mais violentos do país (IJSN, 2014).

⁴ A Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENASP, foi criada pelo Decreto nº 2.315, de 1997. Com atribuições, dentre outras, de realizar e fomentar estudos e pesquisas voltados para a redução da criminalidade e da violência e estimular e propor aos órgãos estaduais e municipais a elaboração de planos e programas integrados de segurança pública, objetivando controlar ações de organizações criminosas ou fatores específicos geradores de criminalidade e violência, bem como estimular ações sociais de prevenção da violência e da criminalidade (BRASIL, 1997).

quando o assunto é violência letal, uma vez que, pelo menos nos últimos 25 anos, o estado se manteve sempre acima dos 40 homicídios por 100 mil habitantes, sendo, desta forma, um dos estados mais violentos do país (IJSN, 2014).

Gráfico 1 - Homicídios por 100 mil habitantes no Brasil, Espírito Santo, RMGV e Serra, no período de 1990 a 2010.



Fonte: SIM/ SVS/ MS

De acordo com estatísticas do GEAC (2015), observa-se que algumas poucas cidades do interior do estado têm índices de homicídio acima de 40 homicídios por 100 mil habitantes, mas na maioria das cidades do interior as taxas não chegam 10 homicídios por 100 mil habitantes, porém, na maioria das cidades da RMGV as taxas de homicídio são ficaram acima 30 homicídios por 100 mil habitantes.

Considerando os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2016) e GEAC (2015), no ano de 2014, do total de 1529 homicídios que registrado no Espírito Santo, 415 ocorreram na Região Norte do estado, 121 ocorreram na Região Sul e somente a RMGV concentrou 993 homicídios.

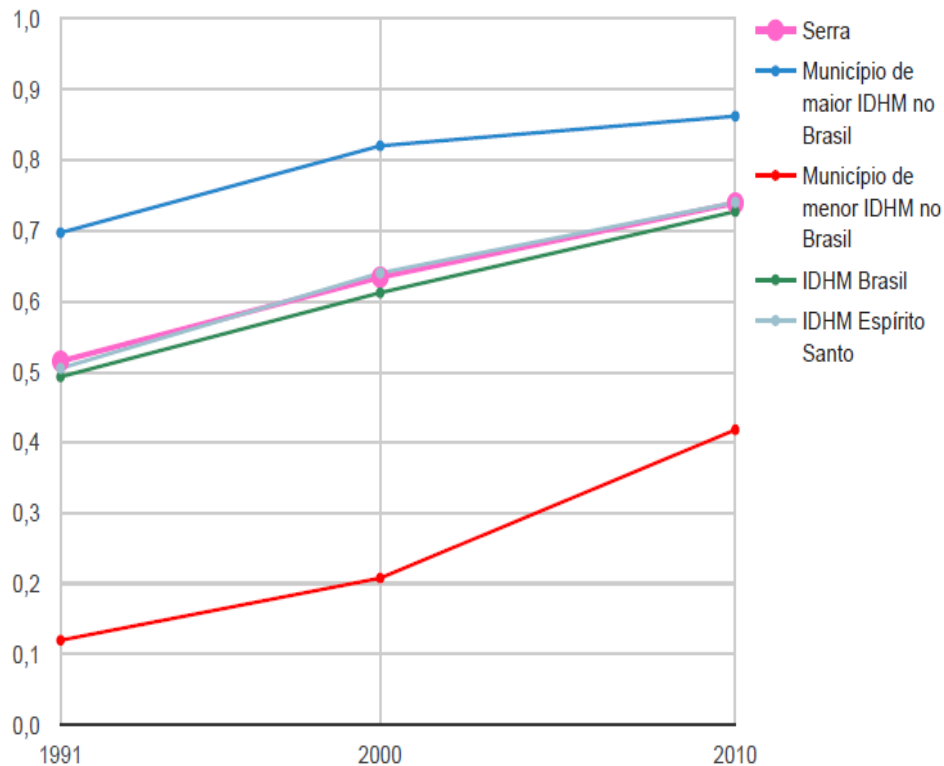
Destaca-se a heterogeneidade do homicídio no estado. Enquanto algumas cidades apresentam números que extrapolam a média nacional, outras permanecem dentro dos padrões aceitáveis, ou seja, menos de 10 homicídios por 100 mil habitantes, já alguns outras poucas cidades, sendo elas Apiaca, Bom Jesus do Norte, Divino de São Lourenço, Dores do Rio Preto e Jerônimo Monteiro, no ano de 2014, não apresentaram a ocorrência de nenhum homicídio (GEAC, 2016).

Neste contexto o município de Serra se destaca como sendo a cidade com as maiores taxas de homicídios do estado. Ocorreram períodos entre os anos de 1998 e 2008 em que a taxa de homicídio ultrapassou em 10 vezes o aceitável pela OMS.

Apesar de apresentar números tão negativos quando o assunto é violência letal, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal⁵(IDHM) da cidade de Serra é alto. Conforme Atlas do Desenvolvimento Brasileiro (2013), enquanto a média do Espírito Santo era de 0,740 em 2010, o município de Serra estava com 0,739, o que é considerado alto, apesar de ser pior que as taxas de Vitória e Vila Velha, com 0,845 e 0,800, respectivamente. Serra tinha a sétima melhor taxa do Espírito Santo, a frente de cidades como Guarapari, com 0,731, Cariacica, com 0,718 e Fundão, com 0,718, além de ocupar 795^a posição entre os 5.565 municípios brasileiros.

O Gráfico 2 mostra comparação e evolução do IDHM de Serra, do Espírito Santo, do Brasil e dos municípios do país de maior e menor IDHM. Os dados consideram as informações mais recentes divulgadas pelo Atlas do Desenvolvimento Brasileiro que partem de do ano de 1991 até 2010. Porém, vale destacar que, mesmo com o IDHM classificado como alto e melhor do que de muitas cidades do Espírito Santo, quando o assunto é violência letal, o município de Serra apresenta as piores taxas do estado. Conforme explicado em nota de rodapé, a violência não é um dos critérios considerados pelo IDHM.

⁵ Para Atlas do Desenvolvimento Brasileiro, (2013) o IDHM brasileiro considera as mesmas três dimensões do IDH Global – longevidade, educação e renda, mas vai além, pois adéqua a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais. Embora meçam os mesmos fenômenos, os indicadores levados em conta no IDHM são mais adequados para avaliar o desenvolvimento dos municípios e regiões metropolitanas brasileiras. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) incluindo seus três componentes, IDHM Longevidade, IDHM Educação e IDHM Renda.

Gráfico 2 - Evolução do IDHM - Serra - ES

Fonte: IBGE, (2010) Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/serra

A situação do município de Serra é grave mesmo quando analisados os índices de homicídio comparados aos demais municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória, pois o quadro negativo do município permanece com o passar dos anos e ele apresenta quantidade absoluta de Crimes Letais Intencionais muito superior a dos demais municípios da mesma região.

As comparações entre os municípios da RMGV feita dos anos de 2013 e 2014 seguem no Quadro 3, apresentado a seguir, que mostra os Crimes Letais Intencionais por municípios da RMGV nos anos de 2013 e 2014, através dela é possível fazer a comparação entre os municípios e dos anos de 2013 e 2014. Por meio da comparação verifica-se que a cidade de Serra é destaque negativo, pois acumulou o total de 699 homicídios, enquanto a segunda cidade com maior número, Cariacica, ficou com o total de 423 e a terceira, Vila Velha, com 413 homicídios. Serra permanece muito à frente dos demais municípios da RMGV, com 34,5% do total de homicídios nos anos de 2013 e 2014 concentrando a acumulou mais um terço da violência letal de toda a Região Metropolitana.

Quadro 3 - Crimes Letais Intencionais em números absolutos na RMGV entre 2013 e 2014.

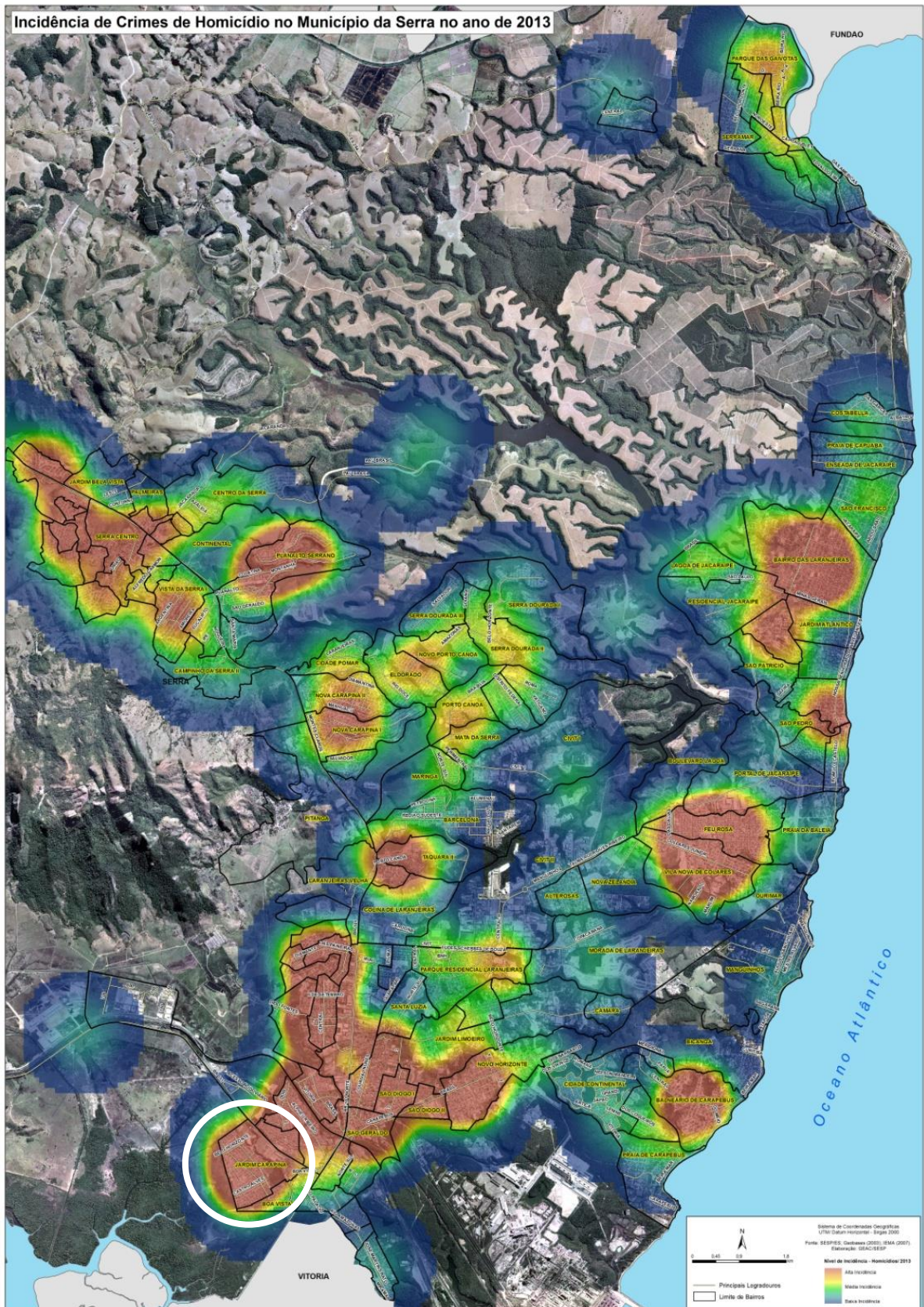
CRIMES LETAIS INTENCIONAIS EM NÚMEROS ABSOLUTOS NA RMGV ENTRE 2013 E 2014.		
MUNICÍPIO	ANO	
	2013	2014
*SERRA	350	349
CARIACICA	199	224
VILA VELHA	194	219
VITORIA	168	131
GUARAPARI	39	43
VIANA	22	12
FUNDAO	11	15
TOTAL	983	993

Fonte: SESP/GEAC (Adaptado pelo autor), (2015)

Em 2014, o município de Serra teve destaque com a alta taxa de 72,4 homicídios por 100 mil habitantes, sendo o índice mais negativo do período, sendo considerada a cidade com o maior número de violência letal de todas da região sudeste (BRASIL, 2015).

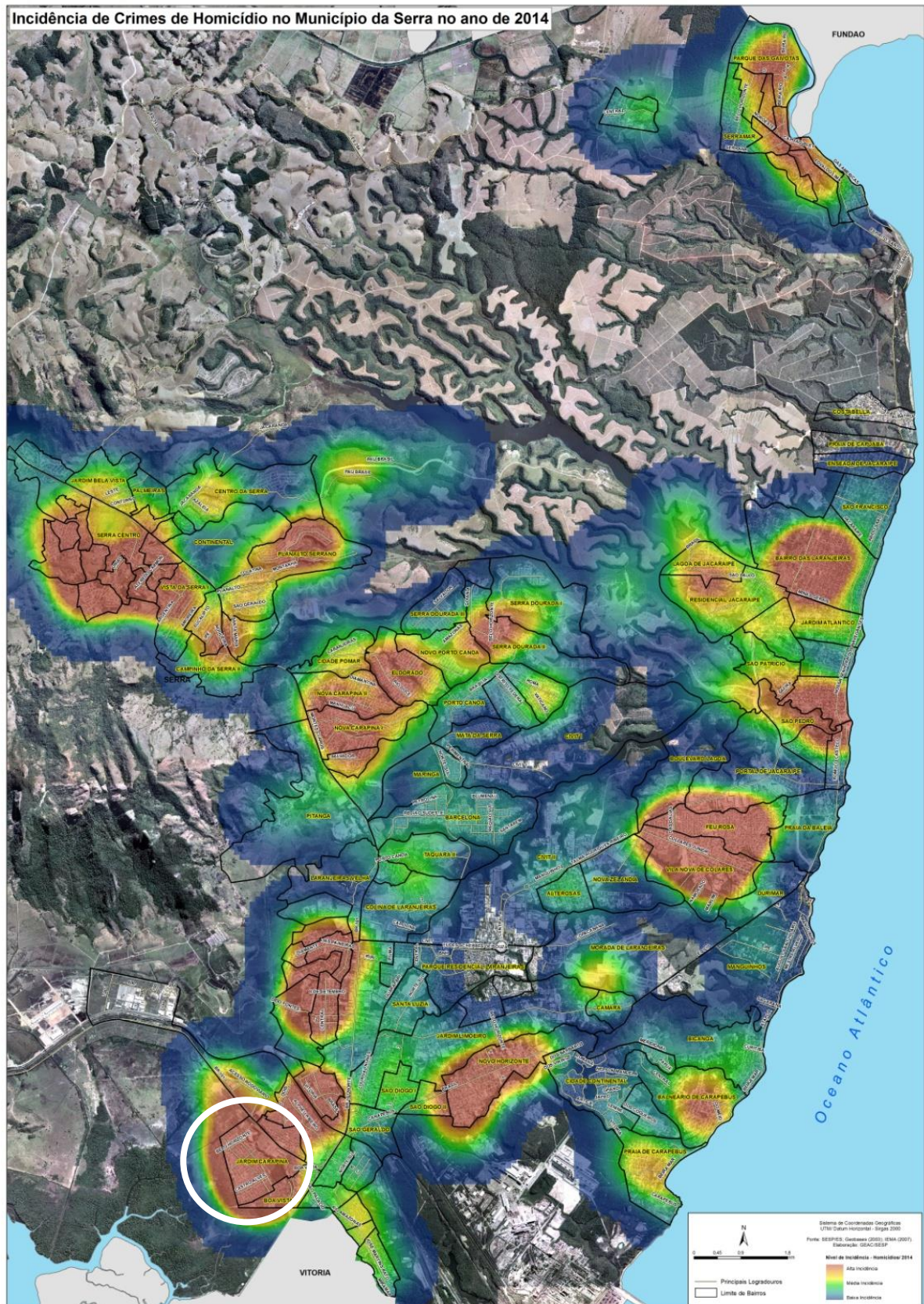
Para se compreender a disposição criminal em território tem-se como ferramenta a análise dos mapas *hotspots* ou mapas de calor, uma vez que permitem visualizar as áreas de concentração criminal das regiões. A partir de então, tem-se condições para aplicar no campo prático as inferências obtidas durante pesquisa de campo, análise teórica e fatores que envolvem o homicídio. Como pode ser observado nas Figuras 01 e 02, a seguir, que englobam áreas do município de Serra, as áreas avermelhadas são as de destaque, ou seja, com concentração criminal, com altos índices de homicídio indo numa gradação que vai até a cor azul, com baixa incidência de homicídios. Nas áreas circuladas em branco nas figuras apresentadas, encontra-se o bairro estudado na pesquisa, Jardim Carapina, que é considerado um dos bairros mais violentos e com maiores índices criminais da cidade de Serra.

Figura 1 – Mapa de Incidência de Crimes de Homicídio no Município de Serra no ano de 2013.



Fonte: SESP/GEAC, 2015. Adaptado pelo autor.

Figura 2 - Mapa de Incidência de Crimes de Homicídios no Município de Serra no ano de 2014.



Fonte: SESP/GEAC, 2015. Adaptado pelo autor.

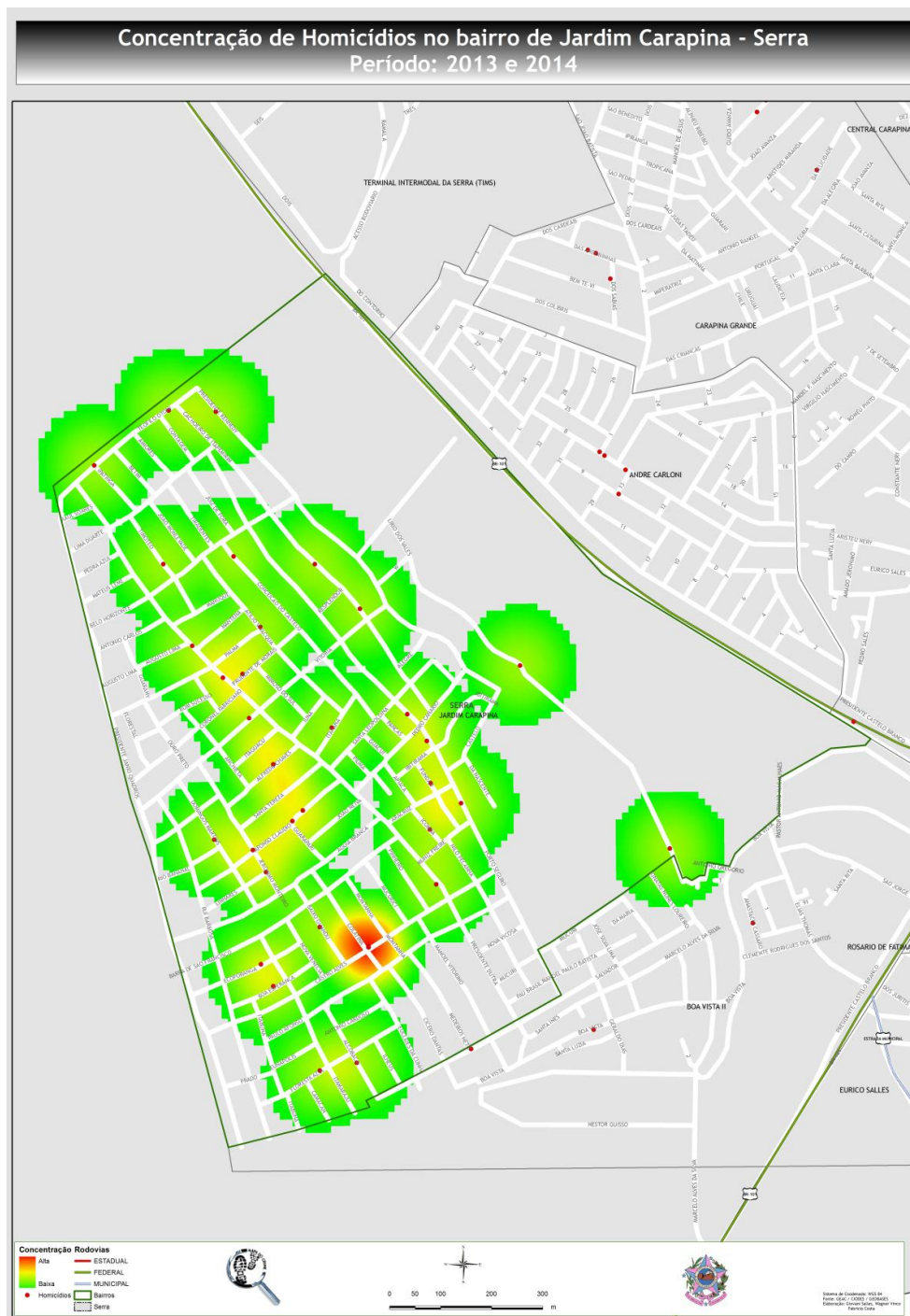
É possível identificar que as áreas de maiores cometimentos de homicídio são as de mais baixos indicadores de desenvolvimento econômico e social, de ocupação espontânea em áreas ambientalmente sensíveis, em sua maioria.

A Figura 3 é um Mapa Kernel⁶ do bairro Jardim Carapina, através do qual se verifica os locais de homicídios nos anos de 2013 e 2014. Em um primeiro momento, o que se observa é que a concentração de homicídios é aparentemente baixa, pois praticamente todo o bairro está na cor verde, porém eles ocorrem de forma dispersa pelo bairro, não parecendo haver pontos de concentração dos crimes letais em local determinado. Apenas uma pequena área do mapa é vermelha próxima a Rua Mucurici, mas ela não representa que no local ocorreu uma concentração de homicídio no decorrer do tempo, mas sim, neste caso específico, uma emblemática chacina ocorrida em agosto de 2014, quando quatro rapazes, de uma só vez foram mortos, conforme explica a matéria de jornal publicada em Gazeta Online:

Três homens e um adolescente de 13 anos foram mortos a tiros na manhã deste sábado (09) no bairro Jardim Carapina, na Serra. Segundo a Polícia Militar, eles foram executados por seis bandidos de uma gangue rival enquanto estavam sentados na calçada da rua Mucurici. Os quatro mortos pertenciam à gangue do Campo. Por volta das 9h da manhã, um dos integrantes da gangue rival, a gangue do ponto final, passou e os viu na calçada e avisou aos demais. Em seguida, seis membros da gangue do ponto final entraram armados com pistolas 9mm em um Hyundai HB 20 cor prata e passaram na rua Mucurici, atirando contra os quatro homens sentados na calçada. Iuri Dias Prates, 18 anos, M. A. A., 13 anos, e um rapaz conhecido como Rodriguinho morreram no local. Já Vagner Neves do Santos, 23 anos, conseguiu fugir para um açougue, mas também foi baleado e morto. Na hora do tiroteio, um dos atendentes do açougue levou um tiro de raspão e foi encaminhado para o hospital Jaime dos Santos Neves (MUNIZ, 2014).

⁶ O Mapa de Kernel é uma alternativa para analisar o comportamento por padrões de pontos. O Mapa de Kernel fornece, por meio de interpolação, a intensidade pontual de determinado processo em toda a região de estudo. Assim, se tem uma visão geral da intensidade de tal processo em todas as regiões do mapa.

Figura 3 – Mapa de Concentração de Homicídios no bairro Jardim Carapina – Serra – Período: 2013 e 2014.



Fonte: SESP/GEAC, 2015.

Podem ser levantadas informações relevantes sobre o bairro a partir da reportagem de jornal do ano 2014, como por exemplo, que há mais de uma gangue no bairro, sendo que são rivais, e que existem infratores da lei que circulam armados pela região.

O Quadro 4, a seguir, apresenta os quatorze bairros do município de Serra com as maiores incidências de crime de homicídio dos anos de 2013 e 2014. Embora o bairro Vila Nova de Colares apresente o maior número absoluto de homicídios nos anos indicados, quando se faz o cálculo por 100 mil habitantes, o bairro Jardim Carapina apresenta a maior incidência⁷.

Quadro 4 - Homicídios por bairro no município de Serra em 2013 e 2014, selecionados os 14 com mais homicídio.

HOMICÍDIOS EM SERRA POR BAIRRO				
	BAIRROS	ANO		Total
		2013	2014	
MUNICÍPIO DE SERRA	VILA NOVA DE COLARES	19	23	42
	JARDIM CARAPINA	17	20	37
	FEU ROSA	18	16	34
	BAIRRO DAS LARANJEIRAS	20	12	32
	PLANALTO SERRANO	16	12	28
	NOVO HORIZONTE	11	16	27
	JARDIM TROPICAL	13	10	23
	CENTRAL CARAPINA	13	7	20
	ENSEADA DE JACARAÍPE	10	8	18
	ZONA RURAL	8	9	17
	NOVA CARAPINA I	6	10	16
	NOVA ALMEIDA CENTRO	6	10	16
	JOSE DE ANCHIETA	9	5	14
	VISTA DA SERRA I	9	4	13

Fonte: SESP/GEAC, 2015. Adaptado pelo autor.

⁷ O maior bairro de Serra em população absoluta é Feu Rosa com 19.532 habitantes, em segundo lugar Vila Nova de Colares com 17.015 habitantes, em terceiro Planalto Serrano com 15.495 habitantes, em quarto Novo Horizonte com 14.146 habitantes e, apenas em quinto, Jardim Carapina com 14.052 habitantes (IBGE, 2010).

Logo, mesmo que em Vila Nova de Colares o número absoluto de homicídios seja maior, quando se relativiza os números, ou seja, quando se apresenta a taxa por 100 mil habitantes, Jardim Carapina ultrapassa Vila Nova de Colares, conforme destacado no Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – Homicídios nos Bairros Vila Nova de Colares e Jardim Carapina
Nos anos de 2013 e 2014.

HOMICÍDIOS POR 100 MIL HABITANTES NOS BAIRROS VILA NOVA DE COLARES E JARDIM CARAPINA.		
BAIRROS	ANO	
	2013	2014
VILA NOVA DE COLARES	111,6	135,1
JARDIM CARAPINA	120,9	142,3

Fonte: SESP/GEAC, 2015. Elaborado pelo autor.

Cabe lembrar que as taxas e índices relativos à criminalidade podem gerar incertezas em sua confiabilidade devido a diversos critérios subjetivos que podem ser considerados na hora de registros, além da falta de critérios bem definidos e a ausência de um órgão nacional que fiscalize ou registre tais taxas e índices. Porém, conforme Beato (1999), quando se trata de homicídios, os registros são mais seguros e verossímeis, quando relacionados com outros crimes, já que não cabe muita subjetividade no seu registro.

1.1.1 Caracterização da violência letal em Jardim Carapina

Para a compreensão do alto índice de homicídios em Jardim Carapina, foram levantadas algumas características das vítimas, entre os anos de 2013-14, na Gerência de Estatística e Análise Criminal (GEAC), que é ligada à Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social (SESP). Os dados levantados foram relacionados à bibliografia na área, que destaca a desigualdade de acesso a direitos e o envolvimento de jovens com tráfico e homicídios.

A relação entre as variáveis idade e crime, de acordo com Hirschi e Gottfredson (1983 apud Engel, 2015), é um dos poucos fatores invariantes que independem das condições sociais e culturais em todos os grupos sociais e em todos os tempos. A simples existência de um percentual alto de jovens na população pode ser indicativo de fatores de risco de violência letal, principalmente aqueles associados a gangues e entorpecentes, tendo em conta, ainda, que a maior parte dos aliciados para trabalhar com o tráfico de entorpecentes é de jovens.

Cardia e Schiffer (2002) destacam que a desigualdade no acesso a direitos alimenta a violência e que as comunidades mais afetadas pela violência têm em comum uma superposição de carências que, por sua vez, aumenta a vulnerabilidade de jovens à violência.

A definição utilizada pela Organização Mundial da Saúde e por diversos órgãos públicos no Brasil privilegia o recorte etário para definir o que é um jovem. Para fins de comparações serão considerados “jovens” nesta pesquisa as pessoas com idade entre 15 e 29 anos assim como fez o Atlas da Violência 2016.

De acordo com pesquisador do laboratório de Análise da Violência da UERJ, Doriam Borges (2016)⁸, o índice de homicídios entre os jovens expressa a metamorfose que a violência vem sofrendo ao longo do tempo, pois nas décadas de 1960 e 1970 a criminalidade era caracterizada por roubos a bancos e, embora houvesse homicídio e latrocínio, o número era menor. O tráfico de drogas nacional e internacional foi ganhando força no país, mas o que é mais relevante é o aumento do tráfico de armas e a facilidade de acesso a estes instrumentos, completa o pesquisador.

Misse (2011) destaca que o tráfico de drogas, mesmo sendo uma atividade ilegal, se mostra como uma “alternativa” para jovens, principalmente para os que já estão envolvidos em um contexto de vulnerabilidades. “A alta e rápida lucratividade desse mercado informal e ilegal continua a atrair jovens pobres (ou mesmo de classe média) para o ‘ganho fácil’, apesar dos altos riscos de prisão ou morte reconhecidos por todos os que entram para o chamado ‘movimento’” (p.2). Ainda, há uma

⁸ Entrevista disponível em <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/brasil-tem-como-principal-causa-de-morte-entre-jovens-o-homicidio>. Setembro, 2016.

crescente disjunção entre escola e mercado de trabalho, os baixos salários, o estímulo ao consumo e a crise de autoridade na família (particularmente na família urbana pobre) que fazem do comércio de drogas “um negócio atraente” que permite “um estilo de vida sedutor, ainda que efêmero”. Segundo o autor, muitos dos jovens que entrevistou “preferem morrer antes dos 25 anos, com esse estilo de vida, a viver 60 como parias e humilhados. Como fazê-los entender que estão errados?” (p.5).

O tráfico de drogas está diretamente relacionado ao alto índice de homicídios; e a quantidade de pessoas envolvidas com o tráfico pode ser relacionada com a quantidade de homicídios, conforme destaca Lira (2015, p.305):

A repressão qualificada ao tráfico de drogas ilícitas também é uma estratégia importante do combate à violência. Análises da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa - DHPP indicam que 63% dos homicídios dolosos computados, em 2012, na Região Metropolitana da Grande Vitória - RMGV tiveram como motivação o envolvimento com o tráfico de drogas ilícitas. Este envolvimento, na maioria das vezes, se traduz na eliminação de devedores do sistema do tráfico, execução de delatores, confrontos armados e disputas por territórios.

Ainda relacionando a violência letal com comércio ilegal de drogas, Cerqueira (2014, p.20) destaca que o aumento da impunidade associado ao aumento da demanda por drogas ilícitas e a prevalência das armas de fogo contribui para o aumento do número de homicídios. O autor chama atenção para o apontamento de outros autores (Goldsteine e Brownstein, 1987; Resignato, 2000), que destacam que:

As drogas psicoativas ilícitas se relacionam com os crimes violentos e em particular com os homicídios, potencialmente, como consequência de seus efeitos psicofarmacológicos; da compulsão econômica; e sistêmicos. Enquanto nas duas primeiras categorias a violência é perpetrada pelo próprio usuário de drogas, no último caso essa é associada à proibição, à coerção do Estado, a disputas pelo controle do mercado de drogas ilícitas, e a mecanismos para garantir a executabilidade de contratos.

Verifica-se que a violência, principalmente o homicídio, se relaciona diretamente com o tráfico ilícito de drogas, que apresenta algumas características peculiares como a possibilidade de gerar renda e capacidade de atrair o jovem para a atividade ilícita. Como consequências ocorrem as guerras entre gangues rivais para garantir o controle dos pontos de venda das drogas ilícitas, a violência que pode ser gerada devido aos efeitos psicofarmacológicos causado pelo uso das drogas, e a morte de

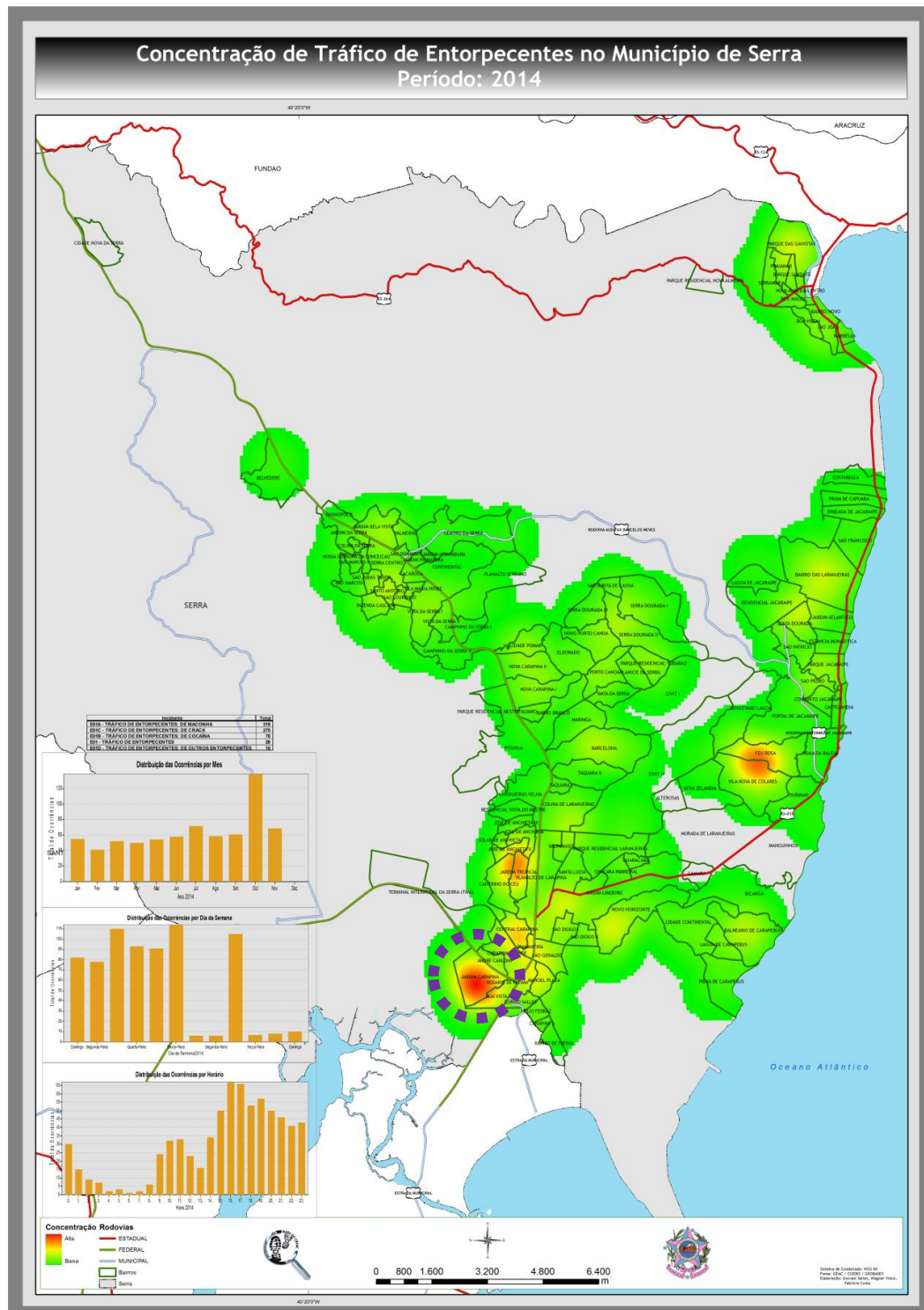
usuários como forma de garantir que quem deve ao tráfico não fique sem pagar sua dívidas.

Lira (2014, p. 109) destaca que pesquisas ressaltam a associação dos crimes contra a pessoa, em especial os de violência letal, com os crimes de tráfico de drogas ilícitas como o ápice da violência, ou seja, quando este fenômeno social assume suas características mais cruéis e bárbaras, ocorrem confrontos armados em espaços públicos entre gangues, chacinas, execuções, eliminação de informantes, punições severas aos devedores e outros tipos de atrocidades.

A Figura 4, a seguir, apresenta um mapa de calor que ilustra a concentração do tráfico de drogas no município de Serra no ano de 2014. Para facilitar a identificação, o bairro Jardim Carapina foi destacado com um círculo tracejado, e dentro do círculo pode ser vista a mancha vermelha, o que indica altos índices de tráfico de drogas, e conforme informações do GEAC ocorreu uma predominância para as substâncias como maconha, crack e cocaína, mas abrangendo também, outras drogas.

Na Figura 4 também podem ser observadas áreas sem incidência de tráfico, muitas áreas com baixa incidência e três pontos mais escuros que ocorrem em Jardim Carapina, na região de Vila Nova de Colares e Feu Rosa e uma mancha um pouco menos vermelha em Jardim Tropical e José de Anchieta. Não por acaso, todos os bairro com manchas vermelhas na Figura 02 estão entre os 10 com maiores taxas de homicídio, conforme Quadro 4 “Homicídios por bairro no município de Serra em 2013 e 2014, selecionados os 14 com mais homicídio”.

Figura 4 – Mapa de Concentração de Tráfego de Entorpecente no município de Serra – Período: 2014.



Fonte: SESP/GEAC, 2016 (adaptado pelo autor).

A partir do cruzamento com o mapa da Figura 2 “Mapa de Incidência de Crimes de Homicídios no Município de Serra no ano de 2014.”, para Jardim Carapina, é

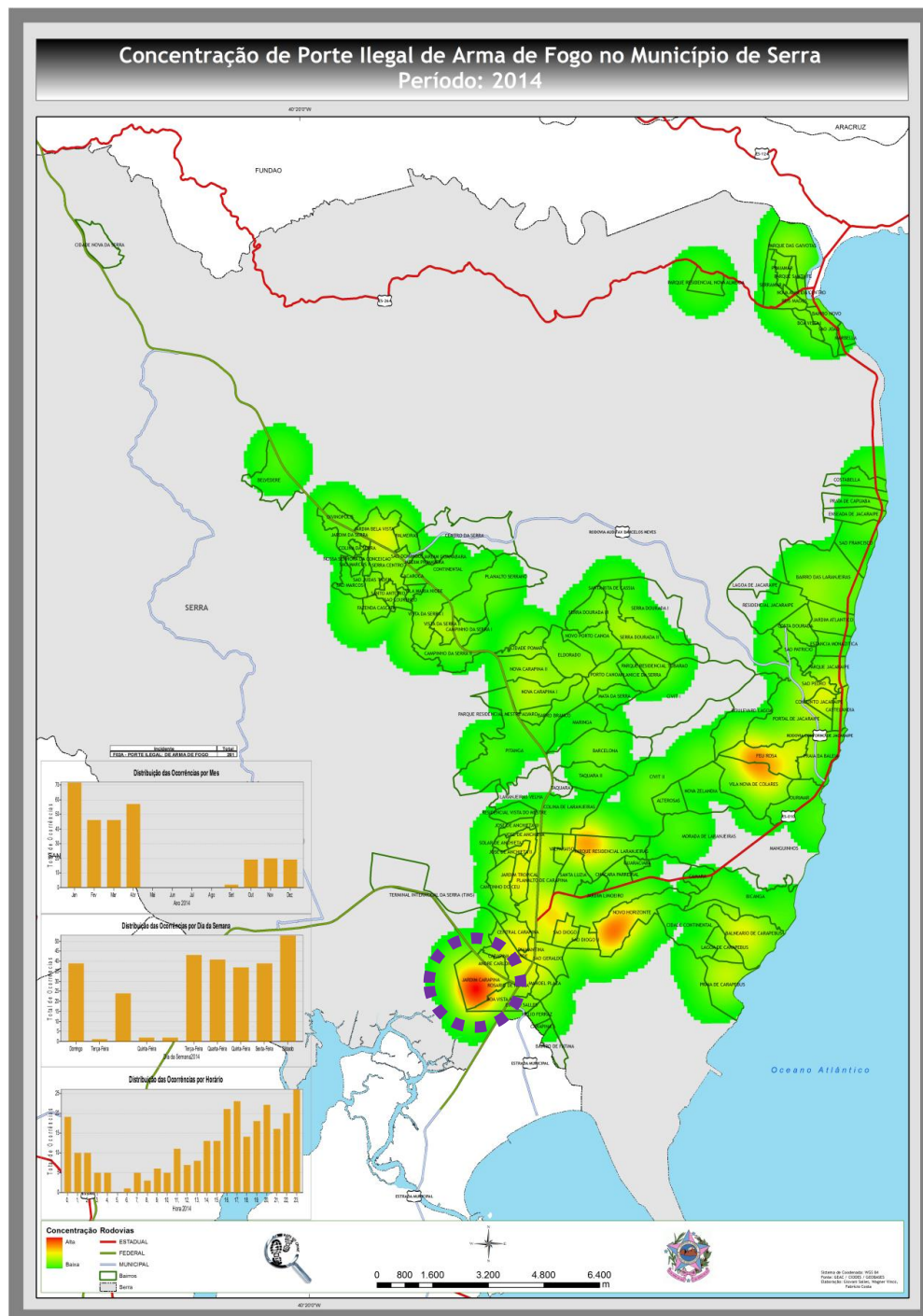
possível afirmar que existe uma forte relação entre homicídios e o tráfico de drogas. Contribuindo para esses dados pode-se citar a própria percepção dos moradores às causas de violência no bairro.

Outro fator que interfere diretamente na dinâmica criminal nos diversos territórios, além do tráfico de drogas, é a quantidade de armas de fogo que circula em determinado local. Uma das formas de se medir esta quantidade se faz verificando nos registros policiais, observando quantas ocorrências de porte ilegal de armas de fogo aconteceram na região e comprar com outras.

Corroborando está Cerqueira (2014, p.32), que ressalta que a relação entre a prevalência das armas de fogo e crimes tem sido objeto de inúmeras investigações ao longo dos anos, sendo que as evidências mostram que quanto maior o número de armas de fogo circulando, maiores são as taxas de homicídios da região.

A Figura 5, intitulada “Mapa de Concentração de Porte Ilegal de Armas de Serra em 2014.”, apresenta a partir de um mapa de calor, a concentração de apreensões policiais de porte ilegal de arma de fogo no município de Serra no ano de 2014. O bairro Jardim Carapina foi destacado com um círculo tracejado e, dentro do círculo, pode ser vista a maior e mais intensa mancha vermelha do município, o que indica altos índices de apreensão de armas no local, o que confirma a presença de um grande número de pessoas armadas no bairro. No mapa verificam-se outras áreas avermelhadas nas proximidades dos bairros Feu Rosa, Vila Nova de Colares, Novo Horizonte e uma mancha, um pouco menor e menos intensa, no Parque Residencial Laranjeiras. Dos cinco bairros em que há concentração do porte ilegal de armas de fogo, quatro estão entre os seis que concentram mais homicídios na cidade.

Figura 5 – Mapa de Concentração de Porte Ilegal de Armas de Serra em 2014.



Fonte: SESP/GEAC, 2016 (adaptado pelo autor).

A violência que acomete a população de Serra e de Jardim Carapina é muito grande, mas certamente, assim como em grande parte das demais cidades do país, os jovens, principalmente homens pardos ou negros, sofrem de forma mais

veemente com esta violência, e de forma ainda mais severa quando se trata da violência letal.

Os dados do Quadro 6 apresentam números referentes ao perfil do homicídio em Jardim Carapina, relacionando a cor da pele, nos anos 2013 e 2014. Das 17 vítimas de homicídio em Jardim Carapina em 2013, apenas duas foram identificadas como brancas. Em 2014, das 20 apenas uma era branca, Portando do total de 37 vítimas, apenas três foram identificadas como brancas.

Quadro 6 - Homicídios em Jardim Carapina por Cor da Pele.

CUTIS	2013	2014	TOTAL
BRANCA	2	1	3
NEGRA	3	1	4
PARDA	11	13	24
NÃO IDENTIFICADO	1	5	6
TOTAL	17	20	37

Fonte: SESP/GEAC, 2015. Elaborado pelo autor.

O Quadro 7 mostra que a maior parte das vítimas de homicídio em Jardim Carapina nos anos de 2013 e 2014 foi de homens. Do total de 37 homicídios, apenas 03 foi de mulheres.

Quadro 7 - Homicídios em Jardim Carapina por Sexo.

SEXO	2013	2014	Total
FEMININO	2	1	3
MASCULINO	15	19	34
TOTAL	17	20	37

Fonte: SESP/GEAC, 2015. Elaborado pelo autor.

A situação de Jardim Carapina reflete a tendência nacional de vítimas de homicídio relacionada ao sexo da pessoa. Segundo dados preliminares de 2014, do Mapa da Violência 2016, ocorreu quase que uma exclusividade masculina quando o tema é, por exemplo, homicídios por armas de fogo. A marca chega 94,4% de homens

contra 6,6% de mulheres na média nacional, já no Espírito Santo a marca é de 93,3% de mortes masculinas.

1.1.2 O Homicídio de Jovens em Jardim Carapina

De acordo Oliveira (2015), em entrevista a sete mães do bairro em 2013, a causa principal da violência em Jardim Carapina é o conflito entre os jovens que disputam pontos de venda de drogas. O engajamento desses jovens com o tráfico é percebido como sintoma de outros “problemas” no bairro, como ausência ou precariedade das áreas de lazer, falta de “oportunidades” relacionadas a educação e trabalho (p. 10)⁹.

Na análise de Oliveira (2015), a situação que contribui para a violência naquele contexto são as relações sociais estabelecidas a partir do mercado ilícito de drogas, com suas redes de obrigações e vinganças, além da dimensão subjetiva para o engajamento dos jovens nesse mercado (onde estão relacionados o “poder”, reconhecimento e status). Portanto, deve-se considerar que não é a maioria dos jovens ou moradores de Jardim Carapina que se engajam nesse comércio, mas a sociabilidade estabelecida a partir do tráfico de drogas contribui para desfechos violentos e conflitos interpessoais, conforme relatado por moradores do bairro.

Como pode ser verificado nos Mapas da Violência, que são lançados periodicamente desde 1998, as principais vítimas da violência homicida no país vem da juventude. Na faixa etária dos 15 aos 29 anos o crescimento da letalidade violenta é muito mais intenso do que nas demais idades da população. Enquanto no ano de 1980 o número de homicídios por arma de fogo era de 6.104, entretanto em 2014 esse número passou para 42.291, portanto houve um crescimento de 592,8%. Já na faixa jovem, este crescimento foi bem maior, indo de 3.159, em 1980, para 25.255, em 2014, ou seja, um crescimento de 699,5% (WAISELFSZ, 2016).

⁹ Oliveira (2015) identifica as causas dos homicídios de adolescentes e jovens, na faixa etária de 18 a 21 anos, do bairro Jardim Carapina, no município de Serra, Espírito Santo. A autora analisou a percepção social da mãe de um jovem vítima de violência fatal residente no bairro Jardim Carapina, bem como de moradores, estabelecendo uma relação entre as causas apontadas pela mãe e moradores com as principais variáveis apontadas pela literatura da Sociologia da Violência.

Ainda considerando dados do Mapa da Violência (2016), conforme dados preliminares de 2014, no Brasil, há uma concentração de mortalidade nas idades jovens, com pico nos 20 anos de idade, quando os homicídios por arma de fogo atingem a marca de 67,4 mortes por 100 mil jovens no Brasil.

Os números no estado do Espírito Santo relacionados à morte de jovens também são elevados. O Mapa da Violência (2016) apresenta que em 2013, para a faixa etária dos 15 aos 29 anos, se tem 99,4 mortes para 100 mil jovens, e 92,5 mortes para 100 mil jovens em 2014, o que é totalmente fora de qualquer padrão aceitável, colocando o Espírito Santo como o terceiro estado com pior número no ano 2013 e em quinto em 2014.

O Quadro 8 mostra a concentração de homicídios na faixa etária entre 15 e 29 anos, com pode ser observado a seguir:

Quadro 8 - Homicídios em Jardim Carapina por Idade.

IDADE	2013	2014	Total
14	2	0	2
15 até 29	14	13	27
30	0	1	1
32	0	1	1
36	0	1	1
50	1	0	1
65	0	1	1
NI	0	3	3
TOTAL	17	20	37

Fonte: SESP/GEAC, 2015. Elaborado pelo autor.

A partir do cruzamento do Quadro 8 com o Quadro 4 “Homicídios por bairro no município de Serra em 2013 e 2014, selecionados os 14 com mais homicídio” pode ser verificado que do total de 37 homicídios cometidos em Jardim Carapina nos anos de 2013 e 2014, 27 foram contra vítimas jovens com idade entre 15 e 29 anos de idade, o que representa 72,9% dos homicídios ocorridos no bairro.

Cabe ressaltar que no ano de 2014 ficou constatado que todos os jovens vítimas de homicídio no bairro Jardim Carapina, sofreram a violência letal mediante utilização de arma de fogo (GEAC, 2015).

Os altos números de crimes com violência letal que ocorrem em Jardim Carapina perpassam por diversos campos, pois a violência é um fenômeno multifacetado e ligado as mais variadas questões. O tráfico de drogas e a grande quantidade de armas de fogo circulando por Jardim Carapina, certamente, contribuem para o aumento do número de homicídios, principalmente de jovens.

2 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS

O capítulo a seguir tem a proposta de contextualizar o processo de urbanização ocorrido no Brasil a partir do século XX, bem como, apresentar e localizar o Espírito Santo, a Região Metropolitana da Grande Vitória, o município de Serra e o bairro Jardim Carapina neste cenário. Busca-se apontar e analisar as principais consequências que esse processo trouxe, relacionando o tema com as questões da criminalidade e violência urbana.

O capítulo está dividido em dois subtítulos, sendo que no primeiro deles são apresentadas as questões referentes ao processo de industrialização e expansão urbana pelo qual passou o Brasil, já no segundo, o tema criminalidade e violência urbana que passa a ter o foco.

Com a utilização de fontes como IBGE, mapas, figuras, livros e trabalhos acadêmicos de torna-se possível compreender de que forma se deu o processo de formação e desenvolvimento social, econômico, ambiental e espacial do bairro Jardim Carapina.

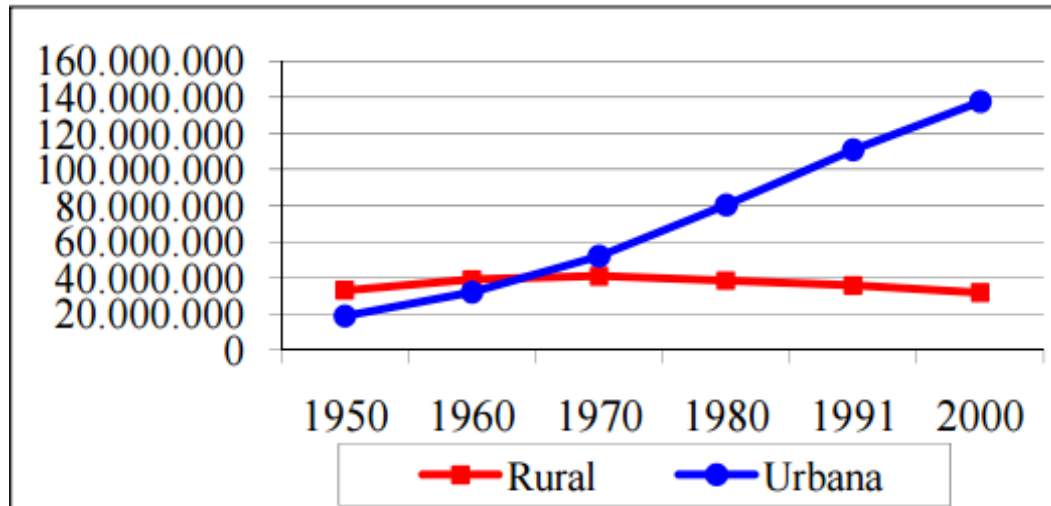
2.1 O Processo de Industrialização e Expansão Urbana do município de Serra (ES)

Especialmente na segunda metade do século XX, o Brasil passou por um intenso processo de urbanização, inserido num contexto de transformações econômicas, sociais e políticas na sociedade. A partir do final da década de 1960, a população urbana passou a ser maior que a rural, Somente na segunda metade do século XX, a população urbana passou de 19 milhões para 138 milhões, multiplicando-se 7,3 vezes, com uma taxa média anual de crescimento de 4,1%. Ou seja, a cada ano, em média, nessa última metade de século, 2.378.291 habitantes eram acrescentados à população urbana (BRITO; SOUZA, 2005).

O Gráfico 3, a seguir, apresenta o processo de urbanização no país que ocorreu recentemente e de forma acelerada entre os anos de 1950 até o ano 2000.

Enquanto houve uma diminuição na população rural, principalmente a partir da década de 1960, quando a população Urbana superou a rural em número absoluto.

Gráfico 3 - Evolução da população rural e urbana no Brasil (1950-2000).



Fonte: Ramão e Wadi, 2008.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2002, o Brasil atingiu um índice de urbanização de 84,14%, configurando-se como uma nação predominantemente urbana, o que confirma a tendência do Gráfico 3.

A partir de 1970, registrou-se um grande aumento da violência urbana no Brasil. Por exemplo, em 1973 matava-se dez vezes menos que em 2011, já descontando o crescimento da população no período (MISSE, 2011). Conforme o apresentado no Gráfico 1, o ano de 1970 foi justamente a década em que houve a inversão de uma maioria populacional rural para uma maioria urbana.

Corroborando, Gomes (2007) defende que o espaço urbano vem, cada vez mais, se fragmentando em inúmeros territórios com características próprias e excludentes, fato que favorece a instalação e o aumento da criminalidade e o enfraquecimento da sociedade. Para o autor, o fenômeno da criminalidade é multifacetado, crescente e consegue penetrar na estrutura social através das diferentes oportunidades existentes no espaço urbano, fracionado entre espaços ocupados de forma irregular e espaços murados, formas que caracterizam territórios separados e, ao mesmo tempo, pertencentes à mesma cidade. As transformações urbanas recentes

aprofundam o processo de segregação socioespacial, cujo quadro é agravado pela violência.

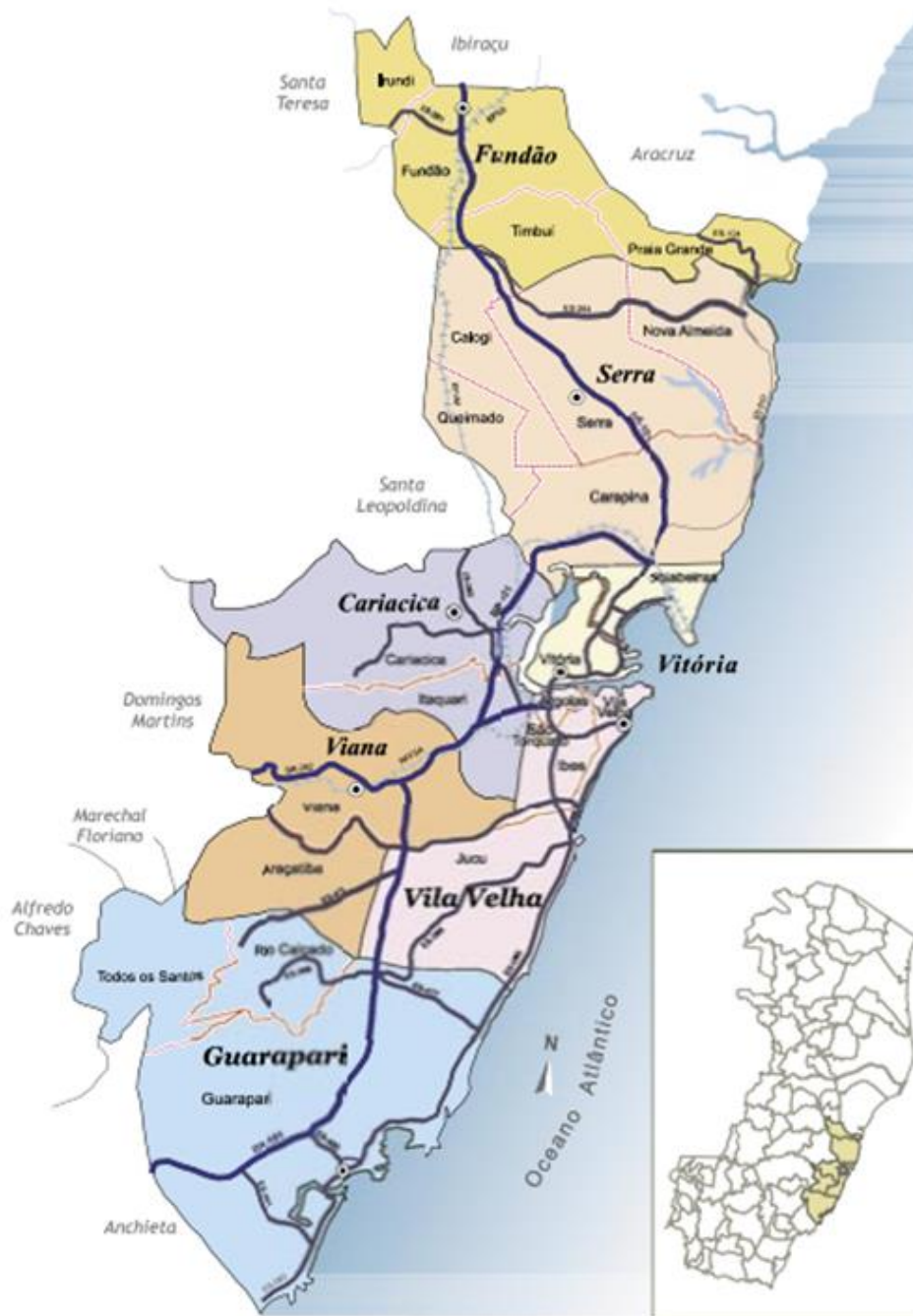
Para Lira (2009), a conjuntura de aumento dos números de homicídios de países como o Brasil chama atenção pelo seu tamanho e intensidade, mostrando uma população a cada momento mais refém de seus próprios medos. Este é um fenômeno que atinge a sociedade brasileira, sobretudo, habitantes que residem em centros urbanos.

O município de Serra, junto com mais seis cidades, está inserido em um local definido como Região Metropolitana da Grande Vitória, junto com a capital do estado, a cidade de Vitória e os municípios de Cariacica, Vila Velha, Viana, Fundão e Guarapari,

A RMGV foi reestruturada pela Lei Complementar N.º 318, de 17 de janeiro de 2005, com intenção de melhorar organização, planejamento e execução de funções públicas de interesse comum, no âmbito metropolitano.

Na Figura 6 é possível perceber a localização e extensão da RMGV em relação ao estado do Espírito Santo e localização e extensão do município de Serra em relação aos demais municípios da RMGV. Na figura são vistas também as sedes dos municípios, marcados com um círculo branco com borda e centro na cor preta, as rodovias federais, definidas com linha de cor azul escuro, as rodovias estaduais, definidas com linha roxa, malha ferroviária, marcadas com linha tracejada azul claro e a linha na divisão dos municípios na cor preta.

Figura 6 - Região Metropolitana da Grande Vitória.



Fonte: IJSN, 2005.

De acordo com o mais recente recenseamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010, a cidade de Serra possui 409.267 habitantes em uma extensão territorial de 551 km², possuindo densidade demográfica de 741,85 hab/km².

Assim como grande parte dos municípios do Espírito Santo, Serra teve como principal personagem em seu desbravamento territorial os jesuítas, sendo que os primeiros habitantes do município foram os índios termiminós, do grupo Tupy, que vieram do Rio de Janeiro em 1555 (SERRA, 2015).

No início da formação da cidade, a população da aldeia era composta de colonizadores de Portugal que estabeleceram seus engenhos, trazendo escravos para o trabalho, além dos indígenas já mencionados.

Sobre as características geográficas, destaca-se que o município é formado por planaltos recortados pelos fundos de vales, que ainda guardam resquícios das matas ciliares. A região Sul de Serra é brejosa, plana e passível de alagamento, o município possui como um dos principais destaques paisagístico a montanha do Mestre Álvaro que é, em grande parte, coberto pela Mata Atlântica, e fica localizado no Centro-Sul do município. Ressalta-se ainda que Serra possui 23 km de litoral (SCHAEFFER, 2013).

Pelo Decreto-lei Estadual n.º 15.177, de 31 de dezembro de 1943, Serra adquiriu os distritos de Carapina e Queimado, do município de Vitória. Sob o mesmo decreto citado, o distrito de Itapocu passou a denominar-se Calogi. Em divisão territorial datada do ano de 1960, o município é constituído de cinco distritos: Serra, Calogi, Carapina, Nova Almeida e Queimado (IBGE, 2014).

Serra, após a aprovação da Lei Estadual nº 9.972 no ano de 2012, passou a contar com 127 bairros, pois a lei citada apenas confirmou para Serra a jurisdição de alguns bairros que supostamente pertenciam à cidade de Vitória. Portanto a referida lei confirmou os limites da capital do estado e da cidade de Serra.

A divisão administrativa do município foi definida em 1960, e se mantém até os dias atuais, na divisão são apontados cinco distritos. O distrito destacado na Figura 7 é o de Carapina, que é onde, ao sul, se localiza o bairro Jardim Carapina, conforme pode ser observado na Figura 7.

Figura 7 – Divisão Distrital de Serra



Fonte: Baseando em prefeitura municipal de Serra, 2014 (adaptado por Fiorotti, 2014).

De acordo com Duarte (2016), o processo de crescimento industrial ocorreu de forma semelhante no Brasil e no Espírito Santo. Ele ocorreu de forma acentuada nas áreas com mercados internos existentes até então. Porém, no estado, o processo chegou de forma mais tardia. Após a segunda metade do século XX as áreas com mercados consumidores, com boa localização e alguma estrutura pré-existente, favoreceram a industrialização e ao processo de urbanização.

A partir da década de 1960 a política do governo federal de erradicação dos cafezais improdutivos somado à baixa do preço internacional do café fez com que grande parte da população rural do Espírito Santo vendesse suas terras, pois não tiveram apoio tanto do governo estadual quanto federal em buscar novas alternativas

relacionadas à atividade agrícola para substituir o café. Restou para aquela população procurar novas alternativas no meio urbano.

Corroborando está Siqueira (2010, p.48) que diz:

Sem dúvida, a economia capixaba foi a que mais se desestruturou com o programa de erradicação, o qual associado ao contingenciamento de preços e ao impedimento de comercialização de tipos inferiores atingiu profundamente a estrutura econômica do Estado, principalmente pelo fato de a cafeicultura estadual apresentar baixo nível de produtividade e ser, em sua maior parte, antieconômica. Isso se verificava porque as condições gerais em que se realizava a cafeicultura eram precárias.

A partir de 1970, a crise na cafeicultura do Espírito Santo resultou na migração do campo para cidade, e o processo de industrialização aliados a posição geográfica, aos programas de incentivos governamentais e ao crescimento econômico de toda região fizeram com que Vitória, Serra, Vila Velha e Cariacica atraíssem um grande contingente populacional em busca de oportunidades de emprego e melhoria na qualidade de vida (MATTOS, 2008).

De acordo com Zanotelli (1992), o êxodo rural em direção às cidades, como consequência da erradicação dos cafezais, em particular em direção à Grande Vitória, causou diversos problemas de sobrecarga no provimento de habitação e infraestrutura urbana.

Siqueira (2001) relata que a região da Grande Vitória não possuía infraestrutura para receber o grande fluxo migratório do interior do estado e de outros estados, que se deslocavam em sua direção, formando um elevado contingente de mão de obra com pouca, ou sem nenhuma qualificação.

(...) A grande maioria da população que afluiu para a região da Grande Vitória era constituída por trabalhadores de baixos salários (assalariados da construção civil, empregadas domésticas, e trabalhadores autônomos). Leve-se em conta também que o trabalhador rural não possuía nenhuma qualificação para exercer trabalhos urbanos. (SIQUEIRA, 2010, p. 133).

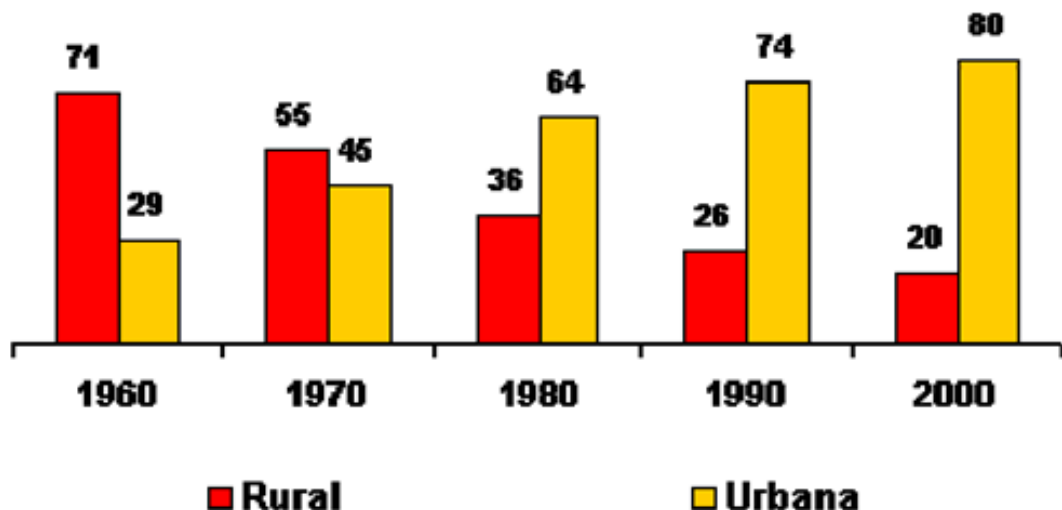
Neste período ocorreu no Espírito Santo, com destaque para o município de Serra, a implantação “dos grandes complexos industriais”, visto pelo governo do estado como

uma das formas de sair da crise econômica em que estava. Segundo relatório setorial intitulado “Espaço Urbano, Habitação e Uso do Solo da Agenda 21 de Serra” (2008), ocorreu a construção do Porto de Tubarão, em 1966; da Usina de Pelotização I da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), em 1969; da Pelotização II, também da CVRD, em 1973; o início das obras da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), em 1977; a inauguração do Centro Industrial de Vitória I (Civit I), em 1974; do Civit II, em 1979 e o início das atividades da CST, em 1983.

O processo de industrialização teve grande contribuição no crescimento populacional absoluto da RMGV, possibilitando transformações importantes para o estado, principalmente no que diz respeito ao processo de urbanização. É possível explicar o processo a partir da economia capixaba que passou, tardiamente em relação ao Brasil, de um modelo primário-exportador de base cafeeira, para uma economia urbano-industrial (MATTOS, 2008).

Em apenas três décadas, de 1970 até 2000, a população do Espírito Santo trocou o meio rural pelo meio urbano, com índices expressivos e crescentes a cada década, conforme se verifica no Gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4 - Gráfico de migração em % da população do Espírito Santo do meio Urbano e Rural.



Fonte: IBGE, 2010.

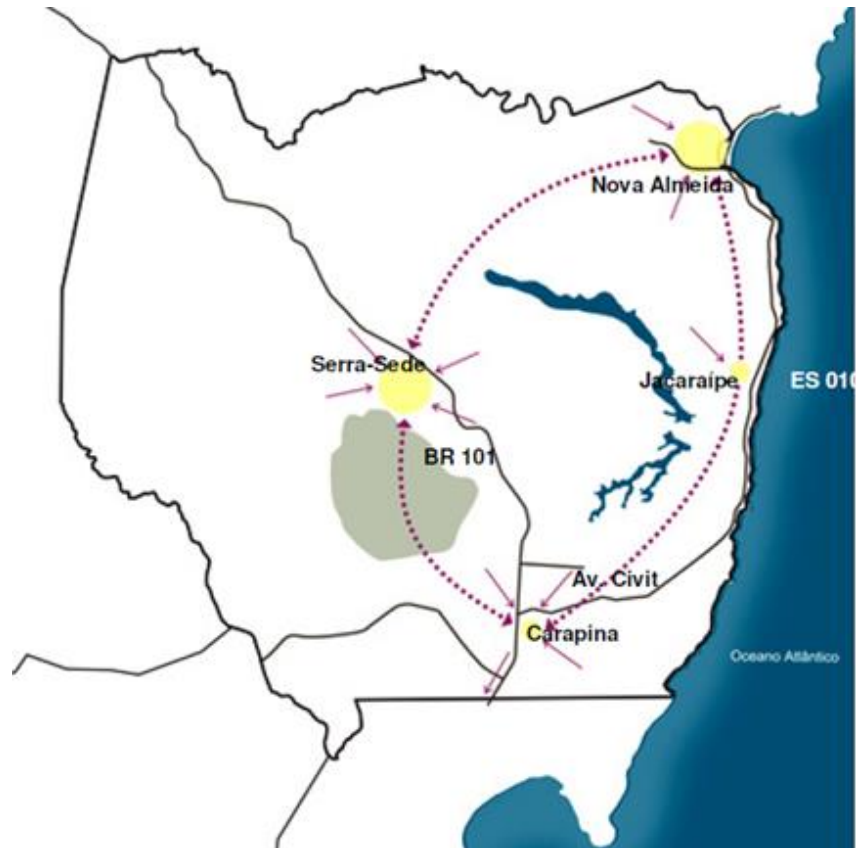
O Gráfico 4 apresentado deixa claro que houve uma acentuada inversão populacional da área rural para a urbana no Espírito Santo em um curto espaço de tempo, fato que alavanca um processo de mudanças e surgimento de novos problemas para a região, principalmente quando não por não ocorre a preparação com infraestrutura adequada para recebimento desse novo e grande fluxo migratório. Quase todos os municípios da RMGV foram responsáveis por receber esse grande contingente populacional, principalmente a partir de 1970. Neste período os municípios de Fundão e Guarapari ainda não faziam parte dos municípios que compunham a RMGV.

O município de Serra seguiu nesse mesmo contexto do processo de industrialização. Ocorreu um grande fluxo migratório para a cidade após 1970, muitas pessoas do interior do Espírito Santo e de estados como Bahia e Minas Gerais buscaram na cidade de Serra melhores condições de vida. Porém a falta de uma estrutura mínima, ausência de planejamento, a baixa ou nenhuma qualificação da mão de obra vindoura e a omissão por parte das autoridades públicas com questões sociais, fizeram com que surgissem na cidade muitas áreas com condições de vida precárias, que posteriormente formaram bairros e espaços de segregação e desigualdade social.

Até o início da década de 1970 a cidade de Serra tinha uma dinâmica urbana muito bem definida, com centros urbanos relativamente pequenos e distantes uns dos outros, não havendo conurbação entre eles. A população do município era predominantemente rural e relativamente pequena em números absolutos, sendo que em 1970 havia o total de 17.286 habitantes na cidade (IBGE, 2015).

A Figura 8 apresenta o município de Serra e sua dinâmica urbana até o início da década de 1970. É possível perceber os pequenos núcleos urbanos, em amarelo, formados na região de Carapina e Jacaraípe e outros dois núcleos um pouco maiores em Serra Sede e Nova Almeida. Os núcleos de Serra-Sede e de Carapina se formaram nas proximidades da BR 101, já os núcleos de Nova Almeida e Jacaraípe se constituíram no litoral do município. Cabe destacar que a população era, nesse período, predominantemente rural.

Figura 8 - Núcleos Urbanos de Serra na década de 1970.

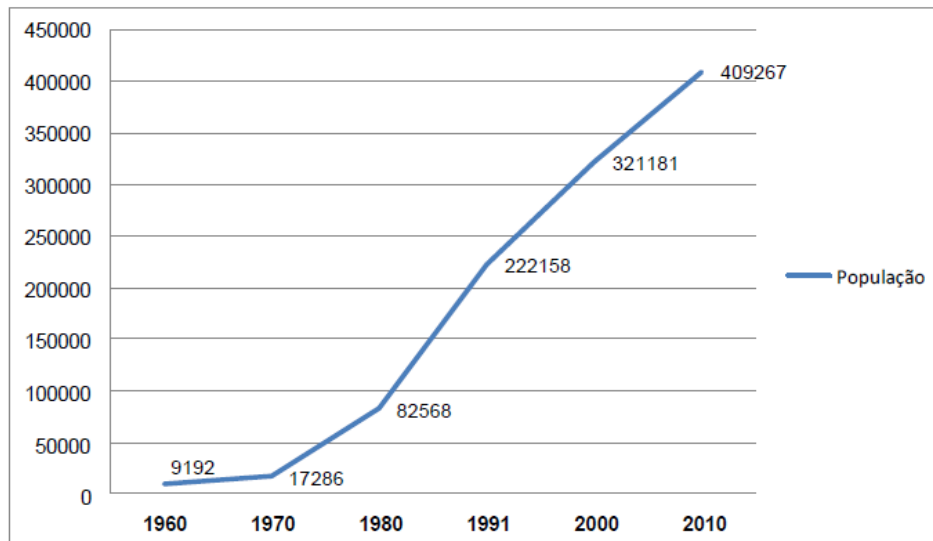


Fonte: LERNER (2010)

O município de Serra seguiu a tendência populacional pela qual passava a RMGV. Ocorreu na cidade um grande aumento no número absoluto de habitantes em um período de quatro décadas, entre os anos de 1960 a 2010, porém, o maior aumento pode ser percebido no período que corresponde ao ano de 1970 a 2000. Apenas nestas três décadas, a população absoluta de 1970 foi multiplicada quase que por 19 vezes, o que modificou a dinâmica urbana da cidade, com o surgimento de novos núcleos.

No Gráfico 5, a seguir, observa-se o aumento populacional ocorrido no município de Serra de 1960 até 2010. É possível perceber que ele foi muito mais acentuado a partir de 1970, ou seja, a partir do início do processo de industrialização que ocorre no Espírito Santo. A população absoluta vai de 9.192 habitantes, em 1960, para 409.267, em 2010.

Gráfico 2 - Crescimento populacional do município da Serra de 1960 ao ano de 2010.



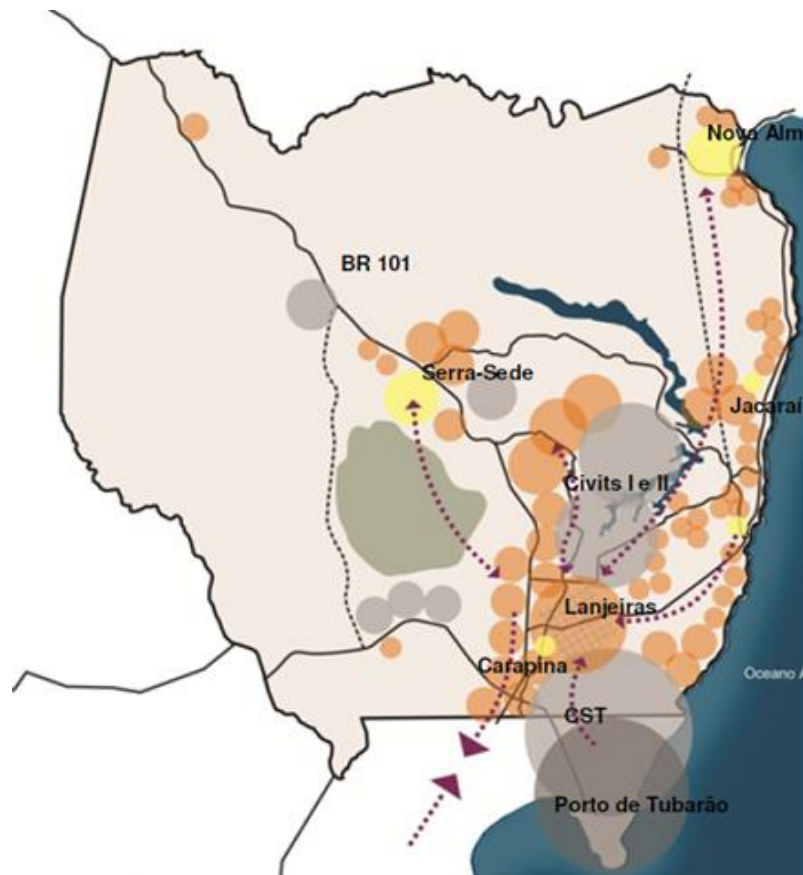
Fonte: IBGE, 1980, 1991, 2000, 2010.

Com a grande expansão urbana pela qual passou a cidade de Serra, vieram transformações que merecem destaque, como o surgimento de novos núcleos urbanos, após 1970; a construção de novas vias que ligavam os núcleos urbanos, em 1980 e 1990; a implantação, no final de 1980 e início de 1990, do Sistema de Transporte Coletivo da Grande Vitória, o Transcol; e da construção e implantação do Terminal de ônibus de Laranjeiras, em 1990; e construção da Avenida Norte-Sul, que surge como uma rota alternativa à rodovia BR 101 (SCHAEFFER, 2013).

Após os anos 2000 o município de Serra continuou em expansão, novos terminais rodoviários foram construídos, como o de Carapina e o de Jacaraípe; ocorre o crescimento das áreas industriais e do setor terciário; e há uma contínua taxa de crescimento populacional, que contribuem para o aumento da malha urbana do município.

A Figura 9 a seguir, representa a dinâmica urbana do município de Serra no ano de 2010, que quando comparado com o ano 1970, percebe-se um processo de expansão urbana muito acelerada. As áreas com maior expansão urbana concentram-se, principalmente, próximas às indústrias e ao litoral. A região de Laranjeiras, como observado, apresenta um grande crescimento a partir de seu núcleo original.

Figura 9 - Dinâmica Urbana de 2010 de Serra.



Fonte: LERNER (2010)

O município de Serra e o estado do Espírito Santo, de maneira geral, não se preparam da forma adequada para receber as transformações urbanísticas ocorridas naquele período. Para Santos (2004) a ausência de políticas públicas adequadas, que deveriam contornar ou amenizar os problemas trazidos pela nova dinâmica estabelecida de uso e ocupação do solo urbano, pode ser destacada como um dos fatores nevrálgicos que contribuiu para o desencadeamento de processos sócio-espaciais contraditórios.

O processo de urbanização na cidade de Serra ocorreu de forma deficitária, concentrando-se em algumas áreas do município. Não ocorreu um processo homogêneo no território do município, de forma que, em determinados locais, dos 409.267 habitantes, 406.450 (99,3%) moravam na área urbana do município, assim, apenas 2.817(0,7%) habitavam a área rural (IBGE, 2010). De acordo com Siqueira (2001), quando a urbanização de um espaço ocorre desta forma surge uma

descaracterização do espaço causando, também, a expansão de bairros periféricos, que normalmente alojam a classe trabalhadora e podem concentrar a pobreza da cidade.

A partir da dinâmica urbana destacada, o município de Serra continuou crescendo em número de habitantes e, conforme estimativa do IBGE para o ano de 2014, a cidade se tornou a maior do Espírito Santo em população absoluta, tendo o município a estimativa de 476.428 mil habitantes, seguido por Vila Velha, em segundo, com 465.690 habitantes, e Cariacica, em terceiro, com 378.915 mil habitantes.

O crescimento urbano-industrial foi muito significativo, mas não se pode dizer o mesmo com relação às demandas sociais, econômicas, ambientais e espacial da população da RMGV, especialmente em Serra. Para receber o grande crescimento populacional, várias zonas periféricas foram formadas, criando novas mazelas como a desigualdade socioeconômica, a criminalidade e a segregação sócio-espacial.

Como observado por Siqueira (2009, p.16).

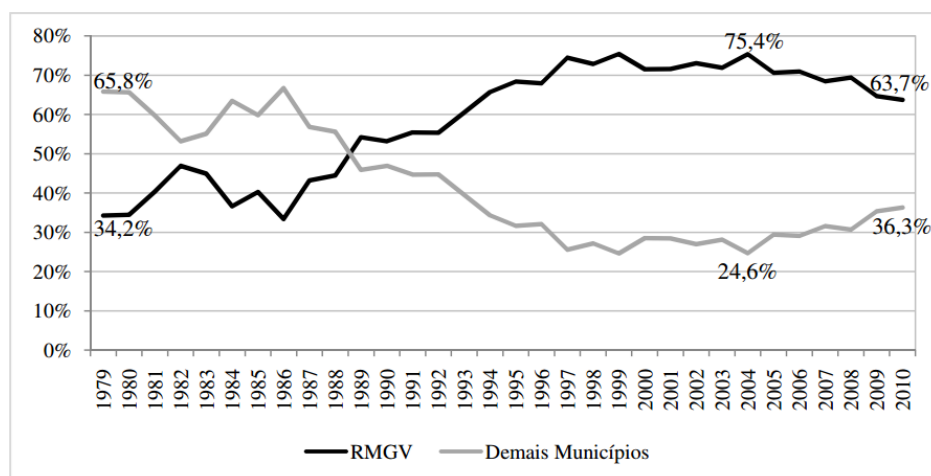
Não é difícil compreender que a desigual distribuição espacial do crescimento econômico do Espírito Santo tem fundamentos no modelo de desenvolvimento adotado, no qual o crescimento e a desigualdade caminharam juntos, promovendo desequilíbrios sociais de grande impacto, principalmente na região da Grande Vitória, lócus centralizador do processo de modernização estadual.

Conforme IJSN (2011), foi nesse contexto de industrialização e urbanização que se agravaram mais intensamente os problemas sociais e, conseqüentemente, a violência passou a se destacar na RMGV em comparação com as demais cidades do estado.

Tendo o homicídio como indicador de violência, constata-se que a partir da segunda metade da década de 1980 a RMGV apresentou uma significativa concentração de violência letal. Antes desse período as taxas do Espírito Santo, da RMGV e dos demais municípios capixabas evidenciavam comportamentos mais equilibrados.

O padrão de concentração de homicídios reflete, principalmente, o processo de urbanização acelerado que se evidenciou centrado na RMGV. O Gráfico 6 mostra que em 1979 na RMGV ocorreram 34,2% dos homicídios do estado, enquanto nos demais municípios ocorreram 65,8%. A partir do ano de 1988 acontece uma inversão, a proporção de violência letal entre RMGV e demais municípios passa a ser a mesma, até ocorrer o ápice em 2004, quando a RMGV concentrava 75,4% contra 24,6% dos homicídios ocorridos no Espírito Santo.

Gráfico 3 – Participação dos homicídios por região.



Fonte: Lira, (2014)

Sobre a RMGV, da qual o município de Serra faz parte, Lira (2014, p. 12) destaca que:

A organização socioespacial observada hoje nessa região é, em grande parte, reflexo da acumulação histórica dos processos desencadeados a partir da década de 70, cujos quais promoveram significativas alterações nas estruturas sociais, econômicas, demográficas, dentre outras. Diversos fatores estruturais, a saber, inchaço populacional, ineficiência de planejamento urbano e políticas sociais adequadas, degradação urbana, acirramento das desigualdades socioeconômicas e segregação socioespacial se correlacionaram nas décadas posteriores à urbanização da década de 70 e passaram a influenciar o aumento dos índices criminais na RMGV.

O aumento expressivo da população aliado a expansão do projeto industrial sem adequado planejamento do município trouxe reflexos no que diz respeito a questões urbanas, tais como carência habitacional, formações espontâneas e desordenadas

de alguns bairros, concentração de problemas sociais, econômicos, territoriais, ambientais e outros.

O bairro Jardim Carapina nasce deste contexto a partir do aumento populacional, da ausência de planejamento e da segregação socioespacial. O bairro apresenta indicadores de violência altos que refletem o processo de transformação urbana desordenado do espaço.

2.2 Criminalidade e Violência Urbana

O tema criminalidade no espaço urbano é multi e interdisciplinar, ele perpassa pela sociologia, economia, arquitetura e urbanismo, demografia, história entre outras, é caracterizado por uma realidade existente que pode ser classificado como um problema de ação para o qual se deve recolher informações e organizá-las em favor de soluções (PARDINAS, 1977).

A criminalidade pode ser entendida como o conjunto de crimes ou o “grau” existente de crimes, compreendidos como violação culpável da lei penal ou, mais genericamente, qualquer ato que suscita a reação organizada da sociedade, caracterizado pela vontade e pela intenção. É o resultado da intenção de alguém em cometer a violação, seja contra o patrimônio, seja contra a vida de outros (GOMES, 2007).

O entendimento do espaço urbano deve ser apreendido, de forma geral, como o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Os usos definem áreas, como: local de concentração de atividades comerciais, o centro da cidade, de serviço e de gestão; áreas residenciais e industriais; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade (CORRÊA, 1989).

A violência urbana tornou-se um tema presente nos debates dos mais variados meios, Pino (2007) declara que a violência é um tema complexo e necessita de uma compreensão profunda que contemple os diversos fatores sociais, econômicos e políticos. O fenômeno da violência não ocorre de forma exclusiva nos grandes

centros urbanos, ela sempre existiu tanto na esfera rural como na urbana, mas é nas grandes cidades que se concentram os principais problemas sociais, econômicos e, muitas vezes, ambientais, onde se verifica ainda a ausência de serviços e equipamentos públicos, como postos de saúde, hospitais, escolas, praças e outros, além da ineficiência dos serviços da segurança pública.

Conforme Adorno (1998), desde o período colonial no Brasil, o impacto da cultura sobre as formas de predominância de condutas violentas socialmente aceitas, pode ser identificado, pois as relações sociais eram caracterizadas pela rigidez hierárquica e a violência fazia parte da rotina .

“[...] a violência esteve incorporada regularmente ao cotidiano dos homens livres, libertos e escravizados, apresentando-se comumente como solução para os conflitos sociais e para o desfecho de tensões nas relações intersubjetivas” (ADORNO, 1999. pp.66-67).

Ainda contextualizando a análise histórica do país, Bonduki (1998), faz uma análise do Brasil no final do século XIX, no período da Primeira República (1889-1930), e constata que a intervenção estatal no espaço urbano e moradias tinham como intenção eliminar os possíveis focos de epidemias que pela falta de estrutura atingia também as elites. Aqui fica marcado o início do processo de segregação na Primeira República que, inclusive, contou com apoio das elites.

O processo de urbanização do país é um elemento essencial para entender como se dá a distribuição espacial e sua relação com a criminalidade no território.

Segundo Paixão (1983), estudos sociológicos sobre cidades apoiam a percepção da associação entre processos desorganizados e rápidos de crescimento urbano e o incremento nas taxas de criminalidade e violência. Processos rápidos de industrialização e urbanização provocam fortes movimentos migratórios, concentrando amplas massas isoladas nas periferias dos grandes centros urbanos, sob condições de extrema pobreza, desorganização social e exposta a novos comportamentos e aspirações mais elevados, inconsistentes com as alternativas institucionais de satisfação disponíveis. Essas rápidas mudanças sociais produzem

o ambiente propício para a expansão da violência e criminalidade nas grandes cidades.

A criminalidade não atinge as populações das grandes cidades de forma homogênea. Os de mais baixa renda são as maiores vítimas, em especial, do homicídio, que concentra as mais altas taxas em bairros mais pobres. Esse fato tem chamado a atenção de pesquisadores e autores para a possível relação entre o processo de segmentação e segregação sócio-espacial que vem ocorrendo, que separa as classes e grupos sociais em espaços de abundância e outros em espaços de concentração populacional (MATTOS, 2008).

Para Hugues (2004), a criminalidade está relacionada diretamente com a violência urbana, o autor confirma a vinculação entre os fenômenos citados enfatizando as questões inerentes às situações de precariedade urbana e à exclusão social.

3 O BAIRRO JARDIM CARAPINA

Neste capítulo, será apresentado o trabalho de campo realizado em Jardim Carapina, e está dividido em quatro subtítulos. O primeiro deles apresenta o bairro Jardim Carapina e suas especificidades, como a sua formação e questões sociais, políticas e econômicas; o segundo apresenta a pesquisa de campo com utilização da grade de observação de áreas informais; o terceiro apresenta o Mapa Síntese de Jardim Carapina, localizando os equipamentos públicos e apontando os locais de homicídios ocorridos nos anos de 2013 e 2014 e no quarto e último subtítulo será apresentado como ocorre a presença policial no bairro.

Neste capítulo será apresentada parte da coleta de dados realizada durante a pesquisa, sendo também por meio desta é possível analisar a dinâmica da criminalidade do bairro, considerando as características sociais, econômicas, ambientais e espaciais, do bairro. Busca-se identificar a infraestrutura presente e os tipos e números de equipamentos públicos fazendo uma relação com a violência, principalmente a letal, que acomete o bairro.

3.1 Formação Social, Econômica, Ambiental e Espacial do Bairro Jardim Carapina, Serra-ES

O bairro Jardim Carapina faz parte da região de Carapina, que se situa na parte sul do município de Serra, fazendo limite com a capital do estado, a cidade de Vitória. A ocupação urbana desta região ocorreu de forma acelerada após a implantação de parte das atividades da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e da implantação do porto de minérios na Ponta de Tubarão, inaugurado em 1966, ao sul do distrito. O porto, somado a um planejamento estatal voltado para o desenvolvimento econômico, resultou na implantação de grandes indústrias e conjuntos habitacionais populares, identificados também como os indicadores da configuração desse território (FIOROTTI, 2014).

O porto e a CVRD na Ponta de Tubarão reorganizaram a direção do crescimento na RMGV que foi do sul para a direção norte, com consequências também na alteração da direção da expansão urbana do município de Serra, que antes era voltada para o

litoral e vias de acesso. A partir de então a expansão urbana foi redirecionada para a região Carapina, ao longo da Rodovia BR 101 (SILVA, 2006).

Após a década de 1980, a crise econômica, somada a um crescimento demográfico acelerado e à ausência do estado, ocorre o surgimento de conjuntos habitacionais precários, muitos deles integrando Áreas de Preservação Permanente e áreas públicas de conjuntos habitacionais populares e seus entornos (FIOROTTI, 2014).

O acelerado crescimento populacional nas cidades foi uma resposta do reflexo dos estímulos ocorridos com as atividades econômicas industriais no espaço urbano e pela falta de opções para a premência nas áreas rurais, o que gerou maior demanda habitacionais populares nos centros urbanos (TASCHNER, 1997).

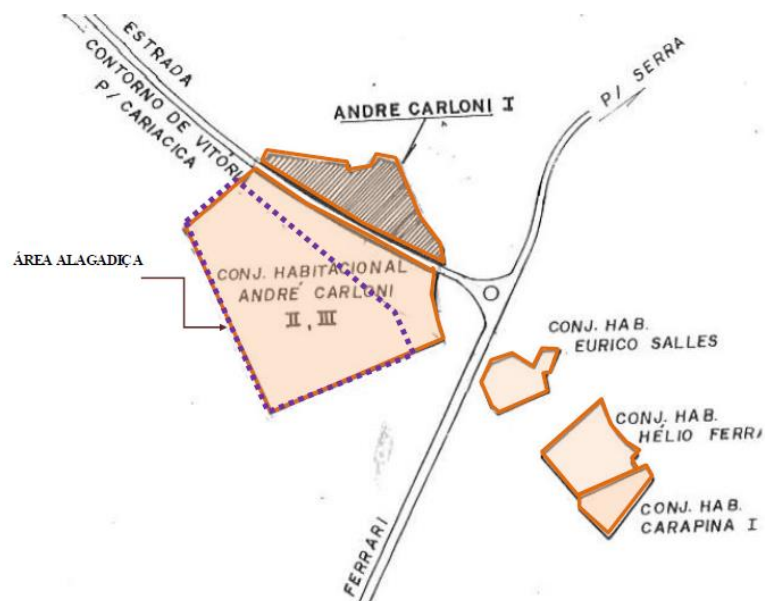
Neste contexto de questões habitacionais na RMGV, da década de 1980 e início da década de 1990, Duarte (2016) diz que os desempregados, trabalhadores informais, subempregados e tantos outros que não podiam arcar com prestações mensais de financiamento, passaram a ocupar áreas impróprias com baixo ou nenhum valor para o mercado imobiliário. A partir desta ocupação irregular, principalmente no início dos anos de 1990 as áreas de morros, mangues e outras áreas inadequadas para habitações passaram a sofrer com intervenções urbanísticas do poder público, pois no novo entendimento político, era de que intervenções em áreas já ocupadas permitiria a redução de recursos públicos. Duarte (2016) continua, e diz que esse modelo de inclusão via informalidade e ilegalidade, é uma das consequências geradas pelo crescimento urbano industrial visto em cidades brasileiras, sendo que a dificuldade de acesso as habitações sempre está acompanhada da impossibilidade de alcance aos demais serviços de infraestrutura urbana.

O processo de industrialização no município de Serra nas décadas de 1970 e 1980 não proporcionou um desenvolvimento urbano, mas sim uma grande expansão da cidade, pois não ocorreu elevação dos níveis de renda da população e nem oferta satisfatória de serviços e infraestrutura por parte do poder público, fato que pode ser percebido quando se fala em habitações para populações com baixa renda.

O mapa apresentado na Figura 10 ilustra os conjuntos habitacionais ao sul do distrito de Carapina na década de 1980, com a indicação da área prevista para implantação do conjunto André Carloni I, II e III e demarcação da área alagadiça. A área prevista para construção de André Carloni II e III, que também é onde está demarcada a área alagadiça, é o local onde atualmente encontra-se o bairro Jardim Carapina.

A área que está marcada como André Carloni I foi contemplada com um conjunto habitacional que foi regularmente aprovado em 1982, porém, os conjuntos de André Carloni I e II não saíram do papel, pois a área foi invadida por moradias irregulares que formaram o bairro Jardim Carapina.

Figura 10 - Trecho de planta elaborada pela Cohab/ES, ilustrando os conjuntos habitacionais ao sul do distrito de Carapina.



Fonte: Baseado em Prefeitura Municipal de Serra, representação da década de 1980, (adaptado por Fiorotti, 2014).

O bairro Jardim Carapina é um dos bairros de Serra que fica mais próximo da capital do estado, a cidade de Vitória. No entorno do bairro existem pontos que são referência na Região Metropolitana, como por exemplo: A Avenida Fernando Ferrari, o Aeroporto Eurico Salles, Batalhões da Polícia Militar, o Apart Hospital, o Manguezal Sul que é Área de Preservação Permanente (APP), a Rodovia do Contorno, o Condomínio Residencial de Alpha Ville, além de outros pontos que

influenciam diretamente nas dinâmicas de mobilidade dos moradores do bairro, especialmente.

Na Figura 11 é possível perceber a localização do bairro Jardim Carapina em relação ao município de Serra e da capital do estado. Ao analisar o mapa verifica-se que apesar de Jardim Carapina ser um bairro vulnerável do ponto de vista social, econômico e ambiental, este fica próximo a locais com terrenos muito valorizados como Alpha Ville Jacuhy, e a usos/funções importantes: Aeroporto de Vitória e Universidade Federal do Espírito Santo, a eixos de mobilidade principais como BR 101, e a áreas ambientais como o manguezal.

Figura 11 - Mapa de proximidade do Bairro Jardim Carapina do ano 2016.



Fonte: Departamento de Geoprocessamento da Prefeitura da Serra, 2016 (adptado por pesquisa “Insegurança nas Cidades”, 2016).
 Elaboração: Bolsista de Iniciação Científica da UVV, Pesquisa Institucional “Insegurança nas Cidades” (2016).

As fotografias aéreas e de satélite apresentadas na Figura 12 evidenciam a rápida e desorganizada ocupação do bairro, podendo ser observada a ocupação muito próxima ao manguezal, com divisão de lotes e quarteirões de forma aleatória e com execução recente de pavimentação.

Figura 12 - Fotos Aéreas de Jardim Carapina, respectivamente, dos anos 1978, 1998, 2005 e 2012.



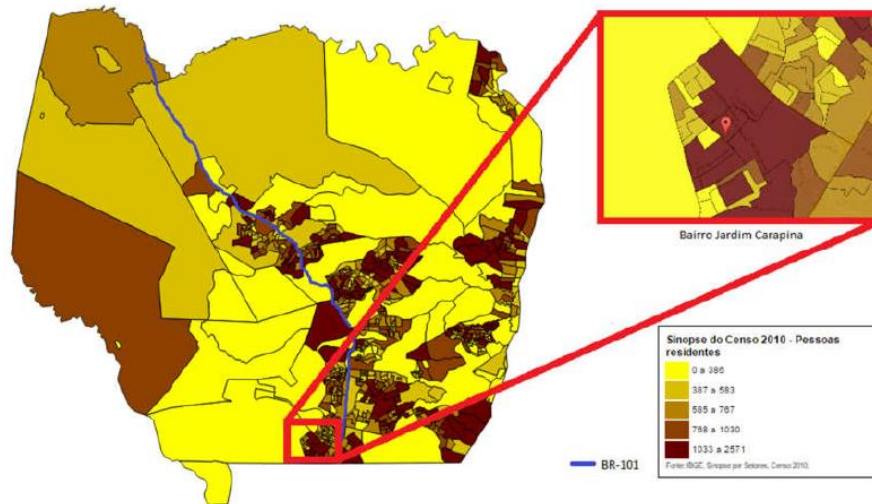
Fonte: Site www.veracidade.com.br (adaptado pelo autor), (2016).

O bairro Jardim Carapina fica em um espaço que passou a ser ocupado a partir de 1988, principalmente por pessoas vindas de outros bairros de Serra e de outros municípios do Espírito Santo (BORGES, 2009), além de possuir moradores que vieram de outros estados do Brasil, principalmente da Bahia e Minas Gerais, conforme já mencionado anteriormente.

A expansão urbana do município de Serra caracterizou-se pelo acúmulo de contingente populacional em áreas específicas. A Figura 13 mostra uma concentração populacional nas áreas litorâneas e nas regiões que margeiam a

Rodovia Governador Mario Covas, a BR 101. O bairro Jardim Carapina tem concentra 14.502 habitantes (6.949 homens e 7.103 mulheres conforme IBGE, 2010).

Figura 13 - Concentração Populacional no município de Serra.



Fonte: IBGE, Censo 2010. Elaboração: Valter Rodrigues Vasconcelos Junior (2016)

Conforme já destacado, a concentração populacional em alguns bairros é um reflexo do projeto de industrialização pelo qual passou o município de Serra, que recebeu um grande contingente populacional pouco especializado em um curto período. Parte desse contingente não foi absorvido pelas indústrias, sendo, também, excluídos do tecido social urbano e ocupando espaços precários e impróprios para habitação.

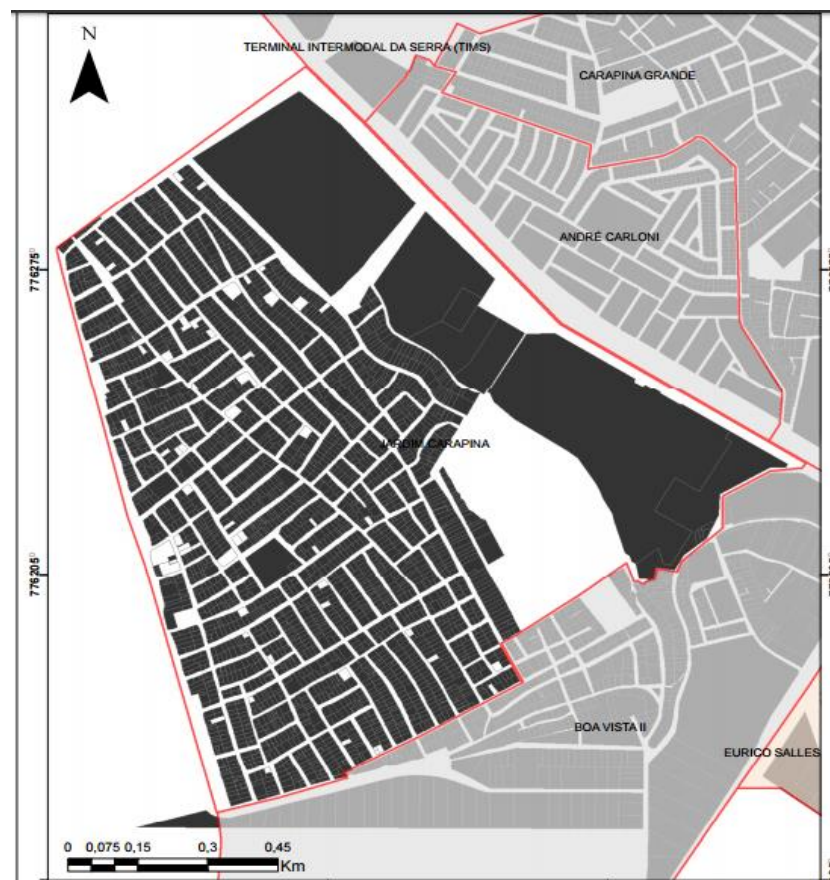
A baixa condição econômica desse novo contingente populacional que chegou à cidade de Serra e formou novos bairros, dentre eles Jardim Carapina, se reflete até os dias atuais, pois enquanto na cidade de Serra o “Valor do Rendimento Nominal Médio Mensal das Pessoas de 10 anos ou Mais de Idade, com Rendimento (Reais)”¹⁰, no ano de 2010 foi de 1.106,1 reais, em Jardim Carapina o valor foi de apenas 722,7 reais, sendo o oitavo bairro com pior condição econômica do município.

¹⁰ O “Valor do Rendimento Nominal Médio Mensal das Pessoas de 10 anos ou Mais de Idade, com Rendimento (Reais)” é mais um dos indicadores sociais e econômicos do IBGE. Usa como referencia o rendimento por pessoa com 10 ou mais anos de idade. Utilizado para fazer comparações entre regiões.

Duarte (2016) diz que o município de Serra apresentava algumas das transformações socioeconômicas mais significativas da RMGV, pois ao longo das décadas de 1980, 1990 e dos anos 2000 ocorreram grandes mudanças no cenário municipal, devido à chegada das indústrias e expansão da periferia gerada pelo grande número de conjuntos habitacionais, que acabavam constituindo novos bairros. A autora chama atenção para a ocupação irregular de áreas, constituídas a partir de loteamentos aprovados e autorizados pelo poder público.

O Mapa de Morfologia Urbana do bairro Jardim Carapina apresentado na Figura 14 mostra que as áreas brancas são onde não existe edificação, portanto são ruas, vielas ou terrenos vazios. Através do mapa é possível verificar que os quarteirões não são padronizados e são bastante disformes e irregulares, reforçando as características de um bairro de formação espontânea, ou seja, não planejado.

Figura 14 - Mapa de Morfologia Urbana de Jardim Carapina.



Fonte: Departamento de Geoprocessamento da Prefeitura da Serra, 2016 (adptado por pesquisa “Insegurança nas Cidades”, 2016).
Elaboração: Bolsista de Iniciação Científica da UVV, Pesquisa Institucional “Insegurança nas Cidades” (2016).

Na figura 15, no Mapa GeoMorfologia, observa-se, com as cores apresentadas, que Jardim Carapina sofre periodicamente com alagamentos, uma vez que o bairro está localizado em área de Acumulação Fluvial¹¹, conforme dados da prefeitura. Outra pequena parte do bairro, mais distante do manguezal e mais próxima da Rodovia BR 101, está definida como área de Piemontês Inundado¹². Vale ressaltar que a dinâmica de alagamento interfere diretamente na distribuição espacial de residências e comércio do bairro, uma vez que as habitações mais precárias ficam nas áreas mais suscetíveis ao alagamento, enquanto as áreas comerciais e habitações com melhor estrutura ficam mais próximas a Rodovia BR 101.

Figura 15 - Mapa de GeoMorfologia



Fonte: Departamento de Geoprocessamento da Prefeitura da Serra, 2016 (adptado por pesquisa “Insegurança nas Cidades”, 2016).

Elaboração: Bolsista de Iniciação Científica da UVV, Pesquisa Institucional “Insegurança nas Cidades” (2016).

¹¹ Acumulação Fluvial que se caracteriza por “área plana resultante de acumulação fluvial sujeita a inundações periódicas, correspondentes às várzeas atuais. Ocorre nos vales com preenchimento aluvial” (IJSN, 2012, p. 11).

¹² Piemontes Inundando se constituem de sedimentos Cenozóico do Grupo Barreiras. Característica de regiões de baixos planaltos. (IJSN, 2012, p. 10).

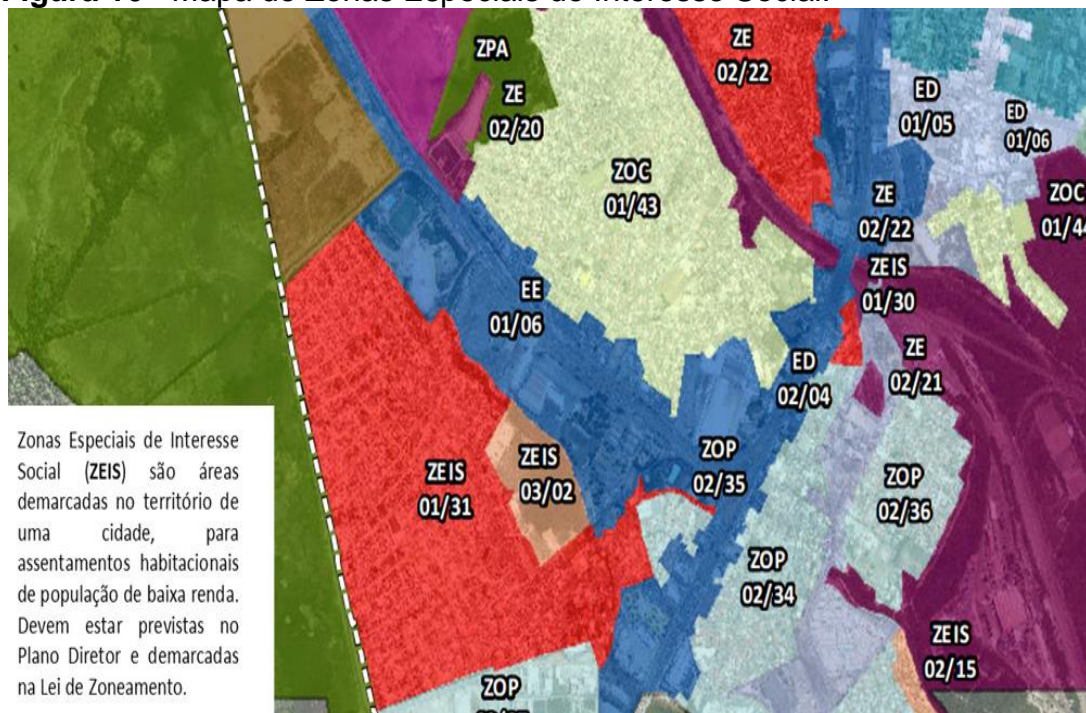
O município de Serra por meio da Lei nº. 3.820/2012, em seu Anexo 3, reconheceu a existência de áreas carentes na cidade e as definiu como Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS). De acordo com o previsto na citada lei, as ZEIS são definidas da seguinte maneira:

[...] Art. 136. As Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS são áreas inseridas em área urbana ocupada, predominantemente, por população de baixa renda, ou que tenham sido objeto de loteamentos e/ou conjuntos habitacionais irregulares, que exigem tratamento diferenciado dos parâmetros de uso e ocupação do solo urbano, e que serão destinadas a programas e projetos especiais de urbanização, reurbanização, regularização urbanística e fundiária (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERRA, 2014).

Vale ressaltar que a lei foi aprovada em 2012, ou seja, após o bairro estar constituído, portanto ela surge com a proposta de legitimar o processo de formação espontânea existente nos bairros do município.

O bairro encontra-se delimitado pela Prefeitura de Serra como sendo uma Zona Especial de Interesse Social, que são áreas destinadas para assentamento habitacional de população de baixa renda. Na Figura 16 o território de Jardim Carapina está sobreposto pela “ZEIS 01/31”.

Figura 16 - Mapa de Zonas Especiais de Interesse Social.



Fonte: Departamento de Geoprocessamento da Prefeitura da Serra, 2016.

3.2 Grade de Observação de Campo para Abordagem Metodológica de Locais Informais e Fotografias

A Grade de Observação de Campo para Abordagem Metodológica de Locais Informais¹³ possibilitou identificar e mapear as diversas vulnerabilidades pelas quais a população da área está exposta. A grade é de abordagem de locais informais, por isso mesmo pode ser aplicada em um bairro de formação espontânea, onde não há, necessariamente, regularidade na conformação das quadras/lotês; não há o atendimento às leis de zoneamentos urbanísticos (que define afastamento frontal/lateral/fundos, altura das edificações, coeficientes de aproveitamento, dentre outras taxas e índices).

Foi realizado o percurso do bairro juntamente com uma equipe de pesquisa¹⁴ onde foi realizada a observação dos critérios e indicadores que foram resumidamente apresentados no Quadro 2, página 18 e encontram-se completos no Anexo I.

Antes de apresentar os pontos previstos na grade de observação citada, vale ressaltar que a observação mais direta foi feita, principalmente, na Avenida Presidente Dutra, embora todo bairro tenha sido percorrido e observado. A escolha desta avenida ocorreu por uma série de motivos, dentre eles estão o fato dela ser uma das maiores vias do bairro; por, de certa forma, concentrar mais homicídios no seu entorno; por ser, aparentemente, bastante heterogênea em suas características; e por ela atravessar toda a extensão de Jardim Carapina.

O mapa da Figura 17, a seguir, representa em vermelho o percurso feito pelos pesquisadores no bairro Jardim Carapina, a linha que fica mais acima na Figura 17, representa a Avenida Jânio Quadros, a próxima linha grande abaixo, representa a

¹³ A grade utilizada na pesquisa de campo foi adaptada da versão construída por Catherine Reginensi (socióloga, pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), apresentada em minicurso sobre método de observação de campo intitulado “Métodos de pesquisa qualitativa: a observação” (UVV, agosto de 2015), no qual apresentou e exercitou a grade em campo. Ela foi adaptada para esta pesquisa de acordo com as especificidades de Jardim Carapina e com as condições que se apresentaram neste campo.

¹⁴ A equipe foi composta por este autor, por bolsistas de iniciação científica da pesquisa “Insegurança nas Cidades” desenvolvida no Mestrado de Segurança Pública da UVV, coordenada pela professora Michelly Ramos de Angelo.

Avenida Presidente Dutra, a segunda linha mais a baixo, representa a Avenida Porto Seguro e a linha mais abaixo no mapa, representa a Rua Lírios do Vale.

Figura 17 – Mapa de Jardim Carapina com destaque para o percurso realizado para pesquisa.



Fonte: Site www.google.com.br (adaptado pelo autor), (2016).

Dentro dos critérios arquitetônicos e urbanísticos foram identificados alguns indicadores associados, conforme grade de observação utilizada. Dentre estes indicadores estão: tipo de habitação; tipos de materiais utilizados; tipo de arquitetura/identidade; redes de infraestrutura e fluxos, caminhos e passagens; predominância de usos.

Além de critérios arquitetônicos e urbanísticos, foram levantados indicadores relacionados à critérios sócio-anropológico e sócio político, que se relacionam à ocupação e apropriação do espaço; atividade econômica desenvolvida e renda; presença de serviço público, tais como escolas, centros de saúde, e outros.

E por fim, os critérios transversais, que perpassam e influenciam de alguma forma todos os demais critérios. Foram utilizados como indicadores o tráfico de drogas, a violência e o meio ambiente.

O levantamento tem como objetivo identificar as vulnerabilidades do bairro, cooperando, dessa forma, na compreensão da relação entre o espaço urbano e suas carências com os dados associados à violência.

Muitos dos critérios utilizados se superpõem e causam interferências diretas uns nos outros com suas consequências e reflexos. Não é possível compreendê-los de forma isolada, eles precisam ser entendidos considerando o contexto em que o bairro está inserido.

3.2.1 Critérios Arquitetônicos Levantados

Tipos de Habitação:

Em relação ao critério arquitetônico composição e organização das habitações foi verificado no bairro a existência de habitações formais e informais e, também, habitações individuais e coletivas, tendo a prevalência na avenida estudada, de habitação informais e coletivas. Conforme Sá (2009, p. 27) a denominação informal tem relação, principalmente, com as formas de produção do espaço urbano e habitacional que não se enquadram nos parâmetros formais de formação do território da cidade, tanto no âmbito urbanístico, como jurídico ou do mercado imobiliário. A habitação coletiva é aquela destinada ao uso residencial de um grupo de pessoas, usualmente não unidas por laços familiares, ligadas por interesses diversos (ALBERNAZ e LIMA, 2003).

Na área estudada existe uma predominância de habitações precárias - sem iluminação, sem reboco, sem pinturas - mas em alguns locais dentro do bairro existem habitações mais conservadas. As construções usam, de forma predominante, toda a extensão do terreno, existindo nenhuma ou uma distância mínima de uma casa para outra vizinha.

Na Figura 18 observam-se habitações aparentemente informais, devidos as suas características, pois são construções, em Áreas de Preservação Permanentes ou muito próximas a elas. São bastante irregulares entre si e não seguem um padrão

de construção. Observam-se possíveis habitações coletivas, dentro de um mesmo lote, com habitações, com variação de tamanho e tipologia do mesmo terreno.

Figura 18 – Fotografia de Jardim Carapina - Habitações Coletivas e sem Padrões.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Ocorre uma predominância de habitação unifamiliar e não de habitações multifamiliares como apartamentos ou em sistema de condomínio, mas nas avenidas maiores não é possível definir se há predominância de habitações de uso unifamiliar ou multifamiliar¹⁵, conforme Figura 19.

Figura 19 – Fotografia de Jardim Carapina – Vias Principais do Bairro.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

¹⁵ Habitação pode ser unifamiliar, quando se destina a uma única família, sendo comumente chamado “casa”, ou multifamiliar, quando se destina a mais de um domicílio, como, por exemplo, o edifício de apartamentos (ALBERNAZ e LIMA, 2003).

Os tamanhos dos terrenos são bastante variados e despadronizados. As habitações em sua maioria, não possuem varandas ou quintais, mas apresentam “terraço capixaba”, que são áreas que ficam no pavimento superior da construção e são utilizadas para lazer, festividades, para crianças brincarem, para lavar/estender roupas, dentre outros usos. A maioria das habitações apresenta apenas um pavimento, com exceção das áreas comerciais, pois nestas áreas existe uma predominância de dois andares com uso comercial no primeiro pavimento e residencial nos demais. Fora da área comercial, as poucas habitações que apresentam mais de um pavimento parecem construídas em um segundo ou terceiro momento, possivelmente a partir da ampliação da família e dos recursos.

Tipos de materiais utilizados; Arquitetura/identidade, Habitação; e Custo de construção:

Com relação ao tipo de material utilizado nas construções do bairro é possível afirmar que existe uma predominância de habitações sem revestimento, porém, em algumas avenidas e ruas, como em áreas mais comerciais, como parte da Avenida Porto Seguro, por exemplo, as construções apresentam revestimento, pintura e boas condições de acabamento. Observa-se uma variação de renda das famílias, que se apresentam nos diversos tipos de tamanhos de edificações e acabamentos nas construções.

Conforme se observa na Figura 19, à esquerda é apresentada uma área residencial com construções de diferentes tipos de acabamentos e tamanhos e na direita, tem-se uma área comercial, com construções com reboco e pintura. Na Figura 19 pode ser observada, também, a grande quantidade de construções com terraços, que é uma expressão da cultura arquitetônica popular capixaba.

3.2.2 Critérios Urbanísticos Levantados

Redes de infraestruturas e de fluxos:

Verificou-se a presença de muitas áreas de lazer informal, tais como o campo de futebol de areia ocupando terreno vazio, e espaços ocupados com lazer infantil em

ruas com pouco movimento como, por exemplo, o caso da rua Presidente Jânio Quadros, que tem muitas interrupções em seu caminho, mas que será melhor explicado no critério Ocupação e Apropriação do Espaço.

Quanto aos equipamentos de lazer formais, foram observadas três praças, sendo duas prontas (uma com quadra poliesportiva coberta, com espaço amplo e pavimentado e outra praça pequena apenas com alguns poucos bancos) e uma em construção, três campos de futebol, um que fica no interior do bairro, sendo de grama e em ótimas condições, outro que fica no limite do bairro, sendo o gramado sintético e também em perfeitas condições e um terceiro campinho de areia delimitado por pneus.

A Figura 20 apresenta um campinho de futebol informal, possivelmente construído por moradores, para lazer de crianças do bairro.

Figura 20 – Fotografia de Jardim Carapina – Campinho de futebol.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Não foi observada área verde pública no bairro, apenas arborização no interior das casas e em alguns dos limites do bairro.

Com relação às instituições religiosas, foi observada a presença de muitas igrejas de diversas denominações, porém, com prevalência de igrejas cristãs protestantes. Na Figura 21, a seguir, se veem duas destas igrejas.

Figura 21 - Fotografia de Jardim Carapina - Algumas Igrejas do Bairro.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Nos dias das visitas, que ocorreram, principalmente, em dias de semana no período vespertino, foi observado que as ruas residenciais do bairro não são, de maneira geral, apropriadas pelos moradores, sendo mais um local de trânsito e não de permanência. Foi observada uma pequena feira de frutas na avenida Presidente Dutra, mas não foi observado ponto de encontro com aglomeração de pessoas específico, mas vale ressaltar a presença de alguns poucos jovens que se concentram em frente a algumas casas, que ficam observando as pessoas que transitam pelo bairro. Nos dias e horários das visitas não havia concentração de pessoas nas praças.

Foram observados terrenos e construções aparentemente sem uso com ausência de iluminação e com vegetação relativamente densa, demonstrando abandono.

Com relação ao tipo de comércio, foram percebidos comércios formais nas avenidas principais e alguns poucos no interior do bairro, onde se concentram o comércio informal e a prestação de pequenos serviços e venda de produtos manufaturados e de produção caseira. Foi observada a existência de muitos bares, algumas mercearias, algumas bancas de vendas de frutas e verduras.

No interior do bairro foi observada a presença de muitas lojas, principalmente as pequenas e informais, que ocupam o térreo das edificações. Algumas avançam até a rua através das construções informais. Existem poucos grandes espaços comerciais, mas podem ser destacados dois supermercados, uma distribuidora de bebidas e uma loja de materiais de construção.

Caminhos e Passagens:

A ligação de Jardim Carapina com os demais lugares da cidade pode ser feita de carro, a pé, de motocicleta, de bicicleta ou ônibus circular, que atende ao bairro e que pertence a rede intermunicipal de transporte público (linha 826 do sistema TRANSCOL).

A movimentação entre os espaços ocorre, de maneira geral, nas ruas pavimentadas. Porém, no bairro, elas são estreitas, o que causa prejuízo na circulação de carros maiores e ônibus, que passam apenas pelas principais vias, mas mesmo assim com dificuldades.

O acesso mais rápido para quem usa bicicleta ou anda a pé do bairro para a Rodovia do Contorno, é uma viela com pouca iluminação e com pichações intimidadoras que dizem, por exemplo, *Beco do Beck* ou *Para continuar tire o capacete*. As características dessa viela geram o entendimento de que o local é controlado pelo tráfico de drogas e os dizeres das pichações trazem insegurança para moradores e visitantes do bairro.

No entorno do bairro, nos locais onde há um curso de água poluído que ainda não foi canalizado, existem passarelas e pontes precárias de ligação, muitas com características de autoconstrução. A Figura 22 apresenta um local onde uma ponte informal começou a ser construída, mas por algum motivo não foi concluída, e na fotografia ela aparece quase que totalmente submersa no curso de água.

Figura 22 - Fotografia de Jardim Carapina – Curso de Água Poluído.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Na Figura 23, a seguir, são apresentadas as escadarias que fazem a ligação entre a parte plana do bairro e da parte de cota mais alta. Na Figura 23, à esquerda é apresentada a parte mais alta na maior escadaria do bairro, que termina na rua Lírio dos Vales. Do local pode ser visto quase que a totalidade de Jardim Carapina.

Figura 23 - Fotografia de Jardim Carapina - Escadarias de Jardim Carapina.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Com relação aos limites de Jardim Carapina em relação a outros locais de Serra, podem ser apontadas algumas barreiras, por exemplo, o um curso de água poluído, a rua Jânio Quadros, que possui várias interrupções (fruto de mobilização dos moradores, mas que será melhor explicado no critério Ocupação e Apropriação do Espaço) e o grande muro na rua Lírio dos Vales e o próprio manguezal.

Ruas sem saída ou bloqueadas não são muito comuns. O curso de água poluído que constitui um limite entre algumas partes do bairro, se constitui em uma barreira ou um bloqueio entre algumas ruas. Esse bloqueio gera problemas de mobilidade para os moradores do bairro.

O muro muito extenso e alto na rua Lírio dos Vales, que percorre toda a sua extensão, se conformando em um bloqueio, a posição e altura do muro forma uma espécie de barreira que impede o morador do bairro de ver o que acontece fora do bairro e também de ser visto.

Com relação a muros nas edificações, de maneira geral, é possível afirmar que há pouca presença de muros devido às características de ocupação total dos terrenos e a ausência de afastamentos, que, quando ocorrem, são bem diversificados. Nos locais mais precários percebe-se, também, muitas cercas e vedações em madeira e restos de materiais.

Com relação às ruas e calçadas, na Avenida Presidente Dutra não é possível definir e delimitar a separação da rua (leito carroçável) e da calçada (passeio para pedestres), visto que a toda a circulação - área pública - acontece no mesmo nível. As casas se abrem para uma via de terra - sem calçamento - e no centro possui uma galeria de concreto pré-moldado por onde foi canalizado um segundo curso de água poluído. Essa galeria constitui o leito carroçável, e as suas laterais de terra, o passeio dos pedestres. Contudo, as distâncias não são fixas, possuindo variações consideráveis ao longo de seu curso.

Na Figura 24 podem ser vistas a falta de pavimentação nos leitos carroçáveis e nos passeios para pedestres da Avenida Presidente Dutra. Em ambas as fotografias,

mas, principalmente na da direita, pode ser observado uma galeria de concreto pré-moldado por onde foi canalizado o curso de água poluído.

Figura 24 - Fotografia de Jardim Carapina – Via e Curso de Água Canalizada.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Algumas edificações acumulam entulhos, britas, pedregulhos ou cobrem com concreto (ou outros materiais) as pequenas áreas junto as casas com o intuito de delimitar o acesso a residência e criar um limite entre o público e o privado.

Identificou-se que o bairro é predominantemente plano, com uma única parte mais alta (um morro) que possui passagens através de escadarias. Ocorre no bairro uma predominância de ruas informais.

As casas apresentam fachadas frontais sem afastamento da rua e com apenas uma viela lateral que dá acesso aos fundos onde se abre um quintal com diversos acessos a diferentes moradias em um único terreno.

3.2.3 Critérios Sócio-Antropológicos Levantados

Ocupação e Apropriação do Espaço:

Foi observada uma dinâmica de autoconstrução de edificações, de mobiliário urbano, e de intervenções viárias. Verificaram-se placas de trânsito produzidas pelos moradores do bairro e, também, a presença de “canais” abertos por moradores no curso da rua Jânio Quadros, a via faz limite com o manguezal e passa por todo o

entorno do bairro, ligando a Reta do Aeroporto à Rodovia do Contorno (observar Figura 11). No ano de 2013 foi concluída uma obra de pavimentação que transformou a rua Jânio Quadros em, praticamente, uma Via de Trânsito Rápido¹⁶, porém seus “canais” de escoamento de água construídos não eram capazes de dar vazão a toda a água acumulada em decorrência de chuvas. Após a construção da via, o bairro passou a ficar inundado constantemente, e muitos moradores do bairro, insatisfeitos com a situação, fizeram “rasgos” na via para a abertura de “canais” na via. A ação dos moradores acabou interrompendo a via, mas auxiliou na situação do escoamento da água das chuvas. Com a ausência de carros a via passou a ser utilizada, principalmente, por crianças, como local de lazer.

Na Figura 25, a seguir, pode ser visto, à esquerda, uma placa de trânsito feita por moradores, pois ela não segue o padrão das placas de instituições oficiais. A imagem da direita apresenta a Rua Jânio Quadros, interrompida.

Figura 25 - Fotografia de Jardim Carapina – Formas de “Engajamento” da população.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Com a omissão ou demora do poder público em tomar providências para corrigir algumas situações que causam transtornos para a população do bairro, os moradores se mobilizam e organizam de diversas formas para “resolver” os

¹⁶ Segundo Código de Trânsito Brasileiro uma Via de Trânsito Rápido é caracterizada por acessos especiais com trânsito livre, sem interseções em nível, sem acessibilidade direta aos lotes lindeiros e sem travessia de pedestres em nível.

problemas. Muitas vezes a solução encontrada pela população não tem a legalidade necessária ou não é a mais adequada, porém é a solução que se apresenta no momento. Como o poder público ignora muitas demandas das populações ocorrem ações deste tipo.

Atividades econômicas desenvolvidas e rendas:

No interior do bairro tem-se a presença de pequenos comércios, em sua maioria informal. Várias casas se abrem para a rua, criando uma vivência no térreo e uma ligação direta entre exterior (rua) e interior (edificação).

Na Figura 26, a seguir, podem ser vistas imagens de comércios informais que ocorrem no bairro. Nas três primeiras imagens, observam-se habitações que foram “transformadas” em comércio e na última pode ser vista uma barraquinha de rua.

Figura 26 - Fotografia de Jardim Carapina – Comércio Informal.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Com exceção do pequeno comércio existente, o bairro não se apresenta como um local de grandes oportunidades de trabalho, portanto, a maioria dos residentes se desloca para outros locais da RMGV para trabalhar.

3.2.4 Critérios Sociopolíticos

Presença de serviço público no local: escolas, centro de saúde, instalações de proximidade:

Com relação à presença do serviço público, foram identificadas no bairro três escolas públicas, um Centro de Referência de Assistência Social e uma Unidade de Saúde. No limite, mas já fora do bairro, existem dois batalhões da polícia militar.

Na Figura 27 podem ser vista duas construções maiores, sendo que a primeira delas é a Unidade de Saúde do bairro e a segunda é uma das escolas.

Figura 27 – Fotografia de jardim Carapina – Escola e Posto de Saúde.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Com relação aos serviços de limpeza urbana foi observada a presença de serviço de coleta de lixo e varrição de rua, mas existem pontos de acúmulo de lixo e entulho. De acordo com a Prefeitura de Serra os dados relativos aos dias da semana e

horários que ocorrem a limpeza podem ser visualizados no site da prefeitura, porém, ao fazer a pesquisa, quando se tenta abrir o documento que contém as informações surge a mensagem de que o serviço está inválido e que é preciso verificar em um outro momento. Quanto ao fornecimento de água e eletricidade, a maior parte das edificações possui acesso à água e eletricidade, mesmo que, em alguns casos, seja possível perceber pelas ruas ligações elétricas feitas de forma clandestina.

Em ambas as imagens da Figura 28 podem ser vistos muitos fios de condução de energia elétrica saindo de postes e espalhados pelo bairro, em alguns casos os fios passam de um lado da rua ao outro, sendo perceptível que não são fios instalados pela distribuidora de energia.

Figura 28 – Fotografia de Jardim Carapina – Fiação Rede Elétrica Desordenada.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Ainda em relação às questões relativas ao fornecimento de energia elétrica, outro risco que se apresenta ao longo da Rua Jânio Quadros, próximo ao manguezal, a é presença de várias torres de alta tensão que ficam muito próximas a casas e demais construções.

Nas quatro imagens da Figura 29, a seguir, podem ser vistas as torres de alta tensão muito próximas às habitações. As torres de condução de energia influenciam diretamente na vida dos moradores do bairro, pois elas ficam muito próximas das residências, devido à falta de fiscalização do poder público, falta de informação dos

moradores ou dificuldade em encontrar outro local para construir suas habitações, alguns moradores insistem em construir moradias bem próximas às torres. Vale ressaltar que as torres são percebidas por todos os moradores e visitantes do bairro, pois elas são grandes e ficam no campo de visão de qualquer pessoa que esteja no bairro.

Figura 29 - Fotografia de Jardim Carapina – Torres de Alta Tensão Próximas as Habitações.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

3.2.5 Critérios Transversais

Tráfico de Drogas e Violência:

Durante o percurso a pé da equipe de pesquisa foi percebida a presença de jovens que observavam toda a movimentação no entorno deles, eles pareciam tomar conta de determinados setores. Em uma das visitas de campo, na Avenida Presidente

Dutra, em um dos momentos mais tensos, um desses jovens, de forma ameaçadora indagou o motivo da presença daquelas pessoas “estranhas” no local. Após o evento e com contato com policiais militares que patrulhavam o bairro, foi dito que aquele local é um ponto de venda de drogas e que jovens ficam nas esquinas observando a presença de policiais ou de membros de outro grupo de traficantes.

Confrontando o que foi visto nas visitas ao bairro e as informações dos itens “1.1.1 Caracterização da violência letal em Jardim Carapina” e “1.1.1.1 O Homicídio de Jovens em Jardim Carapina”, constata-se a presença do tráfico de drogas no local, pois mesmo com a presença de policiais militares no bairro, os pesquisadores foram intimidados por jovens, supostamente, ligado ao crime.

Meio Ambiente;

Com relação ao perigo de deslizamento de terra é possível afirmar que algumas casas e/ou suas extensões ficam muito próximas ao curso de água poluído da rua Jânio Quadros, criando situação de perigo, pois em caso de cheias dos cursos de água, as construções podem ser danificadas. No morro em que se localiza a Rua Lírio dos Vales existem muitas casas construídas em condições precárias na encosta e em um aclave íngreme, potencializando a situação de risco de queda da construção.

Grande parte do bairro é suscetível ao risco de alagamento devido à sua formação geomorfológica, à proximidade com o manguezal, à presença do curso de água poluído e devido à ausência de desnível entre as ruas, calçadas e edificações, principalmente nas áreas mais precárias do bairro. Na área comercial, na rua Porto Seguro, percebe-se a presença de calçadas com nível bem definido, mais elevado que o nível da rua.

Durante as vistas de campo foi observada presença de muitos mosquitos e ratos, sendo possível afirmar que são percebidos em todo o bairro. Isso pode ocorrer devido à falta de infraestrutura, ao saneamento básico precário, ao acúmulo de lixo e entulho em determinados pontos e ao curso de água poluído a céu aberto, que

favorecem a presença de insetos e roedores e ocasionam riscos de doenças aos moradores.

A presença de um curso de água muito poluído fazendo limite direto com as habitações, põe em risco a própria distribuição de água para as famílias, podendo haver contaminação. A Figura 30, a seguir, mostra como as habitações ficam próximas a curso de água e o quanto elas estão em situação de perigo. À imagem da esquerda mostra uma construção que fica, de fato, sobre o curso de água, já a da direita mostra uma habitação em condições precárias e muito próxima ao curso de água.

Figura 30 - Fotografia de Jardim Carapina.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Para finalizar o uso da Grade de Observação de Campo para Abordagem Metodológica de Locais Informais, é necessário frisar o quanto a segregação socioespacial é presente no local. O bairro apresenta uma concentração de carências superpostas, essas desvantagens perpassam por questões sociais, econômicas, ambientais, políticas, espaciais e outros, existe no local, também, uma exposição dos moradores à violência, que se apresenta de diversas formas, sendo o homicídio um dos principais indicadores dessa situação.

A partir do exposto com a utilização da Grade pode-se concluir que o bairro apresenta superposições de carências que tornam o espaço vulnerável de forma

que a violência urbana se apresenta como mais uma das dificuldades do local, que apresenta indicadores de violência muito elevados, com destaque para o homicídio.

3.3 As Relações Entre Violência Urbana e as Vulnerabilidades em Jardim Carapina

Conforme já apresentado, o bairro Jardim Carapina apresenta elevado índice de criminalidade violenta, apesar da proximidade do bairro com a capital do estado, a cidade de Vitória, o bairro pertence ao município de Serra, uma das cidades que, historicamente, é uma das mais violentas do país e conseqüentemente do Espírito Santo.

De maneira geral, autores que estudam o tema violência urbana e mais especificamente homicídios (SANTOS, 1999, CALDEIRA, 2000, CARDIA; ADORNO; POLETO, 2003;) evidenciam que os homicídios apresentam padrões de concentração tanto espacial quanto temporal, e que a sua incidência desigual é associada, em menor ou maior grau, com disparidades econômicas, sociais e demográficas.

Cardia, Adorno e Poleto (2003) destacam que as áreas onde há maior concentração de homicídio possuem, normalmente, variáveis, tais como renda baixa, adensamento populacional e domiciliar excessivo, baixa escolaridade, desemprego ou subemprego, deficiência de infraestrutura e serviços urbanos, presença reduzida de adultos para exercer controle sobre crianças e adolescentes, grande percentual de crianças e adolescentes e baixo capital social. Essas características em conjunto constituem em um acúmulo de desvantagens concentradas, as quais geram o que chamam de “superposição de carências” ou então “vulnerabilidades”. Segundo os autores, tais vulnerabilidades culminam baixa qualidade de vida e potencializam a ocorrência de crimes violentos. Desta forma, tem-se como pressuposto que a superposição de carências em determinado contexto, interfere na dinâmica criminal reforçando, ainda mais, um quadro de exclusão sócio espacial.

Os homicídios acabam se concentrando em determinados locais e bairros nos centros urbanos onde a desigualdade sócio-econômica é perceptível, o que revela

um problema estrutural da sociedade, já que os homicídios crescem quando se deterioram as condições de vida, conforme dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), analisados no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. Conforme destaca Peres (2006, p.22):

A concentração dos homicídios em cidades e, especificamente, em alguns bairros ou distritos, explica porque os homicídios são também interpretados como um barômetro social, um indicador das relações sociais em nível micro e macro. O assassinato não é apenas um crime, é um sinalizador de saúde pública ou social.

Esta afirmação de Peres demonstra a importância da análise dos índices de homicídio, já que ele não mede apenas a violência, mas, por meio dos seus números torna-se possível a compreensão de diversas outras questões de determinadas localidades.

Especificamente na RMGV, o crescimento dos números de homicídio se deu não de maneira homogênea, mas sim concentrada, com algumas características comuns em sua distribuição: mostrou-se, principalmente em bairros ou conjuntos de bairros com grande densidade demográfica, de ocupação recente, caracterizados por baixo grau de presença de equipamentos estatais, população residente de baixo nível socioeconômico e submetida a elevados índices de vulnerabilidade social.

A vulnerabilidade pode ser compreendida como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do estado, da sociedade e do mercado. Tal resultado reflete desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores em situações vulneráveis (VIGNOLI, 2001; FILGUEIRA, 2001).

Para Villaça (2001), a distribuição das habitações no espaço produz a diferenciação social e há uma estratificação urbana correspondente a um sistema de estratificação social, além de ocorrer uma forma de vulnerabilidade da camada com mais baixa renda de uma cidade. A vulnerabilidade social é produzida, também, pela forma urbana. De acordo com o autor a segregação socioespacial e a vulnerabilidade de

determinada população é um processo necessário à dominação social, econômica e política por meio do espaço.

A vulnerabilidade social no meio urbano se transforma de acordo com sua relação com a dinâmica populacional. Segundo Kaztman (2000), a vulnerabilidade se dá na medida em que existe a incapacidade de uma pessoa ou de um domicílio aproveitar-se das oportunidades, disponíveis nos diferentes âmbitos, como, por exemplo, o socioeconômicos, para melhorar sua situação ou impedir sua deterioração.

Para Coutinho (2010), a vulnerabilidade pode ser categorizada de diferentes formas, sendo elas, a ambiental, social, econômica ou institucional. O conceito de vulnerabilidade social foi desenvolvido a partir da necessidade de poder abordar, de forma mais integral, a pobreza, a desigualdade e a exclusão social.

A vulnerabilidade pode ser medida em função de aspectos físicos, ambientais e socioeconômicos. O conceito de vulnerabilidade desigual dos lugares, portanto, se dá em função da ocupação desigual do espaço.

De acordo com Fajardo, Barreto e Figueiredo (2014, p.8), que atuaram na implantação do programa Estado Presente: em Defesa da Vida¹⁷, que definia algumas estratégias de segurança pública no Espírito Santo a partir de 2011, vulnerabilidade foi definida da seguinte forma:

O conceito de vulnerabilidade social para fins do Programa Estado Presente refere-se ao conjunto de fatores socioeconômicos e demográficos capazes de reduzir o nível de bem-estar de uma determinada população, em consequência de sua exposição a determinados tipos de risco. Não se limita, portanto, à concepção de pobreza, mas inclui também a composição familiar, as condições e o acesso a serviços de saúde, a qualidade e o acesso ao sistema educacional, a oportunidade de acesso ao mercado de trabalho, etc.

¹⁷ Programa de Governo do Espírito Santo iniciado em 2011 com principal objetivo de promover a articulação institucional necessária para priorizar a implantação de um conjunto de ações e projetos voltados para o enfrentamento da violência letal e para a prevenção primária a partir da ampliação do acesso à educação, esporte, cultura, geração de emprego, renda e promoção da cidadania em regiões caracterizadas por altos índices de vulnerabilidade social.

Não é possível definir vulnerabilidade a partir de uma única área do conhecimento, pois o termo está ligado às mais diversas questões, como: sociais, ambientais, econômicas, políticas e outras.

Sobre o tema, cabe dizer que o termo vulnerabilidade, assim como a violência urbana, podem ser compreendidos de formas complementares nos diversos campos disciplinares. Quando se relaciona o conceito de vulnerabilidade ao de lugar pode-se afirmar que quanto mais carências e fragilidades se apresentam em determinadas condições, mais vulnerável é o lugar.

Em Jardim Carapina é possível observar que as condições sociais, espaciais, econômicas e ambientais influenciam diretamente na quantidade de homicídios ocorridos.

A partir da Figura 31, a seguir, que representa o “Mapa Síntese” da pesquisa de Jardim Carapina é possível fazer algumas afirmações relacionadas ao bairro, a violência que nele ocorre e as suas carências. Com a apresentação da Figura 31, se busca entender espacialmente o bairro, pontuando os seus serviços públicos e privados mais importantes, as áreas de lazer, principais vias, limites do bairro, APP, maiores comércios e relacionando com os locais onde ocorreram homicídios nos anos de 2013 e 2014.

Figura 31 - Mapa Síntese de Jardim Carapina.



Fonte: Departamento de Geoprocessamento da Prefeitura da Serra, 2016 (adptado por pesquisa “Insegurança nas Cidades”, 2016).

Elaboração: Bolsista de Iniciação Científica da UVV, Pesquisa Institucional “Insegurança nas Cidades” (2016).

Inicialmente, vale ressaltar a grande quantidade de homicídios ocorridos no bairro Jardim Carapina nos anos de 2013 e 2014, totalizando 37 em apenas dois anos.

Verificando o total de homicídios na cidade de Serra no mesmo período, é possível afirmar que somente em Jardim Carapina ocorrem 5,29% do total de homicídios do município (SESP, 2016). Ainda com relação ao homicídio, pode ser dito, que ele ocorre de maneira dispersa no interior do bairro, mas percebe-se que alguns pontos, se concentram na Avenida Presidente Dutra ou em suas proximidades e entornos.

A partir daqui serão feitos apontamentos dos itens que foram destacados no “Mapa Síntese”, logo após será apresentada a análise do mapa.

Conforme já apresentado no item 3.2 com relação às instituições de ensino, estão assinaladas as três existentes, embora no entorno do bairro apareçam mais instituições que atendem também a população de Jardim Carapina.

Há no bairro um Centro de Referência de Assistência Social ou CRAS, que é a porta de entrada do Sistema Único da Assistência Social, que é responsável pela organização e oferta de serviços de proteção social básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social. Funciona em um prédio novo, grande e moderno, porém, após visitas ao bairro, é possível afirmar que ele não funciona de forma plena, pois diversas salas não estão abertas para o atendimento ao público.

Não há nenhuma instituição policial, seja civil ou militar, mas nas proximidades do bairro estão o 6º Batalhão de Polícia Militar e o Regimento de Polícia Montada do Espírito Santo.

Em Jardim Carapina há uma Unidade Básica de Saúde que funciona plenamente e atende a população do bairro para questões de saúde mais simples. Para um atendimento mais especializado, é necessário buscar atendimento em hospitais fora do bairro.

Limítrofe a quase toda a extensão do bairro passa um curso de água, popularmente conhecido como “Valão”, ele fica a céu aberto e exala um forte odor de esgoto. Diversas moradias, na maioria muito precárias, ficam próximas ou sobre este curso de água poluído.

Assinalou-se também no mapa a rodovia que foi construída ligando a Reta do Aeroporto à Rodovia do Contorno (BR 101), porém no ano 2013 ocorreram no Espírito Santo muitas chuvas que alagaram o bairro, e como a rodovia foi construída sem as manilhas adequadas para escoamento da água, a população do bairro se mobilizou e fez várias interrupções na via por meio de escavações, conforme já destacado no item 3.2.

O parcelamento do Solo confirma a forma de ocupação do bairro, que foi feita de forma desorganizada e sem planejamento, isso pode ser percebido, pois os quarteirões são quase todos distintos uns dos outros, não seguem um padrão.

Como já destacado, existem muitas torres de alta tensão no bairro, elas ficam principalmente, próximas a APP e a rua Jânio Quadros.

Relacionado à vulnerabilidade ambiental está o manguezal de Vitória, que faz parte de uma Área de Preservação Permanente, porém parte de seu espaço foi invadido por moradores do bairro, quando ocorreu a formação de Jardim Carapina. O mangue influencia e é influenciado pela vida cotidiana do bairro.

O limite ao sul do bairro se confunde com o limite do município de Serra com a capital do estado, Vitória, a oeste, fica o mangue e ao norte e leste estão outros bairros, que também apresentam muitas vulnerabilidades, como André Carloni e Boa Vista I e II.

A partir dos apontamentos feitos com relação ao “Mapa Síntese” apresentado na Figura 31, é possível se fazer análises, como que bairro apresenta muitas carências, ausência completa ou não de alguns de equipamentos urbanos estatais e muitas condições precárias, que certamente influenciam na quantidade e tipos de crimes no local, principalmente homicídios.

Ocorre no bairro à presença de poucas praças, escolas, unidades de saúde, somado a presença de curso de água poluído, torres de alta tensão perto das habitações e de um manguezal fazendo limite com o bairro, ocorrendo uma ausência ou omissão do poder público com relação às questões das carências do bairro, que passa a ficar

com sua população ainda mais exposta, gerando vulnerabilidades e aumentando os índices criminais.

3.4 A polícia em Jardim Carapina

A presença da polícia pode ser significativa na prevenção criminal, porém, ela é apenas mais um dos atores sociais envolvidos em um contexto de segurança pública e criminalidade, não sendo ela, sozinha, capaz de inibir o comportamento indesejado/proibido e garantir baixos índices criminais.

Existe uma dificuldade em avaliar a eficiência policial, independente de sua presença em determinado local, pois o aumento ou diminuição de índices criminais pode estar relacionado a diversos fatores e não apenas com a política de segurança pública ou com o desempenho policial. Soares (2007, p.78) destaca que:

Deixando de lado hipóteses mais simples, como os efeitos de sazonalidade e a relatividade da aceleração, há a hipótese prosaica de que fatores sociais promotores das condições favoráveis à reprodução ampliada de práticas criminosas – fatores independentes de ações policiais e externos ao âmbito de intervenção de políticas públicas de segurança – continuem a produzir seus efeitos e o façam em razão de diversos motivos alheios à área em foco, com potência crescente. Nesse caso, mesmo que a política de segurança fosse adequada, inteligente e consistente, eficiente, eficaz e efetiva, ainda assim os indicadores poderiam ser negativos. Provavelmente, seriam menos maus do que se a referida política não estivesse sendo adotada, mas isso conduziria o analista a um argumento contrafactual impossível de testar e, portanto, de comprovar.

O autor continua e reforça que o contrário também é possível, pois fatores negativos poderiam perder força ou mesmo desaparecer, produzindo resultados positivos e alheios às políticas de segurança.

Portanto, considerando as afirmativas de Soares (2007), a presença policial ou a escolha de uma determinada política de segurança pública pode não interferir diretamente na diminuição ou aumento de determinados índices criminais.

Com relação à estratégia de Segurança Pública adotada pelo Espírito Santo, conforme Fajardo, Barreto e Figueiredo (2014), a partir de 2011 teve início a

implantação do programa “Estado Presente: Em Defesa da Vida”, que permaneceu até o final de 2014, com intenção de enfrentamento da alta taxa de criminalidade letal nos aglomerados urbanos. O foco do programa era a redução de homicídios a partir da ampliação do acesso à educação, esporte, cultura, geração de emprego, renda e promoção da cidadania em regiões caracterizadas por altos índices de vulnerabilidade social. A proposta era consolidar a co-responsabilidade dos gestores públicos e comunidades envolvidas em torno da prevenção à violência e na redução dos fatores de risco que promovem situações de vulnerabilidade social.

O programa “Estado Presente: Em Defesa da Vida” tinha como propostas metodológicas a integração das ações das polícias civil e militar no direcionamento do enfrentamento qualificado da criminalidade. A união do trabalho policial qualificado, com a implantação de políticas sociais era tida como um diferencial do programa.

Após a implantação do Programa em 2011, a quantidade absoluta de homicídios no município de Serra passou a diminuir até atingir em 2014 a mesma quantidade absoluta de homicídios que o ano de 2006, como pode ser visto no Quadro 9.

Quadro 9 - Homicídios no Município de Serra de 2006 até 2014.

HOMICÍDIOS NO MUNICÍPIO DE SERRA										
SERRA	ANO	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
		HOMICÍDIO	349	368	432	401	375	379	378	350

Fonte: GEAC. Elaborado: Autor.

O Quadro 9 mostra a evolução do homicídio no município de Serra de 2006 até 2014, percebe-se que, apesar do pequeno aumento no número de homicídios do ano de 2010 para 2011 (ano de implantação do programa Estado Presente), ocorreu uma tendência de diminuição no número de homicídios. No primeiro ano de Programa, em 2011, o número absoluto de violência letal era de 379, já no último ano de Programa, em 2014, o número caiu para 349 homicídios. Destaca-se que é necessário um estudo mais profundo do Programa “Estado Presente” para avaliar

seus impactos em relação aos índices de violência, constituindo uma lacuna de conhecimento científico.

Apesar da diminuição da violência letal no município de Serra nos anos de 2011 para 2014, os números continuam muito altos, em 2014 a taxa é exatamente a mesma de 2006, o que leva a uma reflexão, pois os números fazem transparecer que apesar das variações dos números da violência letal, o município não avançou, ou seja, mesmo com programas de governo específicos para segurança pública contra a violência letal, a cidade de Serra não evoluiu, o que pode sugerir uma falha sistêmica no modelo de segurança pública adotado.

De acordo com Fajardo, Barreto e Figueiredo (2014, p.8) o bairro Jardim Carapina foi contemplado pelo Programa “Estado Presente: Em Defesa da Vida” em sua primeira fase no ano de 2011, e além do aumento da quantidade de operações policiais, ocorreu a construção de um dos campos de futebol do bairro.

O campo de futebol construído apresenta excelentes condições, porém apenas a construção dos equipamentos urbanos, sem permanência de programas sociais auxiliando as pessoas que fazem uso dos equipamentos, faz com que a intenção inicial seja perdida e o local que foi construído para o lazer da população passa a ser mais um ponto de encontro para realização de atividades ilícitas.

Conforme apresentado na Figura 31, Mapa Síntese, é possível verificar que não existe nenhuma unidade de polícia, seja militar ou civil, fixada no bairro Jardim Carapina, porém ações policiais, tanto de cunho preventivo como de cunho repressivo, são muito frequentes no bairro. No bairro Boa Vista I, que faz limite com Jardim Carapina, existem duas Unidades da Polícia Militar, o Batalhão da Polícia Militar e o Regimento de Polícia Montada, apesar de ficarem localizados em Boa Vista I, eles ficam no limite com o bairro Jardim Carapina.

De acordo com SESP/GEAC (2016) nos anos de 2013 e 2014 ocorreram o total de 6.297 operações policiais em Jardim Carapina, somando as 5.964 da Polícia Militar do Espírito Santo (PMES) e as 333 operações da Polícia Civil do Espírito Santo (PCES). Sendo que, do total das operações, 3.171 foram realizadas no ano 2013 e 3.126

no ano 2014. Comparando com outros bairros com a mesma característica de Jardim Carapina, esse total de operações é muito alto.

Tais operações são as mais variadas possíveis e vão de assistências à parturiente, operação de policiamento ostensivo, averiguação de suspeito, vias de fato, apreensão de drogas, armas e munições, desacatos, tráfico de drogas, ocorrências e blitz de trânsito até confrontos armados entre infratores e policiais, dentre outras, mas o fato é que, de uma forma ou outra, para realizar operação, uma equipe policial, obrigatoriamente se deslocou até o bairro permanecendo algum tempo no local. Vale ressaltar que operações de policiamento ostensivo, por exemplo, duram, normalmente, 10 horas, podendo durar mais ou menos.

Em Jardim Carapina verifica-se que nos anos de 2013 e 2014 ocorreu uma predominância de policiamento motorizado, havendo algum policiamento montado, mas ocorreu pouco ou nenhum policiamento realizado a pé, com bicicletas ou motocicletas. Cabe ressaltar a constante presença de Unidades Especializadas da PMES, como Batalhão de Missões Especiais, Batalhão de Ronda Ostensiva Tática Motorizada e Regimento de Polícia Montada no bairro.

A polícia, principalmente a militar, se faz desta forma presente no bairro Jardim Carapina, uma vez que muitas operações policiais (de assistências, preventivas ou repressivas) são realizadas no local. Considerando que o ano tem 365 dias, e que as operações foram distribuídas de forma igual entre os dias do ano, foram realizadas nos anos de 2013 e 2014, apenas em Jardim Carapina, a média de 8,62 operações policiais por dia, ou seja, no mínimo oito vezes por dia, possivelmente todos os dias, uma equipe policial esteve e/ou permaneceu no bairro.

Obviamente que os cálculos apresentados no parágrafo anterior são apenas representativos, pois as operações variam de acordo com os dias da semana, do mês e ano, mas servem como referência para fins de entendimento de que não existe uma ausência da presença policial no bairro que justifique, por essa estratégia, os altíssimos índices de homicídio. Na verdade a polícia se faz presente, como muitas operações em Jardim Carapina.

O que se verifica com relação ao policiamento é que não existe um grupo de policiais específicos que atuam somente naquele bairro, existem muitas operações, mas todas elas muito dispersas, sem uma filosofia bem definida para o bairro. A maioria das atividades que a polícia realizou em Jardim Carapina nos anos de 2013 e 2014, foi de atendimento de ocorrências, ou seja, ocorreu o deslocamento da força pública de segurança após o cometimento do crime, quando a polícia chega para resolver um conflito já ocorrido. Essa lógica já se mostrou falida e precisa ser modificada, o sistema de segurança tem que ser sistêmico, veloz, em um processo que envolva não só atividades preventivas ou repressivas; é precisa ter um início, que é a prevenção, e um final, que é recuperar os autores dos delitos, pois, caso contrário, eles tendem a voltar ao crime.

Além disso, entende-se que não são somente as ações policiais que tendem a fazer a quantidade de crimes diminuir, os mais diversos atores sociais e instituições como família, escola, prefeitura, assistência médica, poder judiciário, Ministério Público, associação de moradores e outras, precisam estar integradas com as policias para que as Políticas Pública de Segurança tenham efetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao ponto em que será feito o fechamento da dissertação, aqui se busca abrir novas possibilidades estudos e não esgotar o tema com respostas definitivas ou acabadas.

A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso Jardim Carapina e teve como intuito da pesquisa é analisar a relação entre os homicídios cometidos no bairro Jardim Carapina do município de Serra (ES) durante os anos de 2013-14 e a sua relação com o processo de ocupação da área bem como com as características socioeconômicas do local, dando ênfase aos aspectos urbanos e habitacionais.

Para tanto, inicialmente foi apresentado o tema homicídio por meio de conceitos e com apontamentos sobre o contexto no Brasil, no Espírito Santo, na RMGV, em Serra e finalmente, em Jardim Carapina. No bairro, foi feita uma análise mais detalhada com caracterização do crime no local, relacionando as vulnerabilidades, o homicídio, o tráfico de drogas e a quantidade de armas disponíveis. Na análise foram feitos apontados sobre os perfis das vítimas da violência letal, sendo que o bairro Jardim Carapina refletiu a lógica brasileira perversa, em que homens, jovens e não brancos são a esmagadora maioria das vítimas.

Em um segundo capítulo foi pesquisado o processo de urbanização pelo qual o Brasil passou e quais foram suas consequências para o estado, município e bairro. Verificou-se que principalmente a partir da metade do século XX com o processo de urbanização, a violência no país tem um maior destaque, devido a seu tamanho e intensidade, e de forma mais letal no meio urbano.

Ao contextualizar o processo ocorrido no Espírito Santo e relacionar com as transformações causadas pelo tardio processo de industrialização e urbanização a partir da década de 1970, verifica-se que a ausência do poder público e de planejamento favoreceram o surgimento e agravamento de problemas de ordem social, econômica, ambiental, econômica e outras. A partir deste contexto, aconteceu o aumento da criminalidade urbana na RMGV, que ocorreu devido à

lógica política nacional de promover crescimento econômico sem preocupação com outras questões fundamentais para sociedade.

A partir da coletânea de fotografias e mapas apresentados e com base nas análises feitas, é possível identificar que o crime não atinge a população de Serra de forma homogênea, certamente determinadas espaços segregados sofrem mais com um determinado tipo de crime do que outra. As estruturas espaciais, demográficas, educacionais, econômicas, sociais, ambientais e equipamentos urbanos, mostram que Serra, quando o assunto é violência letal, também pode ser dividida em territórios. O homicídio certamente se concentra em determinados bairros desprivilegiados, geralmente em bairros com maior vulnerabilidade, nos quais seus moradores não tem acesso ao aparato estatal e nem a uma infraestrutura mínima.

Corroborando está Lira (2014 p. 162), que diz que violência surge atrelada a essas contradições e hierarquizações sócio-espaciais e que a distribuição geográfica não ocorre de maneira homogênea pela cidade.

No terceiro capítulo foi apresentado o bairro Jardim Carapina com uma detalhada pesquisa, com tabelas, gráficos, registros fotográficos e mapas sobre a formação e expansão social, econômica, ambiental e espacial do bairro Jardim Carapina. Para caracterizar o bairro, foi utilizada a Grade de Observação de Campo para Abordagem Metodológica de Locais Informais, fotografia e, por fim, foi produzido um Mapa Síntese do bairro, mostrando os principais equipamentos urbanos presentes e os locais onde ocorreram os homicídios.

Foi feita uma análise de como se dá a relação entre a superposição de carências e o surgimento de vulnerabilidades e a violência no espaço urbano, partindo-se de uma análise macro tendo como referência o país, até um micro escala, chegando ao bairro Jardim Carapina.

O bairro Jardim Carapina que, junto com os temas homicídio e urbanização, foi foco deste estudo, apresenta condições urbanas bastante desprivilegiadas, conforme foi apresentado no “Mapa Síntese de Jardim Carapina” e, como consequência, o homicídio no local atinge números muito superiores a média nacional.

Mostrou-se a existência da presença policial no bairro, porém, conclui-se que apenas operações policiais não são capazes, de trazerem índices de violência letal a níveis aceitáveis.

A pesquisa reforça a existência de uma lógica social perversa na qual a segregação gera condições para o aumento da violência e coloca o excluído na condição de vulnerabilidade social, potencializando os possíveis riscos. Os moradores do bairro Jardim Carapina na cidade de Serra certamente são mais vulneráveis que outros moradores da mesma cidade, principalmente se for homem, jovem e não brancos.

O estudo de caso do bairro confirma a hipótese e mostra que a superposição de carências influencia e gera vulnerabilidades que potencializam os riscos de violência, estando os fatores sociais, econômicos, ambientais, urbanísticos e econômicos, diretamente relacionado aos índices criminais, demonstrando uma tendência para que os homicídios ocorram em ambientes vulneráveis, como ocorre em Jardim Carapina.

Esta pesquisa permitiu o preenchimento de uma lacuna de conhecimento sobre Jardim Carapina e para continuidade desta pesquisa, outros bairros do município de Serra com características semelhantes às de Jardim Carapina, podem ser estudados, contribuindo, ainda mais, para o entendimento da superposição de carências e suas consequências. Outra forma de dar continuidade a esta pesquisa é buscar juntos aos moradores e lideranças de Jardim Carapina quais são os seus sentimentos em relação ao poder público e às carências bairro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. **Dilemas do controle democrático da violência: execuções sumárias e grupos de extermínio** - São Paulo (Brasil), 1980-1989. In: Violência em tempo de globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. ProEditores, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi / Zygmunt Bauman**. Rio de Janeiro - RJ: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro - RJ: Jorge Zahar, 2008.

BEATO F, Cláudio C. **Fonte de dados Policiais em estudos Criminológicos: Limites e Potenciais**. Belo Horizonte: Mimeo, 1999.

BONDUKI, Nabil. **Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria**. São Paulo: Estação Liberdade: FAESP, 1988.

BORGES, Clério José. **História da Serra**. 3 ed. Serra: Editora CTC, 2009.

BORGES, Dorian. **Brasil tem como principal causa de morte entre jovens o homicídio**. 2016. Disponível em <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/brasil-tem-como-principal-causa-de-morte-entre-jovens-o-homicidio>.

BRASIL. Decreto-Lei n. 3.689 de 03 de outubro de 1941. Código de Processo Penal. Disponível em: < http://planalto.gov.br/CCIVL_03/Decreto-Lei/Del3689.htm >. Acesso em: 30 de setembro de 2013.

_____. Decreto n. 2.315, de 04 de setembro de 1997. Altera dispositivos do Decreto n. 1.796, de 24 de janeiro de 1996, que aprova a Estrutura Regimental do Ministério da Justiça. **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1997/D2315.htm. Acesso em: 23 mar.2016.

_____. Código Penal de 07 de dezembro de 1940. In: Vade Mecum: acadêmico de direito. 2.ed. São Paulo: Rideel, 2005 c, p. 421-448.

_____. Lei nº 9.503, de 23 de Setembro de 1997. Código de Trânsito Brasileiro. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9503.htm >. Acesso em: 30 de setembro de 2013.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto de Pesquisa Aplicada e Econômica. **Atlas da Violência 2016**. Brasília – DF, 2016

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública. **Diagnóstico dos homicídios no Brasil : subsídios para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios**. Brasília, 2015.

BRITO, Fausto; SOUZA, Joseane de. Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 48-63, 2005.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo - SP: Editora 34 / Edusp, 2000.

CARDIA, Nancy; ADORNO, Sérgio; POLETO, Frederico. Homicídio e violação de direitos humanos em São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 47, p. 43-73, 2003.

CARDIA, Nancy; SCHIFFER, Sueli. Violência e desigualdade social. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 54, n. 1, June 2002 . Available from <http://cienciaecultura.a.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000100018&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Nov. 2016.

CERQUEIRA, Daniel R. de C. *et al.* A singular dinâmica territorial dos homicídios no Brasil nos anos 2000. BOUERI, Rogério; COSTA, Marco A. **Brasil em desenvolvimento 2013**. Estado, planejamento e políticas públicas. Brasília: IPEA, 2013, v. 03. Disponível em: <www.ipea.gov.br>. Acesso em: 16 abr. 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Ática, 1989.

COSTA, Lúcio. **Registro de Uma vivência**. Rio de Janeiro. Empresa das Artes, 1995.

CRISP – Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública. (2000), **Atlas da Criminalidade em Belo Horizonte**. Belo Horizonte, Crisp/UFMG.

DATASUS – Departamento de Informática do SUS. (2007), **Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde**. Disponível em <http://www.datasus.gov.br>.

Disponível em: <www.veracidade.com.br>. Acesso em: 01, fevereiro de 2016.

DUARTE, Maurizete Pimentel Loureiro, 1975 - Perspectivas das políticas de habitação de interesse social entre 1988 e 2002: a dinâmica da política municipal da cidade de Vitória. 2016.

ENGEL, Cíntia Liara (et al.). **Diagnóstico dos homicídios no Brasil: subsídios para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2015.

ESPÍRITO SANTO. Lei Complementar n.º 318 de 17 de janeiro de 2005. Reestruturou a Região Metropolitana da Grande Vitória e seus municípios. Disponível em: <http://www.emplasa.sp.gov.br/fnem/arquivos/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20Regi%C3%B5es%20Metropolitanas/RM%20Vit%C3%B3ria/2-LeiComplementar318.pdf>. Acesso em: 05 de Jan de 2016.

FAJARDO, A. R. D.; BARRETO, L. N.; DE FIGUEIREDO, S.O. Programa Estado Presente: Em Defesa da Vida. In: **CONGRESSO CONSAD DE GESTÃO PÚBLICA, 7., 2014**, Brasília. Anais... Brasília: CCUG, 2014. Painel 16/46.

FILGUEIRA, C. H. Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social: aproximaciones conceptuales recientes. In: **CEPAL. Seminario Vulnerabilidad. Santiago de Chile** : CEPAL, 2001.

FIOROTTI, Alexandre. **Indústria, Conjuntos Habitacionais e Assentamentos Precários: o distrito de Carapina, município da Serra(ES) de 1966 a 1995**. Dissertação de mestrado. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – UFES, 2014.

GOMES, Carlos Alberto da Costa. Espaço urbano e criminalidade: uma breve visão do problema. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 7, n. 11, 2007.

HIRSCHI, T. & Gottfredson, M. Age and the Explanation of Crime. **The American Journal of Sociology**, vol. 89, nº 3. pp. 552-584, 1983

HUGHES, Pedro Javier Aguerre. Segregação socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas. **São Paulo Perspec.** São Paulo , v. 18, n. 4, p. 93-102, Dec. 2004 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000400011 . Acesso em: 05 de março de 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades@. Site que traz informações sobre os municípios brasileiros. Disponível em: < <http://www.cidades.ibge.gov.br/> > Acesso em: 20/01/2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2004), *Censo Demográfico 2000*. Rio de Janeiro, IBGE.

IJSN. **Processo de urbanização, estrutura demográfica e violência: análise no Espírito Santo e Vitória**. Vitória: IJSN, 2011.

IJSN. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/>. Acesso em: 10 nov. 2015.

IJSN. **Mapeamento geomorfológico do estado do Espírito Santo. Vitória (ES), 2012**. Disponível em:. Acessado em: 14/02/2016.

IPEA. **Atlas da Violência 2016**. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/IPEA, DF, 2016.

KAZTMAN, R. Notas sobre la medición de la vulnerabilidad social. México: BID, BIRF, CEPAL, 2000. www.eclac.cl/deype/noticias/proyectos.

LERNER, Jaime. **Contribuições ao Desenvolvimento Sustentável de Serra. Relatório 4 – Parte 02**. Curitiba, 2010. Disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Serra.

LIRA, Pablo. **Instâncias urbanas e violência: uma análise dialética**. Diss. Dissertação de Mestrado. Vitória-ES: UFES, 2009.

LIRA, Pablo; DE OLIVEIRA JUNIOR, Adilson Pereira; MONTEIRO, Latussa Laranja (Ed.). **VITÓRIA: transformações na ordem urbana**. Letra Capital Editora LTDA, 2015.

LOBO, Marco Aurélio Arbage; GUIMARÃES, Luís Henrique Rocha. Distribuição espacial da criminalidade no Centro Histórico da cidade de Belém (Pará/ Brasil) . **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, n. 17, p. 456, 2013.

MATTOS, Rossana. **Expansão urbana, segregação e violência: um estudo sobre a Região Metropolitana da Grande Vitória**. Vitória: EDUFES, 2011.

MISSE, Michel. As drogas como problema social. **Revista Periferia**, Volume III, Número 2, 2011.

_____, Michel. **Crime e violência no Brasil contemporâneo. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana**. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2011.

MUNIZ, Vitor. Quatro são assassinados por gangue rival em Jardim Carapina, na Serra. **Gazeta Online**, Vitória, 09 ago. 2014. Disponível em: <http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2014/08/noticias/cidades/1494437-quatro-sao-assassinados-por-gangue-rival-em-jardim-carapina-na-serra.html>. Acesso em 10 set. 2016.

OLIVEIRA, Daniela Cristina Neves de. Homicídios juvenis: a percepção social das mães das vítimas sobre a violência. In **I CONACSO – Congresso Nacional de Ciências Sociais**, UFES, Vitória, ES, 2015.

PAIXÃO, A. L. Crimes e Criminosos em Belo Horizonte, 1932-1978. In Pinheiro, P. Sérgio (org.). **Crime, violência e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PAMPLONA RAMÃO, Fernanda; MARMITT WADI, Yonissa. Espaço Urbano e Criminalidade Violenta: Análise da Distribuição Espacial dos Homicídios no Município de Cascavel/PR. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 35, 2010.

PARDINAS, Felipe. **Metodología y Técnicas de investigación em ciências sociales: indroducción elemental**. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1977.

PERES, Maria Fernanda Tourinho. **Homicídios de crianças e jovens no Brasil: 1980 -2002/** Maria Fernanda Tourinho Peres, Nancy Cardia, Patrícia Carla dos Santos; Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo. São Paulo: NEV/USP, 2006.

PINO, A. (2007). Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educação e Sociedade**, 28(100), p. 763-785.

RAMAO, Fernanda Pamplona; WADI, Yonissa Marmitt. Espaço urbano e criminalidade violenta: análise da distribuição espacial dos homicídios no município de Cascavel/PR. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba , v. 18, n. 35, p. 207-230, Feb. 2010 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pi d=S010444782010000100013&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 05 Mar. 2016.

SÁ, Werther Lima Ferraz de. **“Autoconstrução na cidade informal: relações com a política habitacional e formas de financiamento.”** Universidade Federal do Pernambuco. 2009

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira; DE LIMA RAMIRES, Julio Cesar. Espaço urbano e violência: uma contribuição geográfica/URBAN SPACE AND VIOLENCE: A GEOGRAPHIC CONTRIBUTION. **Caminhos de Geografia**, v. 10, n. 29, 2009.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** São Paulo: EdUSP, 2004.

SCHAEFFER, Luciana. **O processo de produção da cidade a partir das intervenções urbanas: o caso do “Projeto Lerner” para Serra-ES.** Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

SERRA. Lei nº. 3.820, de 11 de janeiro de 2012. Dispõe sobre a organização do espaço territorial do município da Serra, conforme determina o art. 182 da Constituição Federal e os arts. 39, 40, 41, e 42 do Estatuto das Cidades, Lei nº 10.257 de 2001. **Prefeitura Municipal da Serra.** Disponível em: <<http://www.legis.serra.es.gov.br/normas/subsites/legislativo/>>.

SESP/GEAC – Secretaria de Segurança Pública de Espírito Santo/Gerência de Estatística e Análise Criminal. Disponível em: <http://www.sesp.es.gov.br/> . Acesso em: 05 de julho 2015.

SHERMAN, Lawrence W. Hot spots of crime and criminal careers of places. **Crime and place**, v. 4, p. 35-52, 1995. SHERMAN, Lawrence W. Hot spots of crime and criminal careers of places. **Crime and place**, v. 4, p. 35-52, 1995.

SILVA, José Luiz Sena. **Transporte Metropolitano e o Uso do Solo: o Caso do Município da Serra – ES.** Dissertação de Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades – Universidade Cândido Mendes – Campos. Campos dos Goytacazes, RJ, 2006.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. Crescimento urbano: modernização e fragmentação social. **In Maria da Penha Smarzaró Siqueira (org.). Sociedade e Pobreza.** Vitória: UFES/PPGHIS, 2006.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. **Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória, 1950/1980.** Vitória: EDUFES, 2001.

SOARES, Luiz Eduardo. A Política Nacional de Segurança Pública: histórico, dilemas e perspectivas. **Estudos Avançados**, v. 21, n. 61, p. 77-97, 2007.

SOUZA Robson Sávio Reis. **Políticas públicas e violência.** Democracia Viva, v. 33, n. 4, p. 38-43, out./dez. 2006.

SOUZA, Robson Sávio Reis. Crime e segregação socioespacial: dilemas das regiões metropolitanas. **In anais do Seminário Nacional de Desenvolvimento Urbano e Governança**, Natal, UFRN, 2010.

TASCHNER, Suzana Pasternak. **Política Habitacional no Brasil: Retrospectivas e Perspectivas**. Cadernos de Pesquisa do LAP. Revista de Estudo sobre o Urbanismo, Arquitetura e Preservação. Setembro- Outubro de 1997.

VIGNOLI, J.R. **Vulnerabilidad y grupos vulnerables: un marco de referencia conceptual mirando a los jóvenes**. Santiago de Chile: CEPAL, 2001. (Serie Población y Desarrollo, n.17).

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Editora Studio Nobel, 2001.

WAISELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2016**: homicídios por armas de fogo no Brasil. Brasília: FLACSO, 2016.

WEISBURD, David; TELEP, Cody W. Hot Spots Policing What We Know and What We Need to Know. **Journal of Contemporary Criminal Justice**, v. 30, n. 2, p. 200-220, 2014.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**. Editora Revan, 1981.

ZANOTELLI, Cláudio (et al.). **Atlas da Criminalidade Violenta da Grande Vitória – ES 1993-2003**. Vitória: EDUFES, 2005.

ZANOTELLI, Cláudio .Criminalidade violenta e fragmentação urbana na Grande Vitória. *In:Revista geografares*. Vitória - ES: Edufes, junho/2006. n. 5, pp. 35-69.

ZANOTELLI, Cláudio. **La croissance périphérique de l'agglomération de Vitória**: Le cas de São Pedro. 1992. 142 f. Tese (Doutorado) Maîtrise d'Aménagement du territoire, Université Paris X Nanterre, Paris, 1992.

ANEXO I – GRADE DE OBSERVAÇÃO CAMPO DE LOCAIS INFORMAIS

Abordagem metodológica de locais informais

por Caterine Reginensi

“Um método único pela compreensão de um local, um território, uma paisagem não existe. Considerar-se implementar uma abordagem e atitudes que permitam construir um projeto adaptado em cada contexto.

Eu, em minhas observações de assentamentos espontâneos na Guiana e no Brasil, optei por uma análise crítica e comparativa com três níveis de análise:

- Abordagem de pontos críticos do ambiente (meio ambiente, física, econômica e social),
- Abordagem de um local em potencial (espaço físico e social)
- abordagem do papel dos atores num sentido amplo (arquitetos, engenheiros, políticos, pesquisadores de diferentes disciplinas, assistentes sociais) e ao primeiro plano as práticas dos moradores

Depois selecionei quatro critérios principais, e um transversal, combinados com indicadores para a análise dos locais (Tabela na página seguinte)

Este método permite compreender e abordar o funcionamento de assentamentos informais como um todo e também na sua diversidade, ele permite cruzar diferentes olhares, entre o planejador, o arquiteto, o antropólogo, o urbano, o geógrafo, o assistente social, o político, o habitante.”

Critérios e Indicadores

Critério arquitetônico	<p>Indicadores associados:</p> <ul style="list-style-type: none"> * Tipo de habitação * Tipo de materiais utilizados * Arquitetura / identidade, habitação e Custo de construção
Critério urbanístico	<ul style="list-style-type: none"> * Análise das redes de infra-estruturas e dos fluxos * Caminhos, passagens Formalidade ou informalidade das habitações e serviços ou lojas, instalações para Comunidade
Critério socio-antropológico	<ul style="list-style-type: none"> * Origem (étnica) das populações * A história pessoal do habitante e a sua instalação para entender: <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> o papel das migrações e / ou da fronteira <input type="checkbox"/> papel da mobilidade residencial e diária * redes de solidariedade * Natureza das relações sociais entre as habitantes * Estatutos, ocupação e apropriação do espaço * Atividades econômicas desenvolvidas e rendas * As demandas (Os pedidos) e a vida associativa
Critério sócio-político	<ul style="list-style-type: none"> * Presença de serviço público no local: escolas, centro de saúde, instalações de proximidade
Critério transversal: o meio ambiente	
<p><i>Indicadores associados:</i> qualidade da água, solos, transportes, ruído, som, densidade, saneamento, resíduos, lixo, meio ambiente na cidade (perto do rio, praia, trilhas, baía, lago...) zona de inundação, zona de deslizamento, zona de risco industrial, riscos ligados ao ruído, tráfego urbano (rua, avenidas, carros, ferrovias...)</p>	

Um local, um bairro é um mundo de sensações

Informações à pesquisar	Métodos e fontes de informação
A percepção que temos do nosso meio ambiente através de diferentes sensações que irá determinar o nosso nível de satisfação ou insatisfação	Usado de todos os sentidos ; Entrevistas com

<p>Identificar e listar:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Os cheiros - da "fábrica até a cozinha" passando pela lixeira" <input type="checkbox"/> A luz: lugares sombreados, praças ensolaradas, .. <input type="checkbox"/> Cores: das casas, dos cartazes, da água, <input type="checkbox"/> Exposição às intempéries: locais expostos ao sol, chuva, vento ... <input type="checkbox"/> Ruído: tráfego, água, conversa, música ... <input type="checkbox"/> Sensação táteis: sensação de aspereza, suavidade ... <input type="checkbox"/> Sabores: frutas que você compra em um vendedor de rua, a sensação de fumaça suave, ácido e amargo <p>Notar :</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> sensações generalizadas sobre a área em geral ou particular, sobre um local específico, <input type="checkbox"/> sensação contínua ou descontínua <p>Buscar :</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> o ritmo cotidiano do bairro – em jornal impresso periódico/ cotidiano, sites, TV/rádio, <p>Por quem e como essas sensações são experimentadas?</p> <p>Que problemas ou situações parecem insatisfatórias?</p> <p>Quais são os conflitos que podem surgir através do ruído, cheiros, riscos, exposições ...?</p> <p>Quais são as riquezas do local?</p> <p>Quais são as potencialidades?</p> <p>Quais podem ser as fontes de satisfação?</p> <p>Jardins, de pesca, jogos de água, lugares íntimos...</p>	<p>moradores</p>
--	------------------

Descrição do espaço à partir da observação :

<p>1 Composição e organização das habitações</p>	<p>Listar e mapear observações feitas Especificar em que ruas do bairro estão sendo feitas as observações. Croquis, Mapa / planta, Fotos, Entrevistas – foram feitas?</p>
<p>1.1. Os tipos de habitação e condições do edifício:</p> <p>1) habitação formal, informal, habitação individual, habitação coletiva, ambos?</p> <p>2) habitação e uso: uni ou multifamiliar?</p> <p>3) tipo de material usado na construção?</p> <p>4) tipo de aberturas: presença de terraço, varanda, pátio, terreno na frente ou nos fundos? Parece ter uso?</p> <p>5) presença de extensão das casas (puxadinhos laterais ou andares)?</p> <p>6) acesso à água?</p> <p>7) acesso à eletricidade?</p> <p>8) acesso ao saneamento?</p> <p>9) coleta de lixo? identificar onde o lixo é depositado</p> <p>10) estado das habitações: +/- conservado? Bem conservado? Deteriorada? em reforma (especificar)?</p> <p>11) Distância das casas vizinhas?</p> <p>12) Estratégias de enfrentamento de ameaça/risco: espontânea (feita pelo morador: calçada mais alta, muro na entrada da casa, casa mais alta...) e/ou não espontânea (através de políticas públicas/intervenção do Estado)? Qual ameaça/risco parece associado a estratégia mapeada?</p> <p>1.2. Tipo de ocupação : proprietário residente; aluguel de alguns cômodos; alugado; sublocado; posseiro</p>	
<p>2 Características dos terrenos em geral :</p>	<p>Listar e mapear observações feitas Especificar em que ruas do bairro estão sendo feitas as observações feitas? Croquis, Mapa / planta, Fotos, Entrevistas – foram feitas?</p>
<p>2.1. Terreno:</p> <p>1) superfície plana ou declive?</p> <p>2) propriedade conjunta?</p>	

<p>3) rua bloqueada ou sem saída? 4) muros/limites? 5) distância da rua, com calçadas?</p> <p>2.2. Localização dos terrenos :</p> <p>1) área de risco geológico ? 2) área de risco industrial? 3) área de risco de deslizamento ? 4) área de risco de inundação ou alagamento ? 5) área de risco de doenças (lixão/lixo na rua, valão... insetos ou roedores vistos e/ou ambientes que sejam favoráveis para eles viverem)? 6) área de risco de acesso à água ? 7) área de risco de acesso à eletricidade? 8) área com risco outro observado, <u>qual</u>?</p>	
<p>3 - Os outros espaços : OBS: Note-se a distância à partir das casas/ edifícios residenciais e os acessos bem como a capacidade dos acessos.</p>	<p>Listar e mapear observações feitas Especificar em que ruas do bairro estão sendo feitas as observações. Croquis, Mapa / planta, Fotos, Entrevistas – foram feitas?</p>
<p>3.1. espaços de uso público: um campo de esporte, jardins, praças, parque infantil, creche, escola (onde? Se não, onde há?) , posto de saúde (onde? Se não, onde há?), locais de culto religioso (onde? Se não, onde há?)...</p> <p>3.2. pontos de encontro para quem ?</p> <p>3.3. Espaços abandonados...? Quais?</p> <p>3.4. Tipo de negócios: 3.4.1. loja informal ou não? Onde os informais se situam? 3.4.2. lojas em ruas, becos ou vielas ? 3.4.3. lojas: embaixo/ ou na frente das casas e/ou edifícios habitacionais? 3.4.4. grandes espaços comerciais? Supermercados e outros comércios? Uso específico pela população da área observada e/ou de outros habitantes da cidade?</p> <p>3.5. coleta de lixo? identificar onde o lixo é</p>	

depositado?	
<p style="text-align: center;">4 - A apropriação do espaço</p>	<p style="text-align: center;">Listar e mapear observações feitas Especificar em que ruas do bairro estão sendo feitas as observações. Croquis, Mapa / planta, Fotos, Entrevistas – foram feitas?</p>
<p>4.1. Há marcas e/ou lugares importantes? Como foram identificados pelo grupo?</p> <p>4.2. Há desvios de função? Oposição espaço privado / público mais ou menos privado, mais ou menos público; observe se a moradia abriga função de algum equipamento público</p> <p>4.3. Estratégias de enfrentamento de ameaça/risco: espontânea (dada pelo morador) e/ou não espontânea (através de políticas públicas/intervenção do Estado)? Qual ameaça/risco parece associado a estratégia mapeada?</p>	
<p style="text-align: center;">5- Os caminhos e circulações</p>	<p style="text-align: center;">Listar e mapear observações feitas Especificar em que ruas do bairro estão sendo feitas as observações. Croquis, Mapa / planta, Fotos, Entrevistas – foram feitas?</p>
<p>5.1. circulação no interior do bairro:</p> <p style="margin-left: 40px;"><input type="checkbox"/> auto construída ou não?</p> <p style="margin-left: 40px;"><input type="checkbox"/> estrutura e material</p> <p>5.2. Movimentação entre os espaços observados – como ocorre?</p> <p>5.3. Ligação com o exterior, entre o bairro e os outros bairros – como ocorre? transporte público</p> <p style="margin-left: 40px;"><input type="checkbox"/> tempo de acesso a pé até o supermercado mais próximo</p> <p style="margin-left: 40px;"><input type="checkbox"/> tempo de acesso entre a casa / trabalho</p>	

<p>* Como as pessoas definem os limites do seu bairro?</p> <p>* Como é que eles chamam o bairro?</p>	
--	--